



**Um Teto Todo Seu**

Virginia Woolf

Tradução Literunico

Edição Literunico gratuita. Gerada em 20/05/2026 23:33.

## Nota editorial

Esta edição em português brasileiro foi preparada pela Literunico a partir de *A Room of One's Own*, de Virginia Woolf, em texto público do Wikisource. A tradução compõe o corpo do livro; comentário e orientação de leitura ficam separados no Almanaque, no curso e nos arquivos de descoberta.

Auditoria: 6 capítulos, 137 parágrafos e cerca de 35.345 palavras.

# Sumário

1. **01** Capítulo I
2. **02** Capítulo II
3. **03** Capítulo III
4. **04** Capítulo IV
5. **05** Capítulo V
6. **06** Capítulo VI

# 01. Capítulo I

Oxbridge, mulheres e ficção

Mas, você pode dizer, pedimos que você falasse sobre mulheres e ficção – o que isso tem a ver com um quarto próprio? Vou tentar explicar. Quando você me pediu para falar sobre mulheres e ficção, sentei-me às margens de um rio e comecei a me perguntar o que as palavras significavam. Podem significar simplesmente alguns comentários sobre Fanny Burney; mais alguns sobre Jane Austen; uma homenagem aos Brontës e um esboço da paróquia de Haworth sob a neve; algumas piadas, se possível, sobre Miss Mitford; uma alusão respeitosa a George Eliot; uma referência à Sra. Gaskell e teria bastado. Mas à segunda vista as palavras não pareciam tão simples. O título mulheres e ficção pode significar, e você pode ter pretendido que significasse, mulheres e como elas são; ou pode significar mulheres e a ficção que escrevem; ou pode significar mulheres e a ficção escrita sobre elas; ou pode significar que de alguma forma todos os três estão inextricavelmente misturados e você quer que eu os considere sob essa luz. Mas quando comecei a considerar o assunto desta última forma, que me pareceu a mais interessante, logo percebi que ele tinha uma desvantagem fatal. Eu nunca deveria ser capaz de chegar a uma conclusão. Eu nunca seria capaz de cumprir o que é, pelo que sei, o primeiro dever de um conferencista: entregar-lhe, após uma hora de discurso, uma pepita de pura verdade para embrulhar entre as páginas de seus cadernos e mantê-la sobre a lareira para sempre. Tudo o que pude fazer foi oferecer-lhe uma opinião sobre um ponto menor: uma mulher deve ter dinheiro e um quarto próprio se quiser escrever ficção; e isso, como você verá, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira

natureza da ficção. Esqueci-me do dever de chegar a uma conclusão sobre estas duas questões - as mulheres e a ficção continuam, no que me diz respeito, a ser problemas por resolver. Mas, para fazer as pazes, farei o que puder para mostrar como cheguei a essa opinião sobre o quarto e o dinheiro. Vou desenvolver em sua presença tão plena e livremente quanto puder a linha de pensamento que me levou a pensar isso. Talvez se eu expor as ideias, os preconceitos que estão por trás desta afirmação, você descobrirá que eles têm alguma influência sobre as mulheres e alguma influência sobre a ficção. De qualquer forma, quando um assunto é altamente controverso - e qualquer questão sobre sexo é isso - não se pode esperar dizer a verdade. Só se pode mostrar como se chegou a ter qualquer opinião que se tenha. Só se pode dar ao público a oportunidade de tirar as suas próprias conclusões ao observar as limitações, os preconceitos, as idiossincrasias do orador. É provável que a ficção aqui contenha mais verdade do que fatos. Portanto, proponho-me, fazendo uso de todas as liberdades e licenças de um romancista, contar-lhe a história dos dois dias que precederam a minha vinda aqui - como, curvado pelo peso do assunto que você colocou sobre meus ombros, ponderei sobre ele e o fiz funcionar dentro e fora da minha vida diária. Não preciso dizer que o que estou prestes a descrever não existe; Oxbridge é uma invenção; Fernham também; "Eu" é apenas um termo conveniente para alguém que não tem um ser real. Mentiras fluirão dos meus lábios, mas talvez haja alguma verdade misturada com elas; cabe a você buscar essa verdade e decidir se vale a pena manter alguma parte dela. Caso contrário, é claro que você jogará tudo no cesto de lixo e esquecerá tudo.

Aqui estava eu (me chame de Mary Beton, Mary Seton, Mary Carmichael ou qualquer nome que você queira - não é uma questão de qualquer

importância) sentada nas margens de um rio há uma ou duas semanas, no bom tempo de outubro, perdida em pensamentos. Aquela incumbência de que falei, mulheres e ficção, a necessidade de chegar a alguma conclusão sobre um assunto que suscita todo tipo de preconceitos e paixões, baixou minha cabeça até o chão. À direita e à esquerda, algum tipo de arbusto, dourado e carmesim, brilhava com a cor, mesmo parecendo queimado pelo calor, do fogo. Na outra margem, os salgueiros choravam em lamentação perpétua, com os cabelos caídos sobre os ombros. O rio refletia tudo o que quisesse entre céu, ponte e árvore em chamas, e quando o estudante remou seu barco através dos reflexos, eles se fecharam novamente, completamente, como se ele nunca tivesse existido. Ali alguém poderia ficar sentado o tempo todo perdido em pensamentos. O pensamento — para chamá-lo por um nome mais orgulhoso do que merecia — deixou sua linha cair na correnteza. Ele balançou, minuto após minuto, para cá e para lá entre os reflexos e as ervas daninhas, deixando a água levantá-lo e afundá-lo, até que - você conhece o pequeno puxão - o súbito conglomerado de uma ideia no final da linha: e depois o cauteloso puxá-lo para dentro, e a cuidadosa disposição dele? Infelizmente, deitado na grama, quão pequeno e insignificante parecia esse meu pensamento; o tipo de peixe que um bom pescador coloca de volta na água para que engorde e um dia valha a pena cozinhar e comer. Não vou incomodá-los com esse pensamento agora, embora se olharem com cuidado poderão descobri-lo por si mesmos no decorrer do que vou dizer.

Mas, por menor que fosse, tinha, no entanto, a propriedade misteriosa de seu tipo - colocada de volta na mente, tornou-se ao mesmo tempo muito excitante e importante; e à medida que avançava e afundava, e brilhava de um lado para outro, criou uma tal onda e tumulto de ideias que era

impossível ficar parado. Foi assim que me vi andando com extrema rapidez por um gramado. Instantaneamente, a figura de um homem ergueu-se para me interceptar. A princípio, também não compreendi que as gesticulações de um objeto de aparência curiosa, de casaco cortado e camisa de noite, eram dirigidas a mim. Seu rosto expressava horror e indignação. O instinto, e não a razão, veio em meu auxílio; ele era um bedel; Eu era uma mulher. Este era o território; ali estava o caminho. Somente os Fellows e Scholars são permitidos aqui; o cascalho é o lugar para mim. Tais pensamentos foram obra de um momento. Quando retomei o caminho, os braços do Beadle afundaram, seu rosto assumiu o repouso habitual e, embora a grama seja melhor para andar do que o cascalho, nenhum dano muito grande foi causado. A única acusação que eu poderia apresentar contra os bolsistas e acadêmicos, seja lá qual fosse a faculdade, era que, para proteger seu território, que foi revirado por 300 anos consecutivos, eles haviam mandado meus peixinhos para o esconderijo.

Que ideia foi que me levou a invadir tão audaciosamente, eu não conseguia me lembrar agora. O espírito de paz desceu como uma nuvem do céu, pois se o espírito de paz habita em algum lugar, é nas cortes e quadrantes de Oxbridge, numa bela manhã de outubro. Passeando por aquelas faculdades, passando por aqueles salões antigos, a aspereza do presente parecia suavizada; o corpo parecia contido num miraculoso armário de vidro através do qual nenhum som podia penetrar, e a mente, livre de qualquer contato com os fatos (a menos que alguém invadissem a relva novamente), tinha a liberdade de se estabelecer em qualquer meditação que estivesse em harmonia com o momento. Por acaso, alguma lembrança perdida de algum ensaio antigo sobre visitar Oxbridge nas longas férias trouxe à mente Charles Lamb — São Carlos, disse Thackeray, colocando uma carta de Lamb

na testa. Na verdade, entre todos os mortos (apresento-vos os meus pensamentos à medida que me vieram), Lamb é um dos mais agradáveis; alguém a quem gostaríamos de dizer: Diga-me então como você escreveu seus ensaios? Pois seus ensaios são superiores até mesmo aos de Max Beerbohm, pensei, com toda a sua perfeição, por causa daquele lampejo selvagem de imaginação, daquela explosão relâmpago de gênio no meio deles que os deixa falhos e imperfeitos, mas estrelados pela poesia. Lamb veio para Oxbridge talvez há cem anos. Certamente ele escreveu um ensaio — o nome me escapa — sobre o manuscrito de um dos poemas de Milton que viu aqui. Talvez fosse Lycidas, e Lamb escreveu como ficou chocado ao pensar que era possível que qualquer palavra em Lycidas pudesse ser diferente do que é. Pensar em Milton mudando as palavras daquele poema parecia-lhe uma espécie de sacrilégio. Isso me levou a lembrar o que pude de Lycidas e a me divertir adivinhando qual palavra poderia ter sido alterada por Milton e por quê. Ocorreu-me então que o próprio manuscrito que Lamb examinara estava a apenas algumas centenas de metros de distância, de modo que era possível seguir os passos de Lamb através do pátio até aquela famosa biblioteca onde o tesouro é guardado. Além disso, lembrei-me, ao colocar este plano em execução, que é nesta famosa biblioteca que o manuscrito de Esmond, de Thackeray, também está preservado. Os críticos costumam dizer que Esmond é o romance mais perfeito de Thackeray. Mas a afetação do estilo, com sua imitação do século XVIII, dificulta, pelo que me lembro; a menos que, de fato, o estilo do século XVIII fosse natural para Thackeray - um fato que se poderia provar olhando o manuscrito e verificando se as alterações foram em benefício do estilo ou do sentido. Mas então seria preciso decidir o que é estilo e o que é significado, uma questão que... mas aqui estava eu, na verdade, na porta que

dá para a própria biblioteca. Devo tê-lo aberto, pois imediatamente apareceu, como um anjo da guarda barrando o caminho com um esvoaçar de vestido preto em vez de asas brancas, um cavalheiro depreciativo, prateado e gentil, que lamentou em voz baixa enquanto me acenava de volta que as senhoras só são admitidas na biblioteca se acompanhadas por um membro do Colégio ou munidas de uma carta de apresentação.

O fato de uma biblioteca famosa ter sido amaldiçoada por uma mulher é uma questão de total indiferença para uma biblioteca famosa. Venerável e calmo, com todos os seus tesouros trancados em seu peito, ele dorme complacentemente e, no que me diz respeito, dormirá assim para sempre. Nunca despertarei esses ecos, nunca mais pedirei aquela hospitalidade, prometi enquanto descia os degraus com raiva. Ainda faltava uma hora para o almoço, e o que fazer? Passear pelos prados? sentar à beira do rio? Certamente era uma linda manhã de outono; as folhas flutuavam vermelhas até o chão; não houve grande dificuldade em fazer isso. Mas o som da música chegou aos meus ouvidos. Algum serviço ou celebração estava acontecendo. O órgão gemeu magnificamente quando passei pela porta da capela. Até mesmo a tristeza do cristianismo soava naquele ar sereno mais como uma lembrança da tristeza do que como a própria tristeza; até os gemidos do antigo órgão pareciam banhados em paz. Eu não desejava entrar se tivesse direito, e desta vez o vereador poderia ter me impedido, exigindo talvez minha certidão de batismo ou uma carta de apresentação do reitor. Mas o exterior destes magníficos edifícios é muitas vezes tão bonito como o interior. Além disso, era bastante divertido observar a congregação reunida, entrando e saindo novamente, ocupando-se na porta da Capela como abelhas na boca de uma colmeia. Muitos estavam de boné e beca; alguns tinham tufos de pêlo nos ombros; outros eram transportados em cadeiras de

rodas; outros, embora não tivessem passado da meia-idade, pareciam enrugados e esmagados em formas tão singulares que nos lembravam daqueles caranguejos e lagostins gigantes que se movimentam com dificuldade pela areia de um aquário. Encostado na parede, a Universidade parecia de fato um santuário no qual são preservados tipos raros que logo ficariam obsoletos se fossem deixados para lutar pela existência nas calçadas do Strand. Velhas histórias de antigos reitores e antigos reitores me vieram à mente, mas antes que eu tivesse coragem de assobiar - costumava-se dizer que ao som de um apito o velho professor - - imediatamente começou a galopar - a venerável congregação havia entrado. O exterior da capela permaneceu. Como vocês sabem, suas altas cúpulas e pináculos podem ser vistos, como um veleiro sempre viajando e nunca chegando, iluminados à noite e visíveis por quilômetros, ao longe, através das colinas. Outrora, presumivelmente, este quadrilátero com os seus relevados lisos, os seus edifícios maciços e a própria capela também era um pântano, onde a erva ondulava e os porcos fuçavam. Pares de cavalos e bois, pensei, devem ter puxado a pedra em carroças de condados distantes, e então, com trabalho infinito, os blocos cinzentos, sob cuja sombra eu estava agora, foram colocados em ordem, um em cima do outro, e então os pintores trouxeram seus vidros para as janelas, e os pedreiros estiveram ocupados durante séculos naquele telhado com massa e cimento, pá e espátula. Todos os sábados, alguém devia ter derramado ouro e prata de uma bolsa de couro em seus punhos antigos, pois provavelmente tomavam cerveja e boliche à noite. Um fluxo interminável de ouro e prata, pensei, deve ter fluído perpetuamente para este pátio para manter as pedras chegando e os pedreiros trabalhando; nivelar, valar, cavar e drenar. Mas era então a era da fé, e dinheiro foi derramado generosamente para fixar estas pedras num

alicerce profundo, e quando as pedras foram erguidas, ainda mais dinheiro foi derramado dos cofres de reis e rainhas e grandes nobres para garantir que os hinos fossem cantados aqui e os estudiosos ensinados. As terras foram concedidas; os dízimos foram pagos. E quando a era da fé terminou e a era da razão chegou, o mesmo fluxo de ouro e prata continuou; bolsas foram fundadas; palestras dotadas; apenas o ouro e a prata fluíam agora, não dos cofres do rei, mas dos cofres dos comerciantes e fabricantes, das bolsas dos homens que tinham feito, digamos, uma fortuna com a indústria, e devolviam, nos seus testamentos, uma parte generosa dessa fortuna para dotar mais cátedras, mais cátedras, mais bolsas de estudo na universidade onde tinham aprendido o seu ofício. Daí as bibliotecas e laboratórios; os observatórios; o esplêndido equipamento de instrumentos caros e delicados que agora se encontra em prateleiras de vidro, onde há séculos a erva ondulava e os porcos fuçavam. Certamente, enquanto eu caminhava pelo pátio, a base de ouro e prata parecia bastante profunda; o pavimento assentava solidamente sobre a grama selvagem. Homens com bandejas na cabeça andavam atarefados de escada em escada. Flores vistosas desabrochavam nas floreiras das janelas. Os acordes do gramofone soavam nas salas internas. Era impossível não refletir — a reflexão, fosse ela qual fosse, foi interrompida. O relógio bateu. Era hora de encontrar o caminho para o almoço.

É curioso que os romancistas consigam nos fazer acreditar que os almoços são invariavelmente memoráveis por algo muito espirituoso que foi dito ou por algo muito sábio que foi feito. Mas eles raramente reservam uma palavra para o que foi comido. Faz parte da convenção do romancista não mencionar a sopa, o salmão e os patinhos, como se a sopa, o salmão e os patinhos não tivessem qualquer importância, como se ninguém alguma vez

tivesse fumado um charuto ou bebido um copo de vinho. Aqui, porém, tomarei a liberdade de desafiar essa convenção e de dizer-lhes que o almoço desta ocasião começou com linguado, mergulhado num prato fundo, sobre o qual o cozinheiro da faculdade espalhou uma colcha do creme mais branco, exceto que estava marcado aqui e ali com manchas marrons, como as manchas nos flancos de uma corça. Depois vieram as perdizes, mas se isto sugere um casal de pássaros marrons e carecas num prato, você está enganado. As perdizes, muitas e variadas, vieram com todo o seu séquito de molhos e saladas, os picantes e os doces, cada um na sua ordem; as batatas, finas como moedas, mas não tão duras; seus brotos, foliados como botões de rosa, mas mais suculentos. E assim que o assado e sua comitiva terminaram, o criado silencioso, o próprio bedel, talvez numa manifestação mais branda, colocou diante de nós, envolto em guardanapos, um doce que subia das ondas todo açúcar. Chamá-lo de pudim e relacioná-lo com arroz e tapioca seria um insulto. Enquanto isso, as taças de vinho ficaram amareladas e vermelhas; havia sido esvaziado; estava preenchido. E assim, gradativamente, foi acesa, a meio caminho da espinha, que é a sede da alma, não aquela pequena e forte luz elétrica que chamamos de brilho, à medida que entra e sai de nossos lábios, mas o brilho mais profundo, sutil e subterrâneo que é a rica chama amarela da relação racional. Não há necessidade de pressa. Não há necessidade de brilhar. Não há necessidade de ser ninguém além de si mesmo. Todos nós vamos para o céu e Vandyck faz parte da companhia - em outras palavras, quão boa a vida parecia, quão doces suas recompensas, quão trivial era esse rancor ou aquela mágoa, quão admirável era a amizade e a companhia de alguém, como, ao acender um bom cigarro, alguém afundado entre as almofadas do assento da janela.

Se por sorte houvesse um cinzeiro à mão, se não tivéssemos jogado as cinzas pela janela por defeito, se as coisas tivessem sido um pouco diferentes do que eram, não teríamos visto, presumivelmente, um gato sem rabo. A visão daquele animal abrupto e truncado caminhando suavemente pelo quadrilátero mudou, por algum acaso da inteligência subconsciente, a luz emocional para mim. Era como se alguém tivesse deixado cair uma sombra. Talvez o excelente jarrete estivesse abandonando o controle. Certamente, enquanto observava o gato Manx parar no meio do gramado como se também questionasse o universo, algo parecia faltar, algo parecia diferente. Mas o que faltava, o que havia de diferente, me perguntava, ouvindo a palestra? E para responder a essa pergunta tive que pensar fora da sala, voltar ao passado, antes da guerra, na verdade, e colocar diante dos meus olhos o modelo de outro almoço realizado em salas não muito distantes destas; mas diferente. Tudo era diferente. Enquanto isso, a conversa prosseguia entre os convidados, que eram muitos e jovens, alguns deste sexo, outros daquele; tudo correu bem, de forma agradável, livre e divertida. E à medida que prosseguia, coloquei-o no contexto daquela outra palestra e, ao combinar os dois, não tive dúvidas de que um era o descendente, o herdeiro legítimo do outro. Nada foi alterado; nada era diferente, exceto apenas: aqui eu ouvia com todos os meus ouvidos, não inteiramente o que estava sendo dito, mas o murmúrio ou corrente por trás disso. Sim, era isso - a mudança estava lá. Antes da guerra, num almoço como este, as pessoas teriam dito exactamente as mesmas coisas, mas teriam soado diferentes, porque naquela época eram acompanhadas por uma espécie de zumbido, não articulado, mas musical, excitante, que mudava o valor das próprias palavras. Alguém poderia definir aquele zumbido em palavras? Talvez com a ajuda dos poetas isso fosse possível. Um livro estava ao meu lado e, abrindo-

o, virei-me casualmente para Tennyson. E aqui encontrei Tennyson cantando:

Caiu uma lágrima esplêndida  
Da flor do maracujá no portão. Ela está vindo,  
minha pomba, minha querida; Ela está chegando,  
minha vida, meu destino; A rosa vermelha grita:  
“Ela está perto, ela está perto”; E a rosa branca  
chora: “Ela está atrasada”; O larkspur escuta:  
"Eu ouço, eu ouço"; E o lírio sussurra:  
"Eu espero."

Era isso que os homens cantarolavam nos almoços antes da guerra? E as mulheres?

Meu coração é como um pássaro canoro cujo ninho está num rebento aquático; Meu coração é como uma macieira cujos galhos são dobrados com frutos grossos; Meu coração é como uma concha de arco-íris Que nada em um mar tranquilo; Meu coração está mais feliz do que tudo isso Porque meu amor chegou até mim.

Era isso que as mulheres cantarolavam nos almoços antes da guerra?

Havia algo tão ridículo em pensar em pessoas cantarolando essas coisas mesmo baixinho em almoços antes da guerra que comecei a rir e tive que explicar minha risada apontando para o gato Manx, que parecia um pouco absurdo, pobre animal, sem rabo, no meio do gramado. Ele realmente nasceu assim ou perdeu o rabo em um acidente? O gato sem cauda, embora alguns existam na Ilha de Man, é mais raro do que se pensa. É um animal estranho, mais pitoresco do que bonito. É estranha a diferença que um rabo faz — você sabe o tipo de coisas que se diz quando um almoço termina e as pessoas estão encontrando seus casacos e chapéus.

Este, graças à hospitalidade do anfitrião, durou até tarde. O lindo dia de outubro estava desaparecendo e as folhas caíam das árvores da avenida enquanto eu caminhava por ela. Portão após portão parecia fechar-se com suave determinação atrás de mim. Inúmeros bedeles colocavam inúmeras chaves em fechaduras bem lubrificadas; a casa do tesouro estava sendo protegida por mais uma noite. Depois da avenida chega-se a uma estrada - esqueci o nome - que leva, se virar à direita, até Fernham. Mas havia muito tempo. O jantar só seria às sete e meia. Quase se poderia passar sem jantar depois de um almoço assim. É estranho como um fragmento de poesia funciona na mente e faz com que as pernas se movam no ritmo dele ao longo da estrada. Essas palavras—

Caiu uma lágrima esplêndida Da flor do maracujá no portão. Ela está vindo, minha pomba, minha querida...

cantava em meu sangue enquanto eu caminhava rapidamente em direção a Headingley. E então, passando para o outro compasso, cantei, onde as águas são agitadas pelo açude:

Meu coração é como um pássaro canoro cujo ninho está num rebento aquático; Meu coração é como uma macieira...

Que poetas, exclamei em voz alta, como se faz ao anoitecer, que poetas eram!

Numa espécie de ciúme, suponho, para a nossa época, por mais tolas e absurdas que sejam essas comparações, comecei a me perguntar se honestamente seria possível nomear dois poetas vivos hoje tão grandes quanto Tennyson e Christina Rossetti eram então. Obviamente é impossível, pensei, olhando para aquelas águas espumosas, compará-las. A verdadeira

razão pela qual essa poesia estimula tal abandono, tal êxtase, é que ela celebra algum sentimento que alguém costumava ter (talvez em almoços antes da guerra), de modo que se responde com facilidade, familiaridade, sem se preocupar em verificar o sentimento, ou compará-lo com qualquer que se tenha agora. Mas os poetas vivos expressam um sentimento que na verdade está sendo feito e arrancado de nós neste momento. Em primeiro lugar, não se reconhece isso; muitas vezes, por alguma razão, alguém teme isso; observamos com atenção e comparamos com ciúme e desconfiança com o antigo sentimento que tínhamos. Daí a dificuldade da poesia moderna; e é por causa dessa dificuldade que não conseguimos lembrar mais do que dois versos consecutivos de qualquer bom poeta moderno. Por esta razão – que minha memória me falhou – a discussão foi sinalizada por falta de material. Mas por que, continuei, seguindo em direção a Headingley, paramos de cantarolar baixinho nos almoços? Por que Alfred parou de cantar

Ela está vindo, minha pomba, minha querida.

Por que Christina parou de responder

Meu coração está mais feliz do que tudo isso Porque meu amor chegou até mim?

Devemos colocar a culpa na guerra? Quando as armas dispararam em agosto de 1914, será que os rostos dos homens e das mulheres se mostraram tão claros nos olhos uns dos outros que o romance foi destruído? Certamente foi um choque (em particular para as mulheres com as suas ilusões sobre a educação, e assim por diante) ver os rostos dos nossos governantes à luz dos bombardeamentos. Pareciam tão feios — alemães, ingleses, franceses —, tão estúpidos. Mas colocar a culpa onde quiser, em

quem quiser, a ilusão que inspirou Tennyson e Christina Rossetti a cantar com tanta paixão sobre a vinda de seus amores é muito mais rara agora do que antes. Basta ler, olhar, ouvir, lembrar. Mas por que dizer “culpa”? Por que, se foi uma ilusão, não elogiar a catástrofe, seja ela qual for, que destruiu a ilusão e colocou a verdade em seu lugar? Na verdade... esses pontos marcam o local onde, em busca da verdade, perdi a chegada a Fernham. Sim, de fato, o que era verdade e o que era ilusão, perguntei a mim mesmo? Qual era a verdade sobre estas casas, por exemplo, agora sombrias e festivas com as suas janelas vermelhas ao entardecer, mas cruas e vermelhas e sórdidas, com os seus doces e os seus atacadores, às nove horas da manhã? E os salgueiros e o rio e os jardins que descem até ao rio, vagos agora com a neblina a envolvê-los, mas dourados e vermelhos à luz do sol — qual era a verdade, qual era a ilusão sobre eles? Poupe-lhe as voltas e reviravoltas das minhas cogitações, pois não foi encontrada nenhuma conclusão na estrada para Headingley, e peço-lhe que suponha que logo descobri o meu erro sobre a curva e refiz os meus passos até Fernham.

Como já disse que era um dia de outubro, não me atrevo a perder o seu respeito e a pôr em perigo o bom nome da ficção mudando a estação e descrevendo lilases pendurados nos muros do jardim, açafrões, tulipas e outras flores da primavera. A ficção deve ater-se aos fatos, e quanto mais verdadeiros forem os fatos, melhor será a ficção - é o que nos dizem. Portanto, ainda era outono e as folhas ainda estavam amarelas e caíam, no mínimo, um pouco mais rápido do que antes, porque já era noite (sete e vinte e três, para ser preciso) e uma brisa (de sudoeste, para ser exato) havia aumentado. Mas apesar de tudo isso havia algo estranho em ação:

Meu coração é como um pássaro canoro cujo ninho está num rebento aquático; Meu coração é como uma macieira cujos galhos são dobrados com frutos grossos -

talvez as palavras de Christina Rossetti tenham sido parcialmente responsáveis pela loucura da fantasia - é claro, não passava de uma fantasia - de que o lilás balançava suas flores sobre os muros do jardim, e as borboletas de enxofre voavam de um lado para outro, e a poeira do pólen estava no ar. Soprou um vento, não sei de que lado, mas levantou as folhas meio crescidas, de modo que houve um lampejo de cinza prateado no ar. Era o intervalo entre as luzes, quando as cores se intensificavam e os roxos e dourados queimavam nas vidraças como a batida de um coração excitável; quando, por alguma razão, a beleza do mundo se revelou e logo pereceria (aí eu empurrei para o jardim, pois, imprudentemente, a porta foi deixada aberta e nenhum bedel parecia estar por perto), a beleza do mundo que está prestes a perecer, tem duas arestas, uma de riso, uma de angústia, cortando o coração em pedaços. Os jardins de Fernham estendiam-se diante de mim no crepúsculo da primavera, selvagens e abertos, e na grama alta, espalhada e atirada descuidadamente, havia narcisos e campânulas, talvez desordenados, talvez na melhor das hipóteses, e agora soprados pelo vento e balançando enquanto arrancavam suas raízes. As janelas do edifício, curvadas como janelas de navio entre generosas ondas de tijolos vermelhos, mudavam do limão para o prateado sob o voo das rápidas nuvens primaveris. Alguém estava numa rede, alguém, mas naquela luz eram apenas fantasmas, meio adivinhados, meio vistos, correndo pela grama - ninguém a impediria? Tudo estava obscuro, mas também intenso, como se o lenço que o crepúsculo lançara sobre o jardim tivesse sido rasgado por uma estrela ou por uma espada - o lampejo de alguma realidade terrível

saltando, como sempre, do coração da primavera. Para jovens — — —

Aqui estava minha sopa. O jantar estava sendo servido no grande refeitório. Longe de ser primavera, era na verdade uma noite de outubro. Todos estavam reunidos na grande sala de jantar. O jantar estava pronto. Aqui estava a sopa. Era uma sopa simples de molho. Não havia nada que despertasse a imaginação nisso. Poderíamos ter visto através do líquido transparente qualquer padrão que pudesse existir na própria placa. Mas não havia padrão. O prato era simples. Em seguida veio a carne bovina acompanhada de verduras e batatas - uma trindade caseira, sugerindo as costas de gado em um mercado lamacento, e brotos enrolados e amarelados nas bordas, e barganha e barateamento, e mulheres com sacos de barbante na manhã de segunda-feira. Não havia razão para reclamar da alimentação diária da natureza humana, visto que o abastecimento era suficiente e que os mineiros de carvão sem dúvida estavam sentados com menos. Seguiram-se ameixas e creme. E se alguém reclamar que as ameixas secas, mesmo quando atenuadas com creme, são um vegetal pouco caridoso (não são frutas), pegajosas como o coração de um avarento e exsudando um fluido como o que pode correr nas veias dos avarentos que se negaram vinho e calor durante oitenta anos e ainda assim não foram dados aos pobres, ele deveria refletir que há pessoas cuja caridade abrange até mesmo a ameixa seca. Os biscoitos e o queijo vieram em seguida, e aqui o jarro de água foi distribuído generosamente, pois é da natureza dos biscoitos serem secos, e estes eram biscoitos até o miolo. Isso foi tudo. A refeição acabou. Todos arrastaram as cadeiras para trás; as portas de vaivém balançavam violentamente de um lado para outro; logo o salão foi esvaziado de todos os sinais de comida e, sem dúvida, preparado para o café da manhã seguinte. Descendo corredores e subindo escadas, os jovens da Inglaterra batiam e

cantavam. E foi para um convidado, um estranho (pois eu não tinha mais nada aqui em Fernham do que em Trinity ou Somerville ou Girton ou Newnham ou Christchurch), dizer: “O jantar não foi bom”, ou dizer (estávamos agora, Mary Seton e eu, na sala de estar dela): “Não poderíamos ter jantado aqui sozinhos?” pois se eu tivesse dito algo desse tipo, estaria bisbilhotando e investigando as economias secretas de uma casa que, para o estranho, exibe tão bela fachada de alegria e coragem. Não, não se poderia dizer nada disso. Na verdade, a conversa foi interrompida por um momento. Sendo a estrutura humana o que é, coração, corpo e cérebro todos misturados, e não contidos em compartimentos separados como estarão sem dúvida dentro de um milhão de anos, um bom jantar é de grande importância para uma boa conversa. Não se pode pensar bem, amar bem, dormir bem, se não se janta bem. A lâmpada na lombada não acende em carne e ameixas secas. Provavelmente estamos todos indo para o céu, e Vandyck, esperamos, nos encontrará na próxima esquina — esse é o estado de espírito duvidoso e qualificador que a carne bovina e as ameixas secas no final do dia de trabalho geram entre eles. Felizmente, meu amigo, que ensinava ciências, tinha um armário onde havia uma garrafa grande e pequenos copos - (mas deveria haver linguado e perdiz para começar) - para que pudéssemos nos aproximar do fogo e reparar alguns dos danos da vida do dia. Em cerca de um minuto, estávamos entrando e saindo livremente entre todos aqueles objetos de curiosidade e interesse que se formam na mente na ausência de uma pessoa específica e que são naturalmente discutidos quando nos reunimos novamente - como alguém se casou e outro não; um pensa isso, outro aquilo; um superou todo o conhecimento, o outro, surpreendentemente, foi para o mal - com todas aquelas especulações sobre a natureza humana e o caráter do mundo incrível em que vivemos, que

surgem naturalmente de tais começos. Entretanto, enquanto estas coisas eram ditas, tomei consciência, envergonhado, de uma corrente que se instalava por si mesma e que levava tudo para um fim próprio. Poderíamos estar falando de Espanha ou Portugal, de livro ou de cavalo de corrida, mas o verdadeiro interesse de tudo o que foi dito não foi nada disso, mas uma cena de pedreiros num telhado alto há cerca de cinco séculos. Reis e nobres trouxeram tesouros em enormes sacos e os despejaram sob a terra. Essa cena estava sempre ganhando vida em minha mente e se posicionando ao lado de outra, de vacas magras e um mercado lamacento e verduras murchas e os corações fibrosos de velhos - essas duas imagens, por mais desconexas, desconectadas e absurdas que fossem, estavam sempre se unindo e lutando uma contra a outra e me deixavam inteiramente à sua mercê. A melhor solução, a menos que toda a conversa fosse distorcida, era expor ao ar o que estava em minha mente, quando, com sorte, isso desapareceria e desmoronaria como a cabeça do rei morto quando abriram o caixão em Windsor. contei brevemente à senhorita Seton sobre os pedreiros que estiveram todos aqueles anos no telhado da capela, e sobre os reis, rainhas e nobres carregando sacos de ouro e prata nos ombros, que eles enterravam na terra; e depois como os grandes magnatas financeiros do nosso tempo vieram e depositaram cheques e títulos, suponho, onde os outros depositaram lingotes e torrões de ouro. Tudo isso está abaixo das faculdades lá embaixo, eu disse; mas nesta faculdade, onde estamos agora, o que há sob seus galantes tijolos vermelhos e a grama selvagem e mal cuidada do jardim? Que força está por trás daquela porcelana simples com a qual jantamos e (aqui saiu da minha boca antes que eu pudesse impedir) a carne, o creme e as ameixas?

Bem, disse Mary Seton, por volta do ano de 1860 - Ah, mas você conhece a história, disse ela, entediada, suponho, com o recital. E ela me disse: quartos foram alugados. Os comitês se reuniram. Envelopes foram endereçados. Circulares foram elaboradas. Foram realizadas reuniões; as cartas foram lidas; fulano prometeu tanto; pelo contrário, o Sr. — — — não dará um centavo. A Saturday Review foi muito rude. Como podemos arrecadar um fundo para pagar os escritórios? Vamos fazer um bazar? Não podemos encontrar uma garota bonita para sentar na primeira fila? Vejamos o que John Stuart Mill disse sobre o assunto. Alguém pode persuadir o editor do — — — a imprimir uma carta? Podemos fazer com que Lady — — — assine? Senhora — — — está fora da cidade. Foi assim que se fez, presumivelmente, há sessenta anos, e foi um esforço prodigioso, e muito tempo foi gasto nisso. E foi só depois de uma longa luta e com muita dificuldade que conseguiram juntos trinta mil libras. Então, obviamente, não podemos permitir vinho, perdizes e criados carregando pratos de lata na cabeça, disse ela. Não podemos ter sofás e salas separadas. "As comodidades", disse ela, citando um livro ou outro, "terão que esperar."

Ao pensar em todas aquelas mulheres trabalhando ano após ano e achando difícil conseguir duas mil libras juntas, e tudo o que podiam fazer para conseguir trinta mil libras, explodimos em desprezo pela pobreza repreensível do nosso sexo. O que nossas mães estavam fazendo naquela época para não terem riquezas para nos deixar? Passando pó no nariz? Olhando as vitrines das lojas? Ostentando ao sol em Monte Carlo? Havia algumas fotografias sobre a lareira. A mãe de Mary - se esse fosse o seu retrato - pode ter sido uma perdulária em seu tempo livre (ela teve treze filhos com um ministro da igreja), mas se assim fosse, sua vida alegre e dissipada havia deixado poucos vestígios de seus prazeres em seu rosto. Ela

era um corpo caseiro; uma senhora idosa com um xale xadrez preso por um grande camafeu; e ela sentou-se numa cadeira de vime, encorajando um spaniel a olhar para a câmara, com a expressão divertida, mas tensa, de quem tem certeza de que o cachorro se moverá assim que a lâmpada for pressionada. Agora, se ela tivesse entrado no mundo dos negócios; tornara-se fabricante de seda artificial ou magnata da Bolsa de Valores; se ela tivesse deixado duzentas ou trezentas mil libras para Fernham, poderíamos estar sentados à vontade esta noite e o assunto da nossa conversa poderia ter sido arqueologia, botânica, antropologia, física, a natureza do átomo, matemática, astronomia, relatividade, geografia. Se ao menos a senhora Seton e sua mãe e sua mãe antes dela tivessem aprendido a grande arte de ganhar dinheiro e tivessem deixado seu dinheiro, como seus pais e seus avós antes deles, para fundar bolsas de estudo e palestras e prêmios e bolsas de estudo apropriados para o uso de seu próprio sexo, poderíamos ter jantado muito toleravelmente aqui sozinhos com um pássaro e uma garrafa de vinho; poderíamos ter esperado sem indevida confiança uma vida agradável e honrosa passada no abrigo de uma das profissões liberalmente dotadas. Poderíamos estar explorando ou escrevendo; sonhando sobre os lugares veneráveis da terra; sentar-me contemplativamente nos degraus do Partenon, ou ir para um escritório às dez horas e voltar confortavelmente para casa às quatro e meia para escrever um pouco de poesia. Só que, se a Sra. Seton e seus semelhantes tivessem entrado no mundo dos negócios aos quinze anos, não teria havido — esse era o problema da discussão — nenhuma Mary. O que, perguntei, Mary achou disso? Ali, entre as cortinas, estava a noite de outubro, calma e encantadora, com uma ou duas estrelas presas nas árvores amareladas. Estaria ela disposta a renunciar à sua parte e às suas memórias (pois tinham sido uma família feliz, embora numerosa)

de jogos e brigas na Escócia, que ela nunca se cansa de elogiar pela delicadeza do seu ar e pela qualidade dos seus bolos, para que Fernham pudesse ter sido dotado com cerca de cinquenta mil libras por um golpe de caneta? Pois, para financiar uma faculdade, seria necessária a supressão total das famílias. Ganhar fortuna e ter treze filhos - nenhum ser humano suportaria isso. Considere os fatos, dissemos. Primeiro faltam nove meses para o bebê nascer. Então o bebê nasce. Depois, são três ou quatro meses gastos alimentando o bebê. Depois que o bebê é alimentado, certamente passam cinco anos brincando com ele. Parece que não se pode deixar as crianças correrem pelas ruas. Pessoas que os viram correndo soltos na Rússia dizem que a visão não é agradável. As pessoas também dizem que a natureza humana toma forma entre um e cinco anos. Se a Sra. Seton, eu disse, estivesse ganhando dinheiro, que tipo de lembranças você teria de jogos e brigas? O que você saberia sobre a Escócia, e seu ar puro, seus bolos e todo o resto? Mas é inútil fazer estas perguntas, porque você nunca teria existido. Além disso, é igualmente inútil perguntar o que poderia ter acontecido se a Sra. Seton e sua mãe e sua mãe antes dela tivessem acumulado grande riqueza e a lançado sob as fundações da faculdade e da biblioteca, porque, em primeiro lugar, ganhar dinheiro era impossível para elas, e em segundo lugar, se isso fosse possível, a lei lhes negava o direito de possuir o dinheiro que ganhavam. Foi apenas nos últimos quarenta e oito anos que a Sra. Seton teve seu próprio centavo. Durante todos os séculos anteriores, teria sido propriedade do seu marido - um pensamento que, talvez, possa ter contribuído para manter a Sra. Seton e as suas mães fora da Bolsa de Valores. Cada centavo que eu ganhar, eles podem ter dito, será tirado de mim e distribuído de acordo com a sabedoria de meu marido - talvez para fundar uma bolsa de estudos ou para doar uma bolsa de estudos

em Balliol ou Kings, de modo que ganhar dinheiro, mesmo que eu pudesse ganhar dinheiro, não seja uma questão que me interesse muito. É melhor deixar isso para meu marido.

De qualquer forma, quer a culpa recaísse ou não sobre a velha senhora que olhava para o spaniel, não poderia haver dúvida de que, por uma razão ou outra, as nossas mães tinham administrado mal os seus assuntos de forma muito grave. Nem um centavo poderia ser poupado em “comodidades”; para perdizes e vinho, beadles e turfa, livros e charutos, bibliotecas e lazer. Erguer paredes nuas da terra nua era o máximo que podiam fazer.

Então conversamos em pé junto à janela e olhando, como milhares de pessoas olham todas as noites, para as cúpulas e torres da famosa cidade abaixo de nós. Era muito lindo, muito misterioso sob o luar de outono. A velha pedra parecia muito branca e venerável. Pensei em todos os livros que estavam reunidos ali; dos quadros de antigos prelados e dignitários pendurados nas salas apaineladas; das janelas pintadas que lançavam estranhos globos e crescentes na calçada; das tabuinhas e memoriais e inscrições; das fontes e da grama; dos quartos tranquilos com vista para os quadrantes tranquilos. E (perdoem-me a ideia) pensei também no admirável fumo e bebida, nas poltronas fundas e nos tapetes agradáveis: na urbanidade, na genialidade, na dignidade que são fruto do luxo, da privacidade e do espaço. Certamente nossas mães não nos proporcionaram nada comparável a tudo isso — nossas mães que tiveram dificuldade para juntar trinta mil libras, nossas mães que deram à luz treze filhos de ministros religiosos em St. Andrews.

Então voltei para minha estalagem e, enquanto caminhava pelas ruas escuras, ponderei sobre isso e aquilo, como se faz no final do dia de

trabalho. Pensei por que a Sra. Seton não tinha dinheiro para nos deixar; e que efeito a pobreza tem na mente; e que efeito a riqueza tem na mente; e pensei nos velhos cavalheiros estranhos que vira naquela manhã, com tufos de pelos nos ombros; e lembrei-me de como, se alguém assobiasse, um deles corria; e pensei no órgão ressoando na capela e nas portas fechadas da biblioteca; e pensei como é desagradável ficar trancado do lado de fora; e pensei como talvez seja pior estar trancado; e, pensando na segurança e prosperidade de um sexo e na pobreza e insegurança do outro e no efeito da tradição e da falta de tradição na mente de um escritor, pensei finalmente que era hora de enrolar a pele amassada do dia, com seus argumentos e suas impressões e sua raiva e seu riso, e jogá-la na cerca viva. Mil estrelas brilhavam nas imensidões azuis do céu. Parecia que estávamos sozinhos numa sociedade inescrutável. Todos os seres humanos estavam adormecidos – deitados, horizontais, mudos. Ninguém parecia se mexer nas ruas de Oxbridge. Até a porta do hotel se abriu ao toque de uma mão invisível – nem uma bota estava sentada para me levar para a cama, era muito tarde.

## 02. Capítulo II

A biblioteca e as opiniões dos homens

A cena, se me permite pedir que me siga, agora mudou. As folhas ainda caíam, mas agora em Londres, não em Oxbridge; e devo pedir-lhe que imagine uma sala, como muitas milhares, com uma janela que dá para outras janelas através dos chapéus das pessoas, das carrinhas e dos automóveis, e sobre a mesa dentro da sala uma folha de papel em branco onde estava escrito em letras grandes Mulheres e Ficção, mas nada mais. A sequência inevitável de almoçar e jantar em Oxbridge parecia, infelizmente, ser uma visita ao Museu Britânico. É preciso eliminar o que foi pessoal e acidental em todas essas impressões e assim alcançar o fluido puro, o óleo essencial da verdade. Pois aquela visita a Oxbridge e o almoço e o jantar deram início a um enxame de perguntas. Por que os homens bebiam vinho e as mulheres água? Por que um sexo era tão próspero e o outro tão pobre? Que efeito a pobreza tem na ficção? Que condições são necessárias para a criação de obras de arte? — surgiram mil perguntas ao mesmo tempo. Mas eram necessárias respostas, não perguntas; e uma resposta só seria obtida consultando os eruditos e os sem preconceitos, que se afastaram do conflito de línguas e da confusão do corpo e publicaram o resultado de seu raciocínio e pesquisa em livros que podem ser encontrados no Museu Britânico. Se a verdade não se encontra nas prateleiras do Museu Britânico, onde, perguntei-me, pegando num caderno e num lápis, está a verdade?

Assim provido, assim confiante e indagador, parti em busca da verdade. O dia, embora não realmente chuvoso, estava sombrio, e as ruas nas vizinhanças do Museu estavam cheias de buracos de carvão abertos, por onde choviam sacos; táxis de quatro rodas estavam puxando e depositando

na calçada caixas com cordas contendo, presumivelmente, todo o guarda-roupa de alguma família suíça ou italiana em busca de fortuna ou refúgio ou alguma outra mercadoria desejável que pode ser encontrada nas pensões de Bloomsbury no inverno. Os habituais homens de voz rouca desfilavam pelas ruas com plantas em carrinhos de mão. Alguns gritaram; outros cantaram. Londres era como uma oficina. Londres era como uma máquina. Estávamos todos sendo atirados para frente e para trás nesta base simples para criar algum padrão. O Museu Britânico era outro departamento da fábrica. As portas giratórias se abriram; e ali estávamos sob a vasta cúpula, como se fôssemos um pensamento na enorme testa calva que é tão esplendidamente cercada por uma faixa de nomes famosos. Um foi até o balcão; um pegou um pedaço de papel; abrimos um volume do catálogo e... os cinco pontos aqui indicam cinco minutos separados de estupefação, admiração e perplexidade. Você tem noção de quantos livros são escritos sobre mulheres no decorrer de um ano? Você tem noção de quantos foram escritos por homens? Você sabe que é, talvez, o animal mais discutido do universo? Aí eu vim com um caderno e um lápis propondo passar uma manhã lendo, supondo que no final da manhã eu deveria ter transferido a verdade para o meu caderno. Mas eu precisaria ser uma manada de elefantes, pensei, e uma selva de aranhas, referindo-me desesperadamente aos animais que têm a reputação de viverem mais e de terem olhos mais numerosos, para lidar com tudo isso. Eu precisaria de garras de aço e bico de latão até mesmo para penetrar a casca. Como poderei encontrar os grãos de verdade embutidos em toda esta massa de papel? Perguntei a mim mesmo e, em desespero, comecei a percorrer a longa lista de títulos. Até os nomes dos livros me deram o que pensar. O sexo e a sua natureza poderiam muito bem atrair médicos e biólogos; mas o que foi surpreendente e difícil de explicar foi o fato de que o sexo - a

mulher, isto é - também atrai ensaístas agradáveis, romancistas de dedos leves, jovens que fizeram mestrado; homens que não se formaram; homens que não têm nenhuma qualificação aparente, exceto o fato de não serem mulheres. Alguns desses livros eram, aparentemente, frívolos e jocosos; mas muitos, por outro lado, eram sérios e proféticos, morais e exortativos. A mera leitura dos títulos sugeriu inúmeros professores, inúmeros clérigos subindo em suas plataformas e púlpitos e pronunciando-se com uma loquacidade que excedia em muito a hora normalmente reservada para tal discurso sobre este assunto. Foi um fenômeno muito estranho; e aparentemente - aqui consulte a letra M - confinada ao sexo masculino. As mulheres não escrevem livros sobre os homens - um fato que não pude deixar de acolher com alívio, pois se eu tivesse que ler primeiro tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres, e depois tudo o que as mulheres escreveram sobre os homens, o aloés que floresce uma vez em cem anos floresceria duas vezes antes de eu poder pôr a caneta no papel. Assim, fazendo uma escolha perfeitamente arbitrária de cerca de uma dúzia de volumes, enviei meus pedaços de papel para a bandeja de arame e esperei em minha barraca, entre os outros buscadores, pelo óleo essencial da verdade.

Qual poderia ser a razão, então, desta curiosa disparidade?, perguntei-me, desenhando carrinhos nos pedaços de papel fornecidos pelo contribuinte britânico para outros fins. Por que as mulheres, a julgar por este catálogo, são muito mais interessantes para os homens do que os homens para as mulheres? Parecia um fato muito curioso, e minha mente vagou imaginando a vida de homens que passam seu tempo escrevendo livros sobre mulheres; fossem eles velhos ou jovens, casados ou solteiros, de nariz vermelho ou corcunda - de qualquer forma, era vagamente lisonjeiro sentir-se objeto de

tal atenção, desde que não fosse inteiramente concedida pelos aleijados e enfermos - então ponderei até que todos esses pensamentos frívolos foram encerrados por uma avalanche de livros deslizando para a mesa à minha frente. Agora o problema começou. O estudante que foi treinado em pesquisa em Oxbridge tem, sem dúvida, algum método para conduzir sua pergunta além de todas as distrações, até que ela encontre a resposta, como uma ovelha corre para o curral. O aluno ao meu lado, por exemplo, que copiava assiduamente um manual científico, estava, tenho certeza, extraindo pepitas puras do minério essencial a cada dez minutos ou mais. Seus pequenos grunhidos de satisfação indicavam muito. Mas se, infelizmente, não se teve formação numa universidade, a questão, longe de ser conduzida até ao seu curral, voa como um rebanho assustado para lá e para cá, desordenadamente, perseguido por toda uma matilha de cães. Professores, professores, sociólogos, clérigos, romancistas, ensaístas, jornalistas, homens que não tinham nenhuma qualificação a não ser o fato de não serem mulheres, perseguiram a minha pergunta simples e única - Porque são as mulheres pobres? - até se tornarem cinquenta perguntas; até que as cinquenta perguntas saltaram freneticamente para o meio do caminho e foram levadas embora. Cada página do meu caderno estava rabiscada com anotações. Para mostrar o estado de espírito em que me encontrava, vou ler-vos alguns deles, explicando que o título da página era muito simples: Mulheres e Pobreza, em letras maiúsculas; mas o que se seguiu foi algo assim:

Condição na Idade Média de, Hábitos nas Ilhas Fiji de, Adoradas como deusas por, Mais fracas no sentido moral do que, Idealismo de, Maior consciência de, Ilhéus dos Mares do Sul, idade da puberdade entre, Atratividade de, Oferecido como sacrifício a, Tamanho pequeno do cérebro

de, Subconsciência mais profunda de, Menos pêlos no corpo de, Inferioridade mental, moral e física de, Amor pelos filhos de, Maior duração de vida de, Músculos mais fracos de, Força dos afetos de, Vaidade de, Ensino superior de, opinião de Shakespeare sobre, opinião de Lord Birkenhead sobre, opinião de Dean Inge sobre, opinião de La Bruyère sobre, opinião do Dr.

Aqui respirei fundo e acrescentei, na verdade, na margem: Por que Samuel Butler diz: "Os homens sábios nunca dizem o que pensam das mulheres?" Aparentemente, os homens sábios nunca dizem mais nada. Mas, continuei, recostando-me na cadeira e olhando para a vasta cúpula em que eu era um pensamento solitário, mas agora um tanto atormentado, o que é tão lamentável é que os homens sábios nunca pensam a mesma coisa sobre as mulheres. Aqui está o Papa:

E aqui está La Bruyère:

Eu não poderia voltar para casa, pensei, e acrescentar, como uma contribuição séria ao estudo das mulheres e da ficção, que as mulheres têm menos pelos no corpo do que os homens, ou que a idade da puberdade entre os ilhéus dos Mares do Sul é nove - ou será noventa? Era uma vergonha não ter nada mais importante ou respeitável para mostrar depois de uma manhã inteira de trabalho. E se eu não consegui compreender a verdade sobre W. (como, para ser breve, passei a chamá-la) no passado, por que me preocupar com W. no futuro? Parecia pura perda de tempo consultar todos aqueles cavalheiros que se especializaram na mulher e no seu efeito sobre o que quer que seja - política, filhos, salários, moralidade - por mais numerosos e instruídos que sejam. Seria melhor deixar seus livros fechados.

Mas enquanto ponderava, inconscientemente, na minha apatia, no meu desespero, estive a desenhar um quadro onde deveria, tal como o meu vizinho, estar a escrever uma conclusão. Eu estava desenhando um rosto, uma figura. Era o rosto e a figura do professor von X. empenhado em escrever sua obra monumental intitulada A inferioridade mental, moral e física do sexo feminino. Ele não era, na minha imagem, um homem atraente para as mulheres. Ele era fortemente construído; ele tinha uma papada grande; para equilibrar, ele tinha olhos muito pequenos; ele estava com o rosto muito vermelho. Sua expressão sugeria que ele estava dominado por alguma emoção que o fazia espetar a caneta no papel como se estivesse matando algum inseto nocivo enquanto escrevia, mas mesmo quando matou, isso não o satisfiz; ele deve continuar matando-o; e mesmo assim, permaneceu algum motivo para raiva e irritação. Poderia ser a esposa dele, perguntei, olhando minha foto? Ela estava apaixonada por um oficial de cavalaria? O oficial de cavalaria era magro e elegante e usava astracã? Será que ele foi ridicularizado, para adotar a teoria freudiana, em seu berço, por uma garota bonita? Pois mesmo em seu berço o professor, pensei, não poderia ter sido uma criança atraente. Seja qual for o motivo, o professor pareceu muito zangado e muito feio no meu esboço, enquanto escrevia seu grande livro sobre a inferioridade mental, moral e física das mulheres. Desenhar era uma forma ociosa de terminar um trabalho matinal inútil. No entanto, é na nossa ociosidade, nos nossos sonhos, que a verdade submersa às vezes vem à tona. Um exercício muito elementar de psicologia, que não deve ser dignificado pelo nome de psicanálise, mostrou-me, ao olhar para o meu caderno, que o esboço do professor irritado tinha sido feito com raiva. A raiva roubou meu lápis enquanto eu sonhava. Mas o que a raiva estava fazendo ali? Interesse, confusão, diversão, tédio - todas essas emoções eu

pude rastrear e nomear à medida que se sucediam ao longo da manhã. Será que a raiva, a cobra negra, estava à espreita entre eles? Sim, dizia o esboço, a raiva tinha. Referiu-me inequivocamente ao único livro, à única frase que despertou o demônio; foi a afirmação do professor sobre a inferioridade mental, moral e física das mulheres. Meu coração deu um pulso. Minhas bochechas estavam queimadas. Eu estava vermelho de raiva. Não havia nada de especialmente notável, por mais tolo que fosse, nisso. Não gostamos que nos digam que somos naturalmente inferiores a um homenzinho — olhei para o aluno ao meu lado — que respira com dificuldade, usa gravata pronta e não se barbeou há duas semanas. Temos certas vaidades tolas. É apenas a natureza humana, refleti, e comecei a desenhar cambalhotas e círculos no rosto do irritado professor até que ele parecesse uma sarça ardente ou um cometa flamejante — de qualquer forma, uma aparição sem aparência ou significado humano. O professor agora não passava de um feixe de lenha queimando no topo de Hampstead Heath. Logo minha própria raiva foi explicada e acabada; mas a curiosidade permaneceu. Como explicar a raiva dos professores? Por que eles estavam com raiva? Pois quando se tratava de analisar a impressão deixada por esses livros sempre havia um elemento de calor. Esse calor assumiu muitas formas; mostrou-se na sátira, no sentimento, na curiosidade, na reprovação. Mas havia outro elemento que estava frequentemente presente e não podia ser imediatamente identificado. Raiva, eu chamei. Mas foi a raiva que passou à clandestinidade e se misturou com todos os tipos de outras emoções. A julgar pelos seus efeitos estranhos, era uma raiva disfarçada e complexa, e não uma raiva simples e aberta.

Seja qual for o motivo, todos esses livros, pensei, examinando a pilha sobre a mesa, são inúteis para meus propósitos. Eles eram inúteis cientificamente,

isto é, embora humanamente estivessem cheios de instrução, interesse, tédio e fatos muito estranhos sobre os hábitos dos habitantes das Ilhas Fiji. Foram escritas à luz vermelha da emoção e não à luz branca da verdade. Portanto, eles devem ser devolvidos à mesa central e restituídos cada um à sua cela no enorme favo de mel. Tudo o que consegui recuperar do trabalho daquela manhã foi o único fato da raiva. Os professores - eu os agrupei assim - ficaram furiosos. Mas porquê, perguntei-me, depois de devolver os livros, porquê, repeti, parado sob a colunata entre os pombos e as canoas pré-históricas, porque estão zangados? E, fazendo-me esta pergunta, saí em busca de um lugar para almoçar. Qual é a verdadeira natureza daquilo que chamo neste momento de raiva? Perguntei. Aqui estava um quebra-cabeça que duraria todo o tempo necessário para ser servido com comida em um pequeno restaurante em algum lugar perto do Museu Britânico. Algum dos freqüentadores anteriores havia deixado a edição do almoço do jornal vespertino em uma cadeira e, esperando ser servido, comecei a ler preguiçosamente as manchetes. Uma faixa de letras muito grandes atravessava a página. Alguém fez um grande sucesso na África do Sul. Fitas menores anunciavam que Sir Austen Chamberlain estava em Genebra. Um machado de carne com cabelo humano foi encontrado em um porão. Senhor Juiz — — comentou nos Tribunais de Divórcio sobre a Vergonha das Mulheres. Espalhadas pelo jornal havia outras notícias. Uma atriz de cinema foi baixada de um pico na Califórnia e pendurada no ar. O tempo estaria nublado. O visitante mais transitório deste planeta, pensei, que pegasse este documento não poderia deixar de estar ciente, mesmo a partir deste testemunho disperso, de que a Inglaterra está sob o domínio de um patriarcado. Ninguém em sã consciência poderia deixar de detectar o domínio do professor. Dele era o poder, o dinheiro e a influência. Ele era o

proprietário do jornal e seu editor e subeditor. Ele era o Ministro das Relações Exteriores e o Juiz. Ele era o jogador de críquete; ele era dono dos cavalos de corrida e dos iates. Ele era o diretor da empresa que paga duzentos por cento aos seus acionistas. Ele deixou milhões para instituições de caridade e faculdades que eram governadas por ele mesmo. Ele suspendeu a atriz de cinema no ar. Ele decidirá se o cabelo do machado de carne é humano; será ele quem absolverá ou condenará o assassino, e o enforcará, ou o deixará ir em liberdade. Com exceção da neblina, ele parecia controlar tudo. No entanto, ele estava com raiva. Eu sabia que ele estava zangado com esse sinal. Quando li o que ele escreveu sobre as mulheres, pensei não no que ele dizia, mas em si mesmo. Quando um argumentador argumenta desapaixonadamente, ele pensa apenas no argumento; e o leitor não pode deixar de pensar também no argumento. Se ele tivesse escrito desapaixonadamente sobre as mulheres, tivesse usado provas indiscutíveis para estabelecer o seu argumento e não tivesse mostrado nenhum sinal de desejo de que o resultado fosse uma coisa e não outra, também não teríamos ficado zangados. Ter-se-ia aceitado o fato, tal como se aceita o fato de uma ervilha ser verde ou amarelo-canário. Assim seja, eu deveria ter dito. Mas eu estava com raiva porque ele estava com raiva. No entanto, parecia absurdo, pensei, folheando o jornal vespertino, que um homem com todo esse poder estivesse zangado. Ou seria a raiva, perguntei-me, de alguma forma, o espírito familiar e acompanhante do poder? As pessoas ricas, por exemplo, ficam muitas vezes zangadas porque suspeitam que os pobres querem confiscar a sua riqueza. Os professores, ou patriarcas, como seria mais correto chamá-los, podem ficar zangados em parte por esse motivo, mas em parte por algo que está um pouco menos óbvio na superfície. Possivelmente eles não estavam nem um pouco “zangados”; muitas vezes, de fato, eram

admiradores, dedicados e exemplares nas relações da vida privada. Possivelmente, quando o professor insistiu um pouco enfaticamente na inferioridade das mulheres, ele estava preocupado não com a inferioridade delas, mas com a sua própria superioridade. Era isso que ele protegia com a cabeça quente e com demasiada ênfase, porque era para ele uma joia de valor raríssimo. A vida para ambos os sexos - e eu olhei para eles, abrindo caminho pela calçada - é árdua, difícil, uma luta perpétua. Exige coragem e força gigantescas. Mais do que tudo, talvez, criaturas de ilusão como somos, exige confiança em si mesmo. Sem autoconfiança somos como bebês no berço. E como podemos gerar esta qualidade imponderável, mas tão inestimável, mais rapidamente? Pensando que as outras pessoas são inferiores a você. Sentindo que se tem alguma superioridade inata - pode ser a riqueza, ou a posição, um nariz reto, ou o retrato de um avô feito por Romney - pois não há fim para os artifícios patéticos da imaginação humana - sobre outras pessoas. Daí a enorme importância para um patriarca que tem de conquistar, que tem de governar, de sentir que um grande número de pessoas, na verdade metade da raça humana, são por natureza inferiores a ele. Na verdade, deve ser uma das principais fontes de seu poder. Mas deixe-me iluminar a vida real desta observação, pensei. Ajuda explicar alguns desses enigmas psicológicos que observamos à margem da vida cotidiana? Será que isso explica meu espanto outro dia quando Z, o mais humano e mais modesto dos homens, pegando um livro de Rebecca West e lendo uma passagem nele, exclamou: "A feminista flagrante! Ela diz que os homens são esnobes!" A exclamação, para mim tão surpreendente - pois por que Miss West era uma feminista flagrante por fazer uma declaração possivelmente verdadeira, embora pouco elogiosa, sobre o outro sexo? - não foi apenas o grito de vaidade ferida; foi um protesto contra alguma violação

do seu poder de acreditar em si mesmo. As mulheres serviram todos estes séculos como espelhos, possuindo o poder mágico e delicioso de refletir a figura do homem com o dobro do seu tamanho natural. Sem esse poder, provavelmente a Terra ainda seria um pântano e uma selva. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas. Ainda deveríamos estar traçando contornos de veados em restos de ossos de carneiro e trocando pederneiras por peles de ovelha ou qualquer ornamento simples que agradasse ao nosso gosto pouco sofisticado. Super-Homens e Dedos do Destino nunca teriam existido. O Czar e o Kaiser nunca teriam usado coroas ou perdido-as. Qualquer que seja a sua utilização nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais para todas as ações violentas e heróicas. É por isso que Napoleão e Mussolini insistem tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois se não fossem inferiores, deixariam de crescer. Isso serve para explicar em parte a necessidade que as mulheres tantas vezes representam para os homens. E serve para explicar o quão inquietos eles ficam sob as críticas dela; quão impossível é para ela dizer-lhes que este livro é ruim, que esta imagem é fraca, ou o que quer que seja, sem causar muito mais dor e despertar muito mais raiva do que faria um homem que fizesse a mesma crítica. Pois se ela começa a dizer a verdade, a figura no espelho encolhe; sua aptidão para a vida diminui. Como ele poderá continuar a julgar, a civilizar os nativos, a fazer leis, a escrever livros, a vestir-se bem e a discursar em banquetes, a menos que possa se ver no café da manhã e no jantar com pelo menos o dobro do tamanho que realmente é? Então refleti, esfarelando o pão e mexendo o café e olhando de vez em quando para as pessoas na rua. A visão do espelho é de suprema importância porque carrega vitalidade; estimula o sistema nervoso. Tire isso e o homem poderá morrer, como o viciado em drogas privado de sua

cocaína. Enfeitiçado por essa ilusão, pensei, olhando pela janela, metade das pessoas na calçada caminhava para o trabalho. Eles colocavam chapéus e casacos pela manhã sob seus raios agradáveis. Eles começam o dia confiantes, preparados, acreditando que são desejados no chá da Srta. Smith; eles dizem para si mesmos ao entrarem na sala, eu sou o superior de metade das pessoas aqui, e é assim que falam com aquela autoconfiança, aquela autoconfiança, que teve conseqüências tão profundas na vida pública e levou a notas tão curiosas na margem da mente privada.

Mas essas contribuições para o perigoso e fascinante tema da psicologia do outro sexo — que, espero, você investigará quando tiver quinhentos dólares por ano — foram interrompidas pela necessidade de pagar a conta. Chegou a cinco xelins e nove centavos. Dei ao garçom uma nota de dez xelins e ele foi me trazer troco. Havia outra nota de dez xelins na minha bolsa; Percebi isso porque é um fato que ainda me deixa sem fôlego — o poder da minha bolsa de gerar notas de dez xelins automaticamente. Abro e lá estão eles. A sociedade me dá frango e café, cama e hospedagem, em troca de uma certa quantidade de papéis que uma tia me deixou, sem outra razão a não ser compartilhar o nome dela.

Minha tia, Mary Beton, devo dizer-lhe, morreu ao cair do cavalo quando estava cavalgando para tomar ar em Bombaim. A notícia do meu legado chegou até mim uma noite, mais ou menos na mesma época em que foi aprovada a lei que dava voto às mulheres. A carta de um advogado caiu na caixa do correio e quando a abri descobri que ela me deixara quinhentas libras por ano para sempre. Dos dois - o voto e o dinheiro - o dinheiro, reconheço, parecia infinitamente o mais importante. Antes disso, eu ganhava a vida vendendo biscates nos jornais, reportando um show de burros aqui ou

um casamento ali; Eu ganhara algumas libras endereçando envelopes, lendo para velhinhas, fazendo flores artificiais, ensinando o alfabeto a crianças pequenas no jardim de infância. Essas eram as principais ocupações abertas às mulheres antes de 1918. Receio que não precisei descrever em detalhes a dureza do trabalho, pois talvez você conheça mulheres que o realizaram; nem a dificuldade de viver com o dinheiro quando ele foi ganho, pois você pode ter tentado. Mas o que ainda permanece comigo como uma inflição pior do que qualquer outra foi o veneno do medo e da amargura que aqueles dias criaram em mim. Para começar, estar sempre fazendo um trabalho que não se queria fazer, e fazê-lo como um escravo, lisonjeando e bajulando, talvez nem sempre necessariamente, mas parecia necessário e os riscos eram grandes demais para correr riscos; e então o pensamento daquele presente que era a morte esconder - um pequeno, mas querido para quem o possui - perecendo e com ele meu eu, minha alma - tudo isso se tornou como uma ferrugem corroendo a flor da primavera, destruindo a árvore em seu coração. Porém, como já disse, minha tia morreu; e sempre que mudo uma nota de dez xelins, um pouco dessa ferrugem e corrosão é removida; o medo e a amargura vão embora. Na verdade, pensei, guardando a prata na bolsa, é notável, lembrando-me da amargura daqueles dias, a mudança de humor que uma renda fixa provocará. Nenhuma força no mundo pode tirar de mim minhas quinhentas libras. Comida, casa e roupas são minhas para sempre. Portanto, não apenas cessam o esforço e o trabalho, mas também o ódio e a amargura. Não preciso odiar nenhum homem; ele não pode me machucar. Não preciso lisonjear nenhum homem; ele não tem nada para me dar. Então, imperceptivelmente, me vi adotando uma nova atitude em relação à outra metade da raça humana. Era um absurdo culpar qualquer classe ou sexo como um todo. Grandes grupos de pessoas nunca são responsáveis pelo que

fazem. Eles são movidos por instintos que não estão sob seu controle. Eles também, os patriarcas, os professores, tiveram dificuldades intermináveis, inconvenientes terríveis para enfrentar. A educação deles foi, em alguns aspectos, tão falha quanto a minha. Isso gerou neles defeitos igualmente grandes. É verdade que eles tinham dinheiro e poder, mas apenas à custa de abrigar no peito uma águia, um abutre, para sempre arrancando o fígado e depenando os pulmões - o instinto de posse, a raiva de aquisição que os leva a desejar perpetuamente os campos e os bens de outras pessoas; fazer fronteiras e bandeiras; navios de guerra e gás venenoso; oferecer suas próprias vidas e as vidas de seus filhos. Caminhe pelo Arco do Almirantado (cheguei àquele monumento), ou por qualquer outra avenida abandonada a troféus e canhões, e reflita sobre o tipo de glória ali celebrada. Ou observe, sob o sol da primavera, o corretor da bolsa e o grande advogado entrando em casa para ganhar dinheiro, e mais dinheiro, e mais dinheiro, quando é fato que quinhentas libras por ano manterão alguém vivo ao sol. São instintos desagradáveis para abrigar, refleti. Eles são criados pelas condições de vida; da falta de civilização, pensei, olhando para a estátua do duque de Cambridge, e em particular para as penas do seu chapéu armado, com uma fixidez que raramente tinham recebido antes. E, à medida que percebi essas desvantagens, aos poucos o medo e a amargura transformaram-se em piedade e tolerância; e então, em um ou dois anos, a piedade e a tolerância desapareceram, e veio a maior libertação de todas, que é a liberdade de pensar nas coisas em si mesmas. Aquele prédio, por exemplo, gosto ou não? Essa foto é linda ou não? Na minha opinião, esse é um livro bom ou ruim? Na verdade, o legado de minha tia revelou-me o céu e substituiu a figura grande e imponente de um cavalheiro, que Milton recomendou para minha adoração perpétua, uma vista do céu aberto.

Na minha pequena rua, porém, prevalecia a domesticidade. O pintor de paredes descia a escada; a babá empurrava o carrinho com cuidado para dentro e para fora do chá das crianças; o carregador de carvão dobrava os sacos vazios uns sobre os outros; a dona da mercearia contava o lucro do dia com as mãos calçadas com luvas vermelhas. Mas eu estava tão absorto com o problema que você colocou sobre meus ombros que não conseguia ver nem mesmo essas paisagens habituais sem referi-las a um centro. Pensei em como é muito mais difícil agora do que há um século atrás dizer qual desses empregos é o mais elevado, o mais necessário. É melhor ser coletor de carvão ou babá; a faxineira que criou oito filhos tem menos valor para o mundo do que o advogado que ganhou cem mil libras? É inútil fazer tais perguntas; pois ninguém pode respondê-las. Não só os valores comparativos das faxineiras e dos advogados aumentam e diminuem de década para década, como também não temos medidas para medi-los, mesmo como estão neste momento. Fui tolo ao pedir ao meu professor que me fornecesse “provas indiscutíveis” disto ou daquilo em seu argumento sobre as mulheres. Mesmo que se pudesse declarar o valor de qualquer presente neste momento, esses valores mudarão; dentro de um século, muito possivelmente, terão mudado completamente. Além disso, dentro de cem anos, pensei, ao chegar à minha porta, as mulheres terão deixado de ser o sexo protegido. Logicamente, eles participarão de todas as atividades e esforços que antes lhes eram negados. A babá vai levantar carvão. A lojista dirigirá um motor. Todas as suposições baseadas nos fatos observados quando as mulheres eram o sexo protegido terão desaparecido - como, por exemplo (aqui um pelotão de soldados marchou pela rua), que as mulheres, os clérigos e os jardineiros vivem mais do que as outras pessoas. Remova essa proteção, exponha-os aos mesmos esforços e atividades, transforme-os em soldados, marinheiros, maquinistas e trabalhadores portuários, e as

mulheres não morrerão tão mais jovens, muito mais rápido que os homens, a ponto de alguém dizer: “Hoje vi uma mulher”, como se costumava dizer: “Vi um avião”. Tudo pode acontecer quando a feminilidade deixar de ser uma ocupação protegida, pensei, abrindo a porta. Mas que relação tem tudo isto com o tema do meu artigo, Mulheres e Ficção? Eu perguntei, entrando.

## 03. Capítulo III

Judith Shakespeare

Foi decepcionante não ter trazido à noite alguma declaração importante, algum fato autêntico. As mulheres são mais pobres que os homens porque – isto ou aquilo. Talvez agora fosse melhor desistir de procurar a verdade e de receber na cabeça uma avalanche de opiniões quentes como lava, descoloridas como água de lavar louça. Seria melhor fechar as cortinas; para excluir distrações; acender a lâmpada; estreitar a investigação e pedir ao historiador, que regista não opiniões mas fatos, que descreva em que condições as mulheres viveram, não ao longo dos tempos, mas em Inglaterra, digamos no tempo de Isabel.

Pois é um eterno enigma saber por que nenhuma mulher escreveu uma palavra daquela literatura extraordinária quando todos os outros homens, ao que parecia, eram capazes de cantar ou soneto. Quais eram as condições em que viviam as mulheres, perguntei-me; pois a ficção, isto é, o trabalho imaginativo, não cai como uma pedra no chão, como acontece com a ciência; a ficção é como uma teia de aranha, talvez presa levemente, mas ainda presa à vida em todos os quatro cantos. Muitas vezes o apego é quase imperceptível; As peças de Shakespeare, por exemplo, parecem ficar ali sozinhas. Mas quando a teia é puxada tortamente, enganchada nas bordas, rasgada no meio, lembramos que essas teias não são tecidas no ar por criaturas incorpóreas, mas são obra de seres humanos sofrendores e estão ligadas a coisas grosseiramente materiais, como a saúde, o dinheiro e as casas em que vivemos.

Fui, portanto, até a estante onde estavam as histórias e peguei uma das mais recentes, a História da Inglaterra, do professor Trevelyan. Mais uma vez procurei Mulheres, encontrei “posição de” e folheei as páginas indicadas. “Espancar a esposa”, li, “era um direito reconhecido do homem, e era praticado sem vergonha tanto pelos altos como pelos baixos... Da mesma forma”, prossegue o historiador, “a filha que se recusasse a casar com o cavalheiro da escolha dos seus pais estava sujeita a ser trancada, espancada e atirada pela sala, sem que qualquer choque fosse infligido à opinião pública. enquanto uma ou ambas as partes estavam no berço, e casamento quando mal estavam sob a responsabilidade das enfermeiras. Isso foi por volta de 1470, logo depois da época de Chaucer. A próxima referência à posição das mulheres ocorre cerca de duzentos anos depois, na época dos Stuarts. "Ainda era uma exceção para as mulheres da classe alta e média escolherem seus próprios maridos, e quando o marido era designado, ele era senhor e mestre, pelo menos até onde a lei e os costumes podiam fazê-lo. Mesmo assim", conclui o professor Trevelyan, "nem as mulheres de Shakespeare nem as das memórias autênticas do século XVII, como as Verneys e as Hutchinsons, parecem carentes de personalidade e caráter." Certamente, se considerarmos isso, Cleópatra deve ter tido jeito com ela; Lady Macbeth, poder-se-ia supor, tinha vontade própria; Rosalind, poder-se-ia concluir, era uma garota atraente. O professor Trevelyan não está falando mais do que a verdade quando observa que as mulheres de Shakespeare não parecem carentes de personalidade e caráter. Não sendo historiador, pode-se ir ainda mais longe e dizer que as mulheres brilharam como faróis em todas as obras de todos os poetas desde o início dos tempos - Clitemnestra, Antígona, Cleópatra, Lady Macbeth, Fedra, Créssida, Rosalind, Desdêmona, a Duquesa de Malfi, entre os dramaturgos; depois, entre os prosadores:

Millamant, Clarissa, Becky Sharp, Anna Karenine, Emma Bovary, Madame de Guermantes — os nomes vêm à mente, nem lembram mulheres "sem personalidade e caráter". Na verdade, se a mulher não existisse senão na ficção escrita pelos homens, poderíamos imaginá-la como uma pessoa da maior importância; muito variado; heróico e mesquinho; esplêndido e sórdido; infinitamente belo e horrível ao extremo; tão grande quanto um homem, alguns pensam ainda maior. Mas esta é a mulher na ficção. Na verdade, como salienta o professor Trevelyan, ela foi trancada, espancada e atirada pela sala.

Surge assim um ser muito estranho e composto. Imaginativamente ela é da maior importância; praticamente ela é completamente insignificante. Ela permeia a poesia de capa a capa; ela está praticamente ausente da história. Ela domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na verdade, ela era escrava de qualquer menino cujos pais forçassem um anel em seu dedo. Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura saem de seus lábios; na vida real, ela mal sabia ler, mal sabia soletrar e era propriedade do marido.

Foi certamente um monstro estranho que se inventou lendo primeiro os historiadores e depois os poetas - um verme alado como uma águia; o espírito de vida e beleza em uma cozinha cortando sebo. Mas esses monstros, por mais divertidos que sejam para a imaginação, na verdade não existem. O que é preciso fazer para trazê-la à vida é pensar poética e prosaicamente ao mesmo tempo, mantendo-se assim em contato com o fato: que ela é a Sra. Martin, de trinta e seis anos, vestida de azul, usando chapéu preto e sapatos marrons; mas também sem perder de vista a ficção - que ela é um recipiente no qual todos os tipos de espíritos e forças correm e brilham

perpetuamente. No momento, porém, em que se tenta esse método com a mulher elisabetana, um ramo da iluminação falha; ficamos detidos pela escassez de fatos. Não se sabe nada detalhado, nada perfeitamente verdadeiro e substancial sobre ela. A história quase não a menciona. E voltei-me novamente para o professor Trevelyan para ver o que a história significava para ele. Descobri, olhando os títulos dos capítulos, que isso significava:

"O Tribunal Solar e os Métodos de Agricultura em Campo Aberto... Os Cistercienses e a Criação de Ovelhas... As Cruzadas... A Universidade... A Câmara dos Comuns... A Guerra dos Cem Anos... As Guerras das Rosas... Os Estudiosos da Renascença... A Dissolução dos Mosteiros... Conflitos Agrários e Religiosos... A Origem do Poder Marítimo Inglês... A Armada..." e assim por diante. Ocasionalmente, uma mulher individual é mencionada, uma Elizabeth ou uma Mary; uma rainha ou uma grande dama. Mas de forma alguma poderiam as mulheres da classe média, com nada além de cérebro e caráter sob seu comando, ter participado em qualquer um dos grandes movimentos que, reunidos, constituem a visão do passado do historiador. Nem a encontraremos em nenhuma coleção de anedotas. Aubrey quase não a menciona. Ela nunca escreve a sua própria vida e raramente mantém um diário; existem apenas algumas cartas dela. Ela não deixou peças ou poemas pelos quais possamos julgá-la. O que se quer, pensei — e por que algum aluno brilhante de Newnham ou Girton não o fornece? — é uma massa de informação; com que idade ela se casou; quantos filhos ela tinha em regra; como era a casa dela; ela tinha um quarto só para ela; ela cozinhava; ela provavelmente teria um servo? Todos estes fatos estão algures, presumivelmente, nos registos paroquiais e nos livros de contabilidade; a vida da mulher elisabetana média deve estar espalhada em algum lugar,

alguém poderia coletá-la e fazer um livro sobre ela. Seria ambicioso além da minha ousadia, pensei, olhando nas prateleiras em busca de livros que não estavam lá, sugerir aos estudantes daquelas famosas faculdades que eles deveriam reescrever a história, embora eu reconheça que muitas vezes ela parece um pouco estranha, irreal, desequilibrada; mas por que não deveriam acrescentar um suplemento à história? chamando-o, é claro, de algum nome discreto para que as mulheres pudessem figurar ali sem impropriedade? Pois muitas vezes temos um vislumbre deles na vida dos grandes, desaparecendo em segundo plano, escondendo, às vezes penso, uma piscadela, uma risada, talvez uma lágrima. E, afinal, já temos vidas suficientes de Jane Austen; não parece necessário considerar novamente a influência das tragédias de Joanna Baillie na poesia de Edgar Allan Poe; quanto a mim, não me importaria se as casas e os refúgios de Mary Russell Mitford fossem fechados ao público durante pelo menos um século. Mas o que considero deplorável, continuei, olhando novamente para as estantes, é que nada se sabe sobre as mulheres antes do século XVIII. Não tenho nenhum modelo em mente para mudar de um lado para o outro. Aqui estou perguntando por que as mulheres não escreviam poesia na era elisabetana, e não tenho certeza de como foram educadas; se foram ensinados a escrever; se tinham salas de estar só para eles; quantas mulheres tiveram filhos antes dos vinte e um anos; o que, em suma, faziam das oito da manhã às oito da noite. Evidentemente, eles não tinham dinheiro; de acordo com o professor Trevelyan, eles se casaram, gostassem ou não, antes de saírem da creche, muito provavelmente aos quinze ou dezesseis anos. Teria sido extremamente estranho, mesmo após esta exibição, se um deles de repente tivesse escrito as peças de Shakespeare, concluí, e pensei naquele velho cavalheiro, que agora está morto, mas era bispo, creio, que declarou que era

impossível para qualquer mulher, do passado, do presente ou do futuro, ter o gênio de Shakespeare. Ele escreveu aos jornais sobre isso. Ele também disse a uma senhora que lhe pediu informações que os gatos, na verdade, não vão para o céu, embora tenham, acrescentou ele, uma espécie de alma. Quanto pensar aqueles velhos senhores em salvar um! Como as fronteiras da ignorância diminuiram com a sua abordagem! Os gatos não vão para o céu. As mulheres não podem escrever as peças de Shakespeare.

Seja como for, não pude deixar de pensar, ao olhar as obras de Shakespeare na estante, que o bispo estava certo pelo menos nisso; teria sido impossível, completa e inteiramente, para qualquer mulher ter escrito as peças de Shakespeare na era de Shakespeare. Deixe-me imaginar, já que os fatos são tão difíceis de obter, o que teria acontecido se Shakespeare tivesse uma irmã maravilhosamente talentosa, chamada Judith, digamos. O próprio Shakespeare foi, muito provavelmente - sua mãe era uma herdeira - para a escola primária, onde pode ter aprendido latim - Ovídio, Virgílio e Horácio - e os elementos de gramática e lógica. Ele era, como se sabe, um menino selvagem que caçava coelhos furtivamente, talvez abatesse um cervo, e teve, mais cedo do que deveria, de se casar com uma mulher da vizinhança, que lhe deu um filho bem mais rápido do que o esperado. Essa escapada o levou a buscar fortuna em Londres. Parecia que ele tinha um gosto pelo teatro; ele começou segurando cavalos na porta do palco. Logo conseguiu trabalho no teatro, tornou-se um ator de sucesso e viveu no centro do universo, conhecendo todo mundo, conhecendo todo mundo, praticando sua arte nas pranchas, exercitando sua inteligência nas ruas e até conseguindo acesso ao palácio da rainha. Enquanto isso, sua irmã extraordinariamente talentosa, suponhamos, permanecia em casa. Ela era tão aventureira, tão imaginativa, tão ansiosa para ver o mundo quanto ele. Mas ela não foi mandada para a

escola. Ela não teve chance de aprender gramática e lógica, muito menos de ler Horácio e Virgílio. Ela pegava um livro de vez em quando, talvez um do irmão, e lia algumas páginas. Mas então os pais dela chegaram e disseram-lhe para consertar as meias ou cuidar do ensopado e não perder tempo com livros e papéis. Teriam falado de maneira ríspida, mas gentil, pois eram pessoas importantes, que conheciam as condições de vida de uma mulher e amavam a filha — na verdade, é mais provável que ela fosse a menina dos olhos do pai. Talvez ela tenha rabiscado algumas páginas em um pombal de maçãs às escondidas, mas teve o cuidado de escondê-las ou atear fogo nelas. Logo, porém, antes de completar a adolescência, ela ficaria noiva do filho de um grampeador de lã vizinho. Ela gritou que o casamento era odioso para ela e por isso foi severamente espancada pelo pai. Então ele parou de repreendê-la. Em vez disso, implorou-lhe que não o magoasse, que não o envergonhasse nesta questão do seu casamento. Ele lhe daria um colar de contas ou uma anágua fina, disse ele; e havia lágrimas em seus olhos. Como ela poderia desobedecê-lo? Como ela poderia quebrar seu coração? A força de seu próprio dom por si só a levou a isso. Ela juntou um pequeno pacote com seus pertences, desceu por uma corda numa noite de verão e pegou a estrada para Londres. Ela não tinha dezessete anos. Os pássaros que cantavam na sebe não eram mais musicais do que ela. Ela tinha a imaginação mais rápida, um dom como o do irmão, para a melodia das palavras. Assim como ele, ela gostava de teatro. Ela ficou na porta do palco; ela queria atuar, ela disse. Os homens riram na cara dela. O gerente — um homem gordo e de lábios soltos — deu uma gargalhada. Ele gritou alguma coisa sobre poodles dançando e mulheres atuando — nenhuma mulher, disse ele, poderia ser atriz. Ele insinuou - você pode imaginar o quê. Ela não conseguia nenhum treinamento em seu ofício. Será que ela poderia jantar

em uma taverna ou vagar pelas ruas à meia-noite? No entanto, o seu génio era para a ficção e desejava alimentar-se abundantemente da vida de homens e mulheres e do estudo dos seus costumes. Por fim — pois ela era muito jovem, com um rosto estranhamente parecido com o poeta Shakespeare, com os mesmos olhos cinzentos e sobrancelhas arredondadas —, finalmente Nick Greene, o ator-empresário, teve pena dela; ela ficou grávida daquele cavalheiro e então — quem medirá o calor e a violência do coração do poeta quando preso e enredado no corpo de uma mulher?

Acho que seria mais ou menos assim que a história se desenrolaria se uma mulher da época de Shakespeare tivesse tido o génio de Shakespeare. Mas, pela minha parte, concordo com o falecido bispo, se tal fosse — é impensável que qualquer mulher na época de Shakespeare tivesse tido o génio de Shakespeare. Pois um génio como o de Shakespeare não nasce entre pessoas trabalhadoras, sem instrução e servis. Não nasceu na Inglaterra entre os saxões e os britânicos. Não nasceu hoje entre as classes trabalhadoras. Como, então, poderia ter nascido entre mulheres cujo trabalho começou, segundo o professor Trevelyan, quase antes de saírem da creche, que foram forçadas a isso pelos pais e mantidas a ele por todo o poder da lei e dos costumes? No entanto, uma espécie de génio deve ter existido entre as mulheres, tal como deve ter existido entre as classes trabalhadoras. De vez em quando, uma Emily Brontë ou um Robert Burns brilham e provam sua presença. Mas certamente nunca chegou ao papel. Quando, no entanto, se lê sobre uma bruxa sendo enganada, sobre uma mulher possuída por demônios, sobre uma mulher sábia que vende ervas, ou mesmo sobre um homem muito notável que tinha uma mãe, então penso que estamos no caminho de um romancista perdido, de um poeta reprimido, de alguma Jane Austen muda e inglória, de alguma Emily Brontë que quebrou

os miolos na charneca ou esfregou e ceifou as estradas, enlouquecida com a tortura a que seu dom a submeteu. Na verdade, atrevo-me a adivinhar que Anon, que escreveu tantos poemas sem os assinar, era muitas vezes uma mulher. Acho que foi uma mulher que Edward Fitzgerald sugeriu quem fez as baladas e as canções folclóricas, cantando-as para os filhos, enganando-a a fiar com elas, ou durante toda a noite de inverno.

Isto pode ser verdade ou pode ser falso - quem pode dizer? - mas o que há de verdadeiro nisso, assim me pareceu, revendo a história da irmã de Shakespeare tal como a contei, é que qualquer mulher nascida com um grande dom no século XVI teria certamente enlouquecido, dado um tiro em si mesma ou terminado os seus dias numa cabana solitária fora da aldeia, meio bruxa, meio feiticeiro, temida e ridicularizada. Pois é necessária pouca habilidade em psicologia para ter certeza de que uma garota altamente talentosa que tentou usar seu dom para a poesia teria sido tão frustrada e dificultada por outras pessoas, tão torturada e destroçada por seus próprios instintos contrários, que ela deve ter perdido a saúde e a sanidade com certeza. Nenhuma garota poderia ter ido a pé até Londres, ficar na porta de um palco e forçar sua entrada na presença de atores-empresários sem cometer violência e sofrer uma angústia que pode ter sido irracional - pois a castidade pode ser um fetiche inventado por certas sociedades por razões desconhecidas - mas que, no entanto, eram inevitáveis. A castidade tinha então, e ainda hoje, uma importância religiosa na vida da mulher, e está tão envolvida em nervos e instintos que libertá-la e trazê-la à luz do dia exige uma coragem extremamente rara. Ter vivido uma vida livre em Londres no século XVI teria significado para uma mulher que era poetisa e dramaturga uma tensão nervosa e um dilema que poderiam muito bem tê-la matado. Se ela tivesse sobrevivido, tudo o que tivesse escrito teria sido distorcido e

deformado, fruto de uma imaginação tensa e mórbida. E sem dúvida, pensei, olhando para a estante onde não há peças de mulheres, a sua obra não teria sido assinada. Esse refúgio ela certamente teria procurado. Foi a relíquia do sentido de castidade que ditou o anonimato às mulheres ainda no século XIX. Currer Bell, George Eliot, George Sand, todas vítimas de conflitos internos, como provam os seus escritos, procuraram ineficazmente velar-se usando o nome de um homem. Assim, prestaram homenagem à convenção que, se não fosse implantada pelo outro sexo, era liberalmente encorajada por eles (não se deve falar da principal glória de uma mulher, disse Péricles, ele próprio um homem muito comentado), de que a publicidade nas mulheres é detestável. O anonimato corre em seu sangue. O desejo de serem velados ainda os possui. Eles ainda não estão tão preocupados com a saúde de sua fama quanto os homens e, falando de modo geral, passarão por uma lápide ou por uma placa de sinalização sem sentir um desejo irresistível de gravar seus nomes nela, como Alf, Bert ou Chas. deve fazer em obediência ao seu instinto, que murmura se vê passar uma bela mulher, ou mesmo um cachorro, *Ce chien est à moi*. E, claro, pode não ser um cachorro, pensei, lembrando-me da Praça do Parlamento, da Sieges Allee e de outras avenidas; pode ser um pedaço de terra ou um homem com cabelos pretos cacheados. Uma das grandes vantagens de ser mulher é poder passar por uma negra muito bonita sem querer fazer dela uma inglesa.

Aquela mulher, então, que nasceu com o dom da poesia no século XVI, era uma mulher infeliz, uma mulher em conflito consigo mesma. Todas as condições de sua vida, todos os seus próprios instintos, eram hostis ao estado de espírito necessário para libertar tudo o que está no cérebro. Mas qual é o estado de espírito mais propício ao ato de criação, perguntei? Pode-se chegar a alguma noção de Estado que promova e torne possível essa

estranha atividade? Aqui abri o volume que contém as Tragédias de Shakespeare. Qual era o estado de espírito de Shakespeare, por exemplo, quando escreveu Lear, Antônio e Cleópatra? Foi certamente o estado de espírito mais favorável à poesia que já existiu. Mas o próprio Shakespeare não disse nada sobre isso. Sabemos apenas casualmente e por acaso que ele “nunca apagou uma linha”. Na verdade, nada foi dito pelo próprio artista sobre o seu estado de espírito até talvez o século XVIII. Rousseau talvez tenha começado. De qualquer forma, no século XIX a autoconsciência havia se desenvolvido tanto que era hábito dos homens de letras descreverem suas mentes em confissões e autobiografias. Suas vidas também foram escritas e suas cartas foram impressas após suas mortes. Assim, embora não saibamos o que Shakespeare passou quando escreveu Lear, sabemos o que Carlyle passou quando escreveu a Revolução Francesa; o que Flaubert passou quando escreveu Madame Bovary; o que Keats estava passando quando tentou escrever poesia contra a chegada da morte e a indiferença do mundo.

E depreende-se desta enorme literatura moderna de confissão e auto-análise que escrever uma obra de génio é quase sempre um feito de dificuldade prodigiosa. Tudo é contra a probabilidade de que venha da mente do escritor por inteiro. Geralmente as circunstâncias materiais são contra. Os cães latirão; as pessoas irão interromper; o dinheiro deve ser ganho; a saúde irá falhar. Além disso, acentuando todas estas dificuldades e tornando-as mais difíceis de suportar está a notória indiferença do mundo. Não pede às pessoas que escrevam poemas, romances e histórias; não precisa deles. Não importa se Flaubert encontra a palavra certa ou se Carlyle verifica escrupulosamente este ou aquele fato. Naturalmente, não pagará pelo que não quer. E assim o escritor Keats, Flaubert, Carlyle, sofre, especialmente nos anos criativos da juventude, toda forma de distração e desânimo. Uma

maldição, um grito de agonia surge desses livros de análise e confissão. "Poderosos poetas em sua miséria, mortos" - esse é o peso de sua canção. Se alguma coisa acontecer apesar de tudo isso, será um milagre, e provavelmente nenhum livro nasce inteiro e intacto como foi concebido.

Mas para as mulheres, pensei, olhando para as prateleiras vazias, estas dificuldades eram infinitamente mais formidáveis. Em primeiro lugar, ter um quarto próprio, muito menos um quarto silencioso ou à prova de som, estava fora de questão, a menos que os seus pais fossem excepcionalmente ricos ou muito nobres, mesmo até ao início do século XIX. Como o dinheiro que recebia, que dependia da boa vontade do pai, só era suficiente para mantê-la vestida, ela foi excluída dos benefícios que chegavam até mesmo a Keats, Tennyson ou Carlyle, todos homens pobres, de um passeio a pé, de uma pequena viagem à França, do alojamento separado que, mesmo que fosse bastante miserável, os protegia das reivindicações e tiranias de suas famílias. Tais dificuldades materiais eram formidáveis; mas muito piores eram os imateriais. A indiferença do mundo que Keats, Flaubert e outros homens de gênio acharam tão difícil de suportar não era, no caso dela, indiferença, mas hostilidade. O mundo não disse a ela como disse a eles: Escreva se quiser; não faz diferença para mim. O mundo disse com uma gargalhada: Escrever? Qual é a vantagem da sua escrita? Aqui os psicólogos de Newnham e Girton poderiam vir em nosso auxílio, pensei, olhando novamente para os espaços em branco nas prateleiras. Pois certamente é hora de medir o efeito do desânimo sobre a mente do artista, como vi uma empresa de laticínios medir o efeito do leite comum e do leite Classe A sobre o corpo do rato. Colocaram dois ratos em gaiolas lado a lado, e dos dois um era furtivo, tímido e pequeno, e o outro era brilhante, ousado e grande. Agora, com que comida alimentamos as mulheres como artistas? —

perguntei, lembrando-me, suponho, daquele jantar de ameixas e creme. Para responder a essa pergunta, bastava abrir o jornal vespertino e ler que Lord Birkenhead é opinativo — mas, na verdade, não vou me dar ao trabalho de copiar a opinião de Lord Birkenhead sobre a escrita feminina. O que Dean Inge disser, deixarei em paz. O especialista da Harley Street pode ter permissão para despertar os ecos da Harley Street com suas vociferações sem levantar um fio de cabelo na minha cabeça. Citarei, entretanto, o Sr. Oscar Browning, porque o Sr. Oscar Browning foi uma grande figura em Cambridge em uma época, e costumava examinar os estudantes em Girton e Newnham. O senhor Oscar Browning costumava declarar “que a impressão que lhe ficava na mente, depois de examinar qualquer conjunto de provas, era que, independentemente das notas que desse, a melhor mulher era intelectualmente inferior ao pior homem”. Depois de dizer que o Sr. Browning voltou para seus aposentos - e é essa sequência que o torna querido e faz dele uma figura humana de algum volume e majestade - ele voltou para seus aposentos e encontrou um cavaliço deitado no sofá - "um mero esqueleto, suas bochechas eram cavernosas e pálidas, seus dentes eram pretos, e ele não parecia ter pleno uso de seus membros... 'Esse é Arthur' [disse o Sr. Browning]. 'Ele é um menino querido, realmente e mais nobre. "As duas imagens sempre me parecem completar-se. E, felizmente, nesta era da biografia, os dois quadros muitas vezes se completam, de modo que somos capazes de interpretar as opiniões dos grandes homens não apenas pelo que dizem, mas pelo que fazem.

Mas embora isso seja possível agora, tais opiniões vindas dos lábios de pessoas importantes devem ter sido bastante formidáveis, mesmo há cinquenta anos. Suponhamos que um pai, por motivos mais elevados, não desejasse que sua filha sáísse de casa e se tornasse escritora, pintora ou

erudita. "Veja o que o Sr. Oscar Browning diz", ele dizia; e não havia apenas o Sr. Oscar Browning; houve a Revisão de Sábado; havia o Sr. Greg - os "essenciais do ser de uma mulher", disse o Sr. Greg enfaticamente, "é que elas são apoiadas e ministram aos homens" - havia um enorme corpo de opinião masculina no sentido de que nada poderia ser esperado das mulheres intelectualmente. Mesmo que o pai não lesse essas opiniões em voz alta, qualquer menina poderia lê-las por si mesma; e a leitura, mesmo no século XIX, deve ter diminuído sua vitalidade e influenciado profundamente seu trabalho. Sempre teria existido aquela afirmação - você não pode fazer isso, você é incapaz de fazer aquilo - contra a qual protestar, para superar. Provavelmente para um romancista este germe já não tem muito efeito; pois houve mulheres romancistas de mérito. Mas para os pintores ainda deve haver alguma dor; e para os músicos, imagino, ainda hoje é ativo e venenoso ao extremo. A compositora está onde a atriz estava na época de Shakespeare. Nick Greene, pensei, lembrando-me da história que havia contado sobre a irmã de Shakespeare, disse que uma mulher atuando o lembrou de um cachorro dançando. Johnson repetiu a frase duzentos anos depois sobre mulheres pregando. E aqui, disse eu, abrindo um livro sobre música, temos as mesmas palavras usadas novamente neste ano de graça, 1928, de mulheres que tentam escrever música. "De Mlle. Germaine Tailleferre só podemos repetir a máxima do Dr. Johnson a respeito de uma pregadora, transposta em termos de música. 'Senhor, a composição de uma mulher é como um cachorro andando sobre as patas traseiras. Não é bem feito, mas você fica surpreso ao descobrir que é feito.'" Com tanta precisão a história se repete.

Assim, concluí, fechando a vida do Sr. Oscar Browning e afastando o resto, é bastante evidente que mesmo no século XIX uma mulher não era encorajada

a ser artista. Pelo contrário, ela foi esnobada, esbofeteada, repreendida e exortada. Sua mente devia estar tensa e sua vitalidade diminuída pela necessidade de se opor a isso, de refutar aquilo. Pois aqui novamente estamos ao alcance daquele complexo masculino muito interessante e obscuro que teve tanta influência sobre o movimento feminino; aquele desejo profundo, não tanto de que ela seja inferior, mas de que ele seja superior, que o planta para onde quer que se olhe, não apenas diante das artes, mas também barrando o caminho para a política, mesmo quando o risco para si mesmo parece infinitesimal e o suplicante é humilde e devotado. Até mesmo Lady Bessborough, lembrei-me, com toda a sua paixão pela política, deve humildemente curvar-se e escrever a Lord Granville Leveson-Gower: "...apesar de toda a minha violência na política e de falar tanto sobre esse assunto, concordo perfeitamente com você que nenhuma mulher tem qualquer direito de se intrometer nisso ou em qualquer outro assunto sério, além de dar sua opinião (se ela for questionada)." E assim ela continua a gastar o seu entusiasmo onde não encontra nenhum obstáculo, sobre aquele assunto imensamente importante, o discurso inaugural de Lord Granville na Câmara dos Comuns. O espetáculo é certamente estranho, pensei. A história da oposição dos homens à emancipação das mulheres é talvez mais interessante do que a própria história dessa emancipação. Um livro divertido poderia ser feito se alguma jovem estudante de Girton ou Newnham coletasse exemplos e deduzisse uma teoria - mas ela precisaria de luvas grossas nas mãos e barras de ouro maciço para protegê-la.

Mas o que é divertido agora, lembrei-me, fechar Lady Bessborough, teve de ser levado a sério uma vez. As opiniões que hoje se colam em um livro intitulado *cock-a-doodle-dum* e guardam para leitura para públicos selecionados nas noites de verão já arrancaram lágrimas, posso garantir.

Entre suas avós e bisavós houve muitas que choraram muito. Florence Nightingale gritou alto em sua agonia. Além disso, está tudo muito bem para vocês, que frequentaram a faculdade e gostam de salas de estar - ou são apenas salas de estar? - dizer que o gênio deveria desconsiderar tais opiniões; esse gênio deveria estar acima de se importar com o que é dito sobre ele. Infelizmente, são precisamente os homens ou mulheres de gênio que mais se importam com o que se diz deles. Lembre-se de Keats. Lembre-se das palavras que ele gravou em sua lápide. Pense em Tennyson; penso - mas não preciso multiplicar exemplos do fato inegável, embora muito infeliz, de que é da natureza do artista se importar excessivamente com o que é dito sobre ele. A literatura está repleta de destroços de homens que se importaram além da razão com as opiniões dos outros.

E esta suscetibilidade deles é duplamente lamentável, pensei, voltando novamente à minha investigação original sobre qual estado de espírito é mais propício para o trabalho criativo, porque a mente de um artista, para realizar o esforço prodigioso de libertar toda e inteiramente a obra que está nele, deve ser incandescente, como a mente de Shakespeare, conjecturei, olhando para o livro que estava aberto em Antônio e Cleópatra. Não deve haver nenhum obstáculo nisso, nenhuma matéria estranha não consumida.

Pois embora digamos que não sabemos nada sobre o estado mental de Shakespeare, mesmo quando dizemos isso, estamos dizendo algo sobre o estado mental de Shakespeare. A razão talvez pela qual sabemos tão pouco sobre Shakespeare - em comparação com Donne, Ben Jonson ou Milton - é que os seus rancores, despeitos e antipatias nos estão escondidos. Não somos detidos por alguma "revelação" que nos lembre o escritor. Todo desejo de protestar, de pregar, de proclamar uma injúria, de pagar uma pontuação, de tornar o mundo testemunha de alguma dificuldade ou queixa

foi disparado dele e consumido. Portanto, sua poesia flui dele livre e desimpedida. Se alguma vez um ser humano teve seu trabalho expresso completamente, foi Shakespeare. Se alguma vez uma mente foi incandescente, desimpedida, pensei, voltando-me novamente para a estante, essa mente era a mente de Shakespeare.

## 04. Capítulo IV

A tradição interrompida

Era obviamente impossível encontrar qualquer mulher nesse estado de espírito no século XVI. Basta pensar nas lápides elisabetanas com todas aquelas crianças ajoelhadas e de mãos postas; e suas mortes precoces; e ver suas casas com seus quartos escuros e apertados, perceber que nenhuma mulher poderia ter escrito poesia naquela época. O que se esperaria descobrir seria que, mais tarde, talvez alguma grande dama aproveitasse sua relativa liberdade e conforto para publicar algo com seu nome e corresse o risco de ser considerada um monstro. Os homens, é claro, não são esnobes, continuei, evitando cuidadosamente o "feminismo flagrante" da Srta. Rebecca West; mas na maior parte apreciam com simpatia os esforços de uma condessa para escrever versos. Seria de se esperar encontrar uma senhora de título encontrando-se com muito mais encorajamento do que uma desconhecida Srta. Austen ou uma Srta. Brontë naquela época teriam encontrado. Mas também seria de esperar descobrir que a sua mente estava perturbada por emoções estranhas, como o medo e o ódio, e que os seus poemas mostravam vestígios dessa perturbação. Aqui está Lady Winchilsea, por exemplo, pensei, anotando seus poemas. Ela nasceu no ano de 1661; ela era nobre tanto por nascimento quanto por casamento; ela não tinha filhos; ela escreveu poesia, e basta abrir sua poesia para encontrá-la explodindo de indignação contra a posição das mulheres:

Como caímos! caído por regras equivocadas, E a Educação é mais do que tola da Natureza; Privado de todas as melhorias da mente, E de ser enfadonho, esperado e planejado; E se alguém se elevasse acima do resto, Com fantasia mais calorosa e ambição pressionada, Tão forte a facção

oposta ainda parece, As esperanças de prosperar nunca poderão superar os medos.

É evidente que a sua mente não “consumiu todos os impedimentos e tornou-se incandescente”. Pelo contrário, é assediado e distraído com ódios e queixas. A raça humana está dividida para ela em dois partidos. Os homens são a “facção oposta”; os homens são odiados e temidos porque têm o poder de barrar seu caminho para o que ela deseja fazer – que é escrever.

Infelizmente! uma mulher que tenta a caneta, Uma criatura tão presunçosa é estimada, A culpa não pode ser redimida em virtude alguma. Dizem-nos que confundimos o nosso sexo e o nosso caminho; Boa educação, moda, dança, vestimenta, diversão, São as realizações que devemos desejar; Escrever, ou ler, ou pensar, ou perguntar, obscureceria nossa beleza e exauriria nosso tempo, E interromperia as conquistas de nosso apogeu, Enquanto o manejo enfadonho de uma casa servil É mantido por alguns de nossa maior arte e uso.

Na verdade, ela tem de encorajar-se a escrever, supondo que o que escreve nunca será publicado; para se acalmar com o canto triste:

Para alguns poucos amigos, e para suas tristezas, cante: Para os bosques de loureiros você nunca foi designado; Sejam suficientemente escuros em suas sombras e estejam contentes.

No entanto, é claro que se ela pudesse ter libertado a sua mente do ódio e do medo e não a amontoado com amargura e ressentimento, o fogo estaria quente dentro dela. De vez em quando palavras emitem pura poesia:

Nem nas sedas desbotadas comporá, Fracamente a rosa inimitável.

-eles são justamente elogiados pelo Sr. Murry, e Pope, é pensado, lembrado e apropriado desses outros:

Agora o junquilha vence o cérebro fraco; Desmaiamos sob a dor aromática.

Foi uma pena que a mulher que sabia escrever assim, cuja mente estava sintonizada com a natureza e a reflexão, tivesse sido forçada à raiva e à amargura. Mas como ela poderia ter se ajudado? — perguntei, imaginando os escárnios e as risadas, a adulação dos bajuladores, o ceticismo do poeta profissional. Ela deve ter se trancado em um quarto no campo para escrever, e talvez tenha sido dilacerada pela amargura e pelos escrúpulos, embora seu marido fosse muito gentil e sua vida de casada fosse perfeita. Ela "deve ter", digo, porque quando se procura os fatos sobre Lady Winchilsea, descobre-se, como sempre, que quase nada se sabe sobre ela. Ela sofria terrivelmente de melancolia, o que podemos explicar pelo menos até certo ponto quando a encontramos nos contando como ela imaginaria, dominada por ela:

Minhas falas condenaram, e meu emprego foi considerado uma loucura inútil ou falha presunçosa:

O emprego, assim censurado, era, até onde se pode ver, o inofensivo de perambular pelos campos e sonhar:

Minha mão deleita-se em traçar coisas inusitadas, E desvia-se do caminho conhecido e comum, Nem em sedas desbotadas comporá, Fracamente a rosa inimitável.

Naturalmente, se esse era o seu hábito e o seu deleite, ela só poderia esperar ser ridicularizada; e, conseqüentemente, diz-se que Pope ou Gay a

satirizaram "como uma meia azul com vontade de rabiscar". Também se pensa que ela ofendeu Gay ao rir dele. Ela disse que suas curiosidades mostravam que "era mais correto andar diante de uma cadeira do que andar nela". Mas tudo isso são "fofocas duvidosas" e, diz Murry, "desinteressantes". Mas aí não concordo com ele, pois gostaria de ter ouvido ainda mais fofocas duvidosas para poder descobrir ou inventar alguma imagem desta senhora melancólica, que adorava vagar pelos campos e pensar em coisas inusitadas e desprezava, tão precipitadamente, tão imprudentemente, "o manejo monótono de uma casa servil". Mas ela se tornou difusa, diz Murry. Seu presente está todo coberto de ervas daninhas e amarrado com sarças. Não teve chance de se mostrar como o dom distinto que era. E assim, colocando-a de volta na prateleira, voltei-me para a outra grande dama, a Duquesa que Lamb amava, a estúpida e fantástica Margaret de Newcastle, sua mais velha, mas sua contemporânea. Eles eram muito diferentes, mas parecidos no sentido de que ambos eram nobres e não tinham filhos, e ambos eram casados com o melhor dos maridos. Em ambos ardeu a mesma paixão pela poesia e ambos estão desfigurados e deformados pelas mesmas causas. Abra a Duquesa e encontraremos a mesma explosão de raiva: "As mulheres vivem como morcegos ou corujas, trabalham como feras e morrem como vermes...". Margaret também poderia ter sido uma poetisa; em nossos dias, toda essa atividade teria girado algum tipo de roda. Do jeito que estava, o que poderia vincular, domesticar ou civilizar para uso humano essa inteligência selvagem, generosa e inculta? Derramou-se, desordenadamente, em torrentes de rima e prosa, poesia e filosofia que ficam congeladas em quartos e fólios que ninguém jamais lê. Ela deveria ter colocado um microscópio na mão. Ela deveria ter sido ensinada a olhar para as estrelas e a raciocinar cientificamente. Sua inteligência estava voltada

para a solidão e a liberdade. Ninguém a verificou. Ninguém a ensinou. Os professores a bajulavam. Na corte, eles zombaram dela. Sir Egerton Brydges queixou-se de sua grosseria - "como proveniente de uma mulher de alta posição criada nos tribunais". Ela se trancou sozinha em Welbeck.

Que visão de solidão e tumulto o pensamento de Margaret Cavendish traz à mente! como se um pepino gigante tivesse se espalhado sobre todas as rosas e cravos do jardim e os sufocado até a morte. Que desperdício que a mulher que escreveu "as mulheres mais bem-educadas são aquelas cujas mentes são mais civilizadas" tenha desperdiçado seu tempo rabiscando bobagens e mergulhando cada vez mais fundo na obscuridade e na loucura, até que as pessoas se aglomeraram em torno de sua carruagem quando ela partiu. Evidentemente, a duquesa maluca se tornou um bicho-papão para assustar garotas espertas. Aqui, lembrei-me, guardando a Duquesa e abrindo as cartas de Dorothy Osborne, está Dorothy escrevendo para Temple sobre o novo livro da Duquesa. "Claro que a pobre mulher está um pouco distraída, ela nunca poderia ser tão ridícula a ponto de se aventurar a escrever livros e versos também, se eu não dormisse esta quinzena, não chegaria a esse ponto."

E assim, como nenhuma mulher sensata e modesta poderia escrever livros, Dorothy, que era sensível e melancólica, o temperamento exatamente oposto ao da Duquesa, não escreveu nada. As cartas não contavam. Uma mulher poderia escrever cartas enquanto estava sentada ao lado da cama do pai. Ela poderia escrevê-las perto do fogo enquanto os homens conversavam sem perturbá-los. O estranho, pensei, folheando as páginas das cartas de Dorothy, era o dom que aquela menina ignorante e solitária tinha para enquadrar uma frase, para modelar uma cena. Ouça ela correndo:

"Depois do jantar, sentamos e conversamos até o Sr. B. com a questão e então eu vou embora. o calor do dia é gasto lendo ou trabalhando e por volta das seis ou sete da tarde, saio para um Common que fica ao lado da casa onde muitas jovens moças cuidam de ovelhas e vacas e sentam-se nas sombras cantando baladas; vou até elas e comparo suas vozes e belezas com algumas pastoras antigas sobre as quais li e Encontrei uma grande diferença aí, mas acredite em mim, acho que eles são tão inocentes quanto poderiam ser. Eu converso com eles e descobri que eles não querem nada para torná-los as pessoas mais felizes do mundo, mas o conhecimento de que eles são assim é mais comum quando estamos no meio de nossa conversa, alguém olha ao redor e espia sua vaca indo para o Corne e então todos fogem, como se tivessem asas em seus calcanhares. ágil, fique para trás, e quando os vejo levando seu gado para casa, acho que é hora de me aposentar também, depois de jantar, vou para o jardim e vou até a margem de um pequeno rio que passa por ele, onde me sento e desejo que você esteja comigo... "

Alguém poderia jurar que ela tinha as qualidades de uma escritora. Mas "se eu não dormir esta quinzena, não chegarei a esse ponto" - pode-se medir a oposição que pairava no ar a uma mulher escrever quando se descobre que mesmo uma mulher com grande talento para a escrita se levou a acreditar que escrever um livro era ser ridículo, até mesmo mostrar-se distraído. E assim chegamos, continuei, recolocando o pequeno volume das cartas de Dorothy Osborne na estante, à Sra. Behn.

E com a Sra. Behn dobramos uma esquina muito importante na estrada. Deixamos para trás, encerradas em seus parques, entre seus fólhos, aquelas grandes damas solitárias que escreveram sem público nem crítica, apenas para seu próprio deleite. Chegamos à cidade e nos encontramos com

peças comuns nas ruas. A Sra. Behn era uma mulher de classe média com todas as virtudes plebeias de humor, vitalidade e coragem; uma mulher forçada pela morte de seu marido e algumas aventuras infelizes para ganhar a vida com sua inteligência. Ela teve que trabalhar em igualdade de condições com os homens. Ela ganhou, trabalhando muito, o suficiente para viver. A importância desse fato supera tudo o que ela realmente escreveu, até mesmo o esplêndido "A Thousand Martyrs I have made", ou "Love in Fantastic Triumph sentou", pois aqui começa a liberdade da mente, ou melhor, a possibilidade de que com o passar do tempo a mente estará livre para escrever o que quiser. Pois agora que Aphra Behn fez isso, as meninas poderiam ir até os pais e dizer: Vocês não precisam me dar mesada; Posso ganhar dinheiro com minha caneta. É claro que a resposta durante muitos anos foi: Sim, vivendo a vida de Aphra Behn! A morte seria melhor! e a porta foi batida mais rápido do que nunca. Esse assunto profundamente interessante, o valor que os homens atribuem à castidade das mulheres e o seu efeito sobre a sua educação, sugere-se aqui para discussão e poderia fornecer um livro interessante se algum estudante de Girton ou Newnham quisesse aprofundar o assunto. Lady Dudley, sentada em diamantes entre os mosquitos de uma charneca escocesa, poderia servir de frontispício. Lord Dudley, *The Times* disse quando Lady Dudley morreu outro dia, "um homem de gosto culto e muitas realizações, era benevolente e generoso, mas caprichosamente despótico. Ele insistiu que sua esposa usasse traje completo, mesmo no mais remoto campo de tiro nas Highlands; ele a carregou com lindas joias", e assim por diante, "ele deu a ela tudo - sempre exceto qualquer medida de responsabilidade". Então Lord Dudley teve um derrame e ela cuidou dele e governou suas propriedades com competência suprema para sempre. Esse despotismo caprichoso também existia no século

## XIX.

Mas para voltar. Aphra Behn provou que era possível ganhar dinheiro escrevendo, talvez com o sacrifício de certas qualidades agradáveis; e assim, aos poucos, a escrita tornou-se não apenas um sinal de loucura e mente distraída, mas passou a ter importância prática. Um marido pode morrer ou algum desastre atingir a família. Centenas de mulheres começaram, no início do século XVIII, a aumentar o seu dinheiro, ou a resgatar suas famílias, fazendo traduções ou escrevendo os inúmeros romances ruins que deixaram de ser registrados até mesmo nos livros didáticos, mas devem ser recolhidos nas caixas de quatro centavos na Charing Cross Road. A extrema actividade mental que se manifestou no final do século XVIII entre as mulheres - as conversas e as reuniões, a escrita de ensaios sobre Shakespeare, a tradução dos clássicos - baseava-se no fato sólido de que as mulheres podiam ganhar dinheiro escrevendo. O dinheiro dignifica o que é frívolo se não for pago. Ainda poderia ser bom zombar das “meias azuis com vontade de rabiscar”, mas não se podia negar que elas podiam colocar dinheiro nas bolsas. Assim, no final do século XVIII, ocorreu uma mudança que, se eu estivesse reescrevendo a história, descreveria mais detalhadamente e consideraria de maior importância do que as Cruzadas ou a Guerra das Rosas. A mulher de classe média começou a escrever. Pois se *Orgulho e Preconceito* importam, e *Middlemarch* e *Villette* e *O Morro dos Ventos Uivantes* importam, então importa muito mais do que posso provar num discurso de uma hora que as mulheres em geral, e não apenas a aristocrata solitária fechada na sua casa de campo entre os seus fólhos e os seus bajuladores, começaram a escrever. Sem esses precursores, Jane Austen e as Brontës e George Eliot não poderiam ter escrito mais do que Shakespeare poderia ter escrito sem Marlowe, ou Marlowe sem Chaucer, ou

Chaucer sem aqueles poetas esquecidos que abriram os caminhos e domesticaram a selvageria natural da língua. Pois as obras-primas não são nascimentos únicos e solitários; são o resultado de muitos anos de pensamento em comum, de pensamento pelo corpo do povo, de modo que a experiência da massa esteja por trás da voz única. Jane Austen deveria ter colocado uma coroa de flores sobre o túmulo de Fanny Burney, e George Eliot prestou homenagem à sombra robusta de Eliza Carter - a velha corajosa que amarrou um sino na cabeceira da cama para poder acordar cedo e aprender grego. Todas as mulheres juntas deveriam deixar flores caírem sobre o túmulo de Aphra Behn, que fica, de forma muito escandalosa, mas bastante apropriada, na Abadia de Westminster, pois foi ela quem lhes conquistou o direito de expressarem o que pensavam. É ela, por mais sombria e amorosa que fosse, que faz com que não seja muito fantasioso eu dizer a você esta noite: Ganhe quinhentos por ano com sua inteligência.

Aqui, então, chegamos ao início do século XIX. E aqui, pela primeira vez, encontrei várias estantes inteiramente dedicadas a obras femininas. Mas por que, não pude deixar de perguntar, enquanto passava os olhos por eles, eram todos, com muito poucas exceções, romances? O impulso original foi para a poesia. A "cabeça suprema da música" era uma poetisa. Tanto na França como na Inglaterra as poetisas precedem as romancistas. Além disso, pensei, olhando para os quatro nomes famosos, o que George Eliot tinha em comum com Emily Brontë? Charlotte Brontë não falhou inteiramente em compreender Jane Austen? Exceto pelo fato possivelmente relevante de que nenhum deles teve filho, mais quatro personagens incongruentes não poderiam ter se reunido em uma sala - tanto que é tentador inventar um encontro e um diálogo entre eles. No entanto, por alguma força estranha, todos foram compelidos, quando escreviam, a

escrever romances. Tinha algo a ver com o fato de ter nascido na classe média, perguntei; e com o fato, que a senhorita Emily Davies demonstraria um pouco mais tarde de maneira tão impressionante, de que a família de classe média no início do século XIX possuía apenas uma única sala de estar entre eles? Se uma mulher escrevesse, ela teria que escrever na sala comum. E, como Miss Nightingale reclamava com tanta veemência, - "as mulheres nunca têm meia hora... que possam chamar de sua" - ela era sempre interrompida. Ainda assim, seria mais fácil escrever ali prosa e ficção do que escrever poesia ou uma peça de teatro. É necessária menos concentração. Jane Austen escreveu assim até o fim de seus dias. "Como ela foi capaz de efetuar tudo isso", escreve seu sobrinho em suas Memórias, "é surpreendente, pois ela não tinha nenhum escritório separado para onde se dedicar, e a maior parte do trabalho deve ter sido feito na sala de estar geral, sujeito a todos os tipos de interrupções casuais. Jane Austen escondeu seus manuscritos ou os cobriu com um mata-borrão. Por outro lado, todo o treino literário que uma mulher tinha no início do século XIX consistia em treino na observação do carácter, na análise da emoção. A sua sensibilidade foi educada durante séculos pelas influências da sala de estar comum. Os sentimentos das pessoas ficaram impressionados com ela; as relações pessoais estavam sempre diante de seus olhos. Portanto, quando a mulher de classe média começou a escrever, ela naturalmente escreveu romances, embora, como parece bastante evidente, duas das quatro mulheres famosas aqui citadas não fossem romancistas por natureza. Emily Brontë deveria ter escrito peças poéticas; o transbordamento da mente espaçosa de George Eliot deveria ter se espalhado quando o impulso criativo foi gasto na história ou na biografia. Eles escreveram romances, entretanto; pode-se até ir mais longe, disse eu, tirando Orgulho e Preconceito da estante, e dizer que

escreveram bons romances. Sem se vangloriar ou magoar o sexo oposto, pode-se dizer que Orgulho e Preconceito é um bom livro. De qualquer forma, ninguém teria vergonha de ser pego escrevendo Orgulho e Preconceito. No entanto, Jane Austen ficou feliz porque uma dobradiça rangeu, para que ela pudesse esconder seu manuscrito antes que alguém entrasse. Para Jane Austen havia algo de desacreditável em escrever Orgulho e Preconceito. E, perguntei-me, será que Orgulho e Preconceito teria sido um romance melhor se Jane Austen não tivesse achado necessário esconder o seu manuscrito dos visitantes? Li uma ou duas páginas para ver; mas não consegui encontrar nenhum sinal de que as circunstâncias dela tivessem prejudicado o seu trabalho. Esse, talvez, tenha sido o principal milagre. Aqui estava uma mulher por volta do ano 1800 escrevendo sem ódio, sem amargura, sem medo, sem protesto, sem pregação. Foi assim que Shakespeare escreveu, pensei, olhando para Antônio e Cleópatra; e quando as pessoas comparam Shakespeare e Jane Austen, podem querer dizer que as mentes de ambos consumiram todos os impedimentos; e por essa razão não conhecemos Jane Austen e não conhecemos Shakespeare, e por essa razão Jane Austen permeia cada palavra que escreveu, e Shakespeare também. Se Jane Austen sofreu de alguma forma com as circunstâncias, foi na estreiteza da vida que lhe foi imposta. Era impossível para uma mulher andar sozinha. Ela nunca viajou; ela nunca dirigia por Londres em um ônibus ou almoçava sozinha em uma loja. Mas talvez fosse da natureza de Jane Austen não querer o que não tinha. Seu dom e suas circunstâncias combinavam completamente. Mas duvido que isso seja verdade no caso de Charlotte Brontë, eu disse, abrindo Jane Eyre e colocando-a ao lado de Orgulho e Preconceito.

Abri no capítulo doze e meus olhos foram atraídos pela frase “Quem quiser pode me culpar”. Pelo que eles estavam culpando Charlotte Brontë? Eu me

perguntei. E li como Jane Eyre costumava subir ao telhado quando a Sra. Fairfax estava fazendo geleias e olhava para os campos à distância. E então ela ansiava - e era por isso que a culpavam - que "então eu ansiava por um poder de visão que pudesse ultrapassar esse limite; que pudesse alcançar o mundo agitado, as cidades, as regiões cheias de vida das quais eu tinha ouvido falar, mas nunca vi: que então eu desejava mais experiência prática do que possuía; mais relações com minha espécie, de familiaridade com a variedade de caráter do que estava aqui ao meu alcance. Eu valorizava o que havia de bom na Sra. Fairfax, e o que havia de bom em Adèle; mas eu acreditava em a existência de outros tipos de bondade mais vívidos, e aquilo em que eu acreditava, eu desejava ver.

"Quem me culpa? Muitos, sem dúvida, e serei chamado de descontente. Não pude evitar: a inquietação estava na minha natureza; isso me agitou até a dor às vezes....

"É vão dizer que os seres humanos devem se contentar com a tranquilidade: eles devem ter ação; e eles farão isso se não conseguirem encontrá-la. Milhões estão condenados a uma condenação mais silenciosa do que a minha, e milhões estão em revolta silenciosa contra sua sorte. Ninguém sabe quantas rebeliões fermentam nas massas de vida que as pessoas têm na Terra. As mulheres devem ser muito calmas em geral: mas as mulheres se sentem exatamente como os homens; elas precisam de exercício para suas faculdades e de um campo para seus esforços tanto quanto seus irmãos; elas sofrem de uma restrição demasiado rígida, uma estagnação demasiado absoluta, precisamente como os homens sofreriam e é tacanho nos seus semelhantes mais privilegiados dizer que deveriam limitar-se a fazer pudins e tricotar meias, a tocar piano e a bordar bolsas.

"Quando estava sozinho, não era raro ouvir a risada de Grace Poole..."

Essa é uma pausa estranha, pensei. É perturbador encontrar Grace Poole de repente. A continuidade é perturbada. Poderíamos dizer, continuei, colocando o livro ao lado de *Orgulho e Preconceito*, que a mulher que escreveu aquelas páginas tinha mais genialidade do que Jane Austen; mas se alguém os ler e perceber aquele idiota, aquela indignação, verá que ela nunca conseguirá expressar seu gênio por completo. Seus livros ficarão deformados e torcidos. Ela escreverá com raiva onde deveria escrever com calma. Ela escreverá tolamente onde deveria escrever sabiamente. Ela escreverá sobre si mesma onde deveria escrever sobre seus personagens. Ela está em guerra com seu grupo. Como ela poderia evitar morrer jovem, constrangida e frustrada?

Não se poderia deixar de pensar por um momento no que poderia ter acontecido se Charlotte Brontë possuísse, digamos, trezentas libras por ano — mas a mulher tola vendeu os direitos autorais de seus romances por mil e quinhentas libras; de alguma forma, possuía mais conhecimento do mundo agitado e das cidades e regiões cheias de vida; mais experiência prática e relacionamento com sua espécie e conhecimento de uma variedade de personagens. Com essas palavras, ela aponta exatamente não apenas seus próprios defeitos como romancista, mas também os de seu sexo na época. Ela sabia, ninguém melhor, quão enormemente seu gênio teria beneficiado se não tivesse se gasto em visões solitárias sobre campos distantes; se experiência, convivência e viagens tivessem sido concedidas a ela. Mas eles não foram concedidos; eles foram retidos; e devemos aceitar o fato de que todos aqueles bons romances, *Villette*, *Emma*, *O Morro dos Ventos Uivantes*, *Middlemarch*, foram escritos por mulheres sem mais experiência de vida do

que a que poderia entrar na casa de um clérigo respeitável; escrito também na sala de estar comum daquela casa respeitável e por mulheres tão pobres que não tinham dinheiro para comprar mais do que alguns cadernos de papel de cada vez para escrever O Morro dos Ventos Uivantes ou Jane Eyre. Um deles, é verdade, George Eliot, escapou depois de muita tribulação, mas apenas para uma vila isolada em St. John's Wood. E lá ela se estabeleceu à sombra da desaprovação do mundo. "Desejo que fique claro", escreveu ela, "que nunca devo convidar para vir me ver alguém que não tenha solicitado o convite"; pois ela não estava vivendo em pecado com um homem casado e não poderia a visão dela prejudicar a castidade da Sra. Smith ou de quem quer que por acaso telefonasse? É preciso submeter-se à convenção social e ser "afastado do que se chama mundo". Ao mesmo tempo, do outro lado da Europa, havia um jovem que vivia livremente com este cigano ou com aquela grande senhora; indo para as guerras; captando sem impedimentos e sem censura toda aquela experiência variada da vida humana que lhe serviu tão esplendidamente mais tarde, quando ele começou a escrever seus livros. Se Tolstoi tivesse vivido no Priorado em reclusão com uma senhora casada, "afastada do que se chama de mundo", por mais edificante que fosse a lição moral, ele dificilmente poderia, pensei, ter escrito Guerra e Paz.

Mas talvez se pudesse aprofundar um pouco mais a questão da escrita de romances e o efeito do sexo sobre o romancista. Se fecharmos os olhos e pensarmos no romance como um todo, ele parecerá uma criação que possui uma certa semelhança espelhada com a vida, embora, é claro, com inúmeras simplificações e distorções. De qualquer forma, é uma estrutura que deixa uma forma na mente, ora construída em quadrados, ora em forma de pagode, ora projetando alas e arcadas, ora solidamente compacta e abobadada como a Catedral de Santa Sofia em Constantinopla. Essa forma,

pensei, relembando certos romances famosos, inicia em alguém o tipo de emoção que lhe é apropriado. Mas essa emoção mistura-se imediatamente com outras, pois a “forma” não é feita pela relação de pedra com pedra, mas pela relação de ser humano com ser humano. Assim, um romance desperta em nós todos os tipos de emoções antagônicas e opostas. A vida entra em conflito com algo que não é vida. Daí a dificuldade de chegar a qualquer acordo sobre romances e a imensa influência que nossos preconceitos particulares exercem sobre nós. Por um lado, sentimos que Você - João, o herói - deve viver, ou estarei nas profundezas do desespero. Por outro lado, sentimos: Infelizmente, John, você deve morrer, porque o formato do livro assim o exige. A vida entra em conflito com algo que não é vida. Então, como a vida é em parte, nós a julgamos como vida. James é o tipo de homem que mais detesto, diz alguém. Ou: Isto é uma mistura de absurdos. Eu nunca consegui sentir nada parecido. Toda a estrutura, é óbvio, pensando em qualquer romance famoso, é de infinita complexidade, porque é composta de tantos julgamentos diferentes, de tantos tipos diferentes de emoção. O que é surpreendente é que qualquer livro assim composto se mantenha por mais de um ou dois anos, ou possa significar para o leitor inglês o que significa para o russo ou o chinês. Mas eles se mantêm juntos ocasionalmente de maneira notável. E o que os mantém unidos nestes raros casos de sobrevivência (estava a pensar em Guerra e Paz) é algo a que chamamos integridade, embora não tenha nada a ver com pagar as contas ou comportar-se honradamente numa emergência. O que se entende por integridade, no caso do romancista, é a convicção que ele transmite de que esta é a verdade. Sim, sente-se, eu nunca deveria ter pensado que isso pudesse ser assim; Nunca conheci pessoas se comportando assim. Mas você me convenceu de que assim é, assim acontece. Enquanto lemos, mantemos

cada frase, cada cena à luz - pois a Natureza parece, muito estranhamente, ter-nos fornecido uma luz interior pela qual podemos julgar a integridade ou desintegridade do romancista. Ou talvez seja porque a Natureza, no seu estado de espírito mais irracional, traçou com tinta invisível nas paredes da mente uma premonição que estes grandes artistas confirmam; um esboço que só precisa ser levado ao fogo da genialidade para se tornar visível. Quando alguém o expõe e o vê ganhar vida, exclama em êxtase: Mas isso é o que sempre senti, conheci e desejei! E a gente transborda de excitação e, fechando o livro, mesmo com uma espécie de reverência, como se fosse algo muito precioso, um ponto de partida para voltar enquanto se vive, coloca-o de volta na estante, eu disse, pegando Guerra e Paz e colocando-o de volta em seu lugar. Se, por outro lado, essas pobres frases que tomamos e testamos provocam primeiro uma resposta rápida e ansiosa com seu colorido brilhante e seus gestos arrojados, mas aí param: algo parece detê-los em seu desenvolvimento: ou se trazem à luz apenas um tênue rabisco naquele canto e uma mancha ali, e nada aparece inteiro e inteiro, então a pessoa solta um suspiro de decepção e diz: Outro fracasso. Este romance fracassou em algum lugar.

E na maior parte, é claro, os romances fracassam em algum lugar. A imaginação vacila sob a enorme pressão. O insight é confuso; não consegue mais distinguir entre o verdadeiro e o falso; já não tem forças para prosseguir com o vasto trabalho que exige a cada momento o uso de tantas faculdades diferentes. Mas como tudo isso seria afetado pelo sexo do romancista?, perguntei-me, olhando para Jane Eyre e os outros. Será que o fato de seu sexo interferir de alguma forma na integridade de uma romancista - aquela integridade que considero ser a espinha dorsal do escritor? Agora, nas passagens que citei de Jane Eyre, fica claro que a raiva

estava mexendo com a integridade da romancista Charlotte Brontë. Ela deixou sua história, à qual se devia toda a sua devoção, para atender a alguma queixa pessoal. Ela se lembrou de que havia passado fome de sua experiência adequada - ela foi obrigada a estagnar em um presbitério consertando meias quando queria vagar livre pelo mundo. Sua imaginação desviou-se da indignação e nós sentimos que ela desviou. Mas havia muito mais influências do que a raiva puxando sua imaginação e desviando-a de seu caminho. Ignorância, por exemplo. O retrato de Rochester foi desenhado no escuro. Sentimos nele a influência do medo; assim como sentimos constantemente uma acidez que é resultado da opressão, um sofrimento enterrado que arde sob a sua paixão, um rancor que contrai esses livros, por mais esplêndidos que sejam, com um espasmo de dor.

E como um romance tem esta correspondência com a vida real, os seus valores são, até certo ponto, os da vida real. Mas é óbvio que os valores das mulheres diferem muitas vezes dos valores definidos pelo outro sexo; naturalmente, é assim. No entanto, são os valores masculinos que prevalecem. Falando grosseiramente, o futebol e o desporto são “importantes”; o culto à moda, a compra de roupas “triviais”. E esses valores são inevitavelmente transferidos da vida para a ficção. Este é um livro importante, assume o crítico, porque trata da guerra. Este é um livro insignificante porque trata dos sentimentos das mulheres numa sala de estar. Uma cena num campo de batalha é mais importante do que uma cena numa loja - em todo o lado e de forma muito mais subtil a diferença de valor persiste. Toda a estrutura, portanto, do romance do início do século XIX foi criada, se alguém fosse mulher, por uma mente que foi ligeiramente desviada do caminho certo e obrigada a alterar a sua visão clara em deferência à autoridade externa. Basta folhear aqueles velhos romances

esquecidos e ouvir o tom de voz com que foram escritos para adivinhar que o escritor estava enfrentando críticas; ela estava dizendo isso como forma de agressão, ou aquilo como forma de conciliação. Ela estava admitindo que era “apenas uma mulher”, ou protestando que era “tão boa quanto um homem”. Ela enfrentou essas críticas conforme seu temperamento ditava, com docilidade e timidez, ou com raiva e ênfase. Não importa qual foi; ela estava pensando em algo diferente da coisa em si. Desce o livro dela sobre nossas cabeças. Havia uma falha no centro disso. E pensei em todos os romances femininos espalhados, como pequenas maçãs marcadas num pomar, nos sebos de Londres. Foi a falha no centro que os apodreceu. Ela havia alterado seus valores em deferência à opinião dos outros.

Mas quão impossível deve ter sido para eles não se moverem nem para a direita nem para a esquerda. Que gênio, que integridade deve ter sido necessário, face a todas aquelas críticas, no meio daquela sociedade puramente patriarcal, manter-se firme na coisa tal como a viam, sem recuar. Apenas Jane Austen e Emily Brontë fizeram isso. É outra pena, talvez a mais fina, em seus gorros. Eles escreveram como as mulheres escrevem, não como os homens escrevem. De todas as milhares de mulheres que escreveram romances naquela época, só elas ignoraram completamente as advertências perpétuas do eterno pedagogo – escreva isto, pense aquilo. Só eles eram surdos àquela voz persistente, ora resmungona, ora paternalista, ora dominadora, ora entristecida, ora chocada, ora zangada, ora avuncular, aquela voz que não pode deixar as mulheres em paz, mas deve estar com elas, como uma governanta muito conscienciosa, conjurando-as, como Sir Egerton Brydges, a serem refinadas; arrastando até mesmo para a crítica da poesia a crítica do sexo; admoestando-as, se fossem boas e ganhassem, como suponho, algum prêmio brilhante, para se manterem dentro de certos

limites que o cavalheiro em questão considera adequados - "... as romancistas só deveriam aspirar à excelência reconhecendo corajosamente as limitações de seu sexo". Isso resume a questão em poucas palavras, e quando eu lhe digo, para sua surpresa, que esta frase foi escrita não em agosto de 1828, mas em agosto de 1928, você concordará, creio eu, que por mais agradável que seja para nós agora, ela representa um vasto conjunto de opiniões - não vou agitar essas velhas piscinas; Aproveito apenas o acaso que surgiu aos meus pés - que era muito mais vigoroso e muito mais vocal há um século atrás. Teria sido necessária uma jovem muito corajosa em 1828 para desconsiderar todos aqueles desprezos, repreensões e promessas de prêmios. Alguém deve ter sido um incendiário ao dizer para si mesmo: Ah, mas eles também não podem comprar literatura. A literatura está aberta a todos. Recuso-me a permitir que você, por mais Beadle que seja, me tire da grama. Tranque suas bibliotecas, se quiser; mas não há portão, nem fechadura, nem ferrolho que você possa colocar na liberdade da minha mente.

Mas qualquer que seja o efeito que o desânimo e a crítica tiveram sobre a sua escrita - e creio que tiveram um efeito muito grande -, isso não foi importante em comparação com a outra dificuldade que enfrentaram (eu ainda estava a considerar aqueles romancistas do início do século XIX) quando chegaram a colocar os seus pensamentos no papel - isto é, não tinham nenhuma tradição por trás deles, ou uma tradição tão curta e parcial que pouco ajudava. Pois pensamos através de nossas mães se somos mulheres. É inútil recorrer aos grandes escritores em busca de ajuda, por mais que se possa recorrer a eles por prazer. Lamb, Browne, Thackeray, Newman, Sterne, Dickens, De Quincey — quem quer que seja — nunca ajudaram uma mulher, embora ela possa ter aprendido alguns truques com

eles e os adaptado para seu uso. O peso, o ritmo, o ritmo da mente de um homem são muito diferentes dos dela para que ela consiga extrair dele qualquer coisa substancial com sucesso. O macaco está distante demais para ser diligente. Talvez a primeira coisa que ela descobrisse, ao colocar a caneta no papel, fosse que não havia uma frase comum pronta para ser usada. Todos os grandes romancistas como Thackeray, Dickens e Balzac escreveram uma prosa natural, rápida mas não desleixada, expressiva mas não preciosa, assumindo o seu próprio matiz sem deixar de ser propriedade comum. Eles se basearam na frase que estava em vigor na época. A frase que era corrente no início do século XIX talvez fosse mais ou menos assim: "A grandeza de suas obras era um argumento para eles, não para parar, mas para prosseguir. Essa é a sentença de um homem; atrás dele pode-se ver Johnson, Gibbon e o resto. Era uma frase inadequada para uso feminino. Charlotte Brontë, com todo o seu esplêndido dom para a prosa, tropeçou e caiu com aquela arma desajeitada nas mãos. George Eliot cometeu atrocidades com essa descrição inapropriada. Jane Austen olhou para ela e riu e inventou uma frase perfeitamente natural e bem formada, adequada para seu próprio uso e nunca se afastou dela. Assim, com menos gênio para escrever do que Charlotte Brontë, ela falava infinitamente mais. Na verdade, uma vez que a liberdade e a plenitude de expressão são a essência da arte, tal falta de tradição, tal escassez e inadequação de ferramentas, devem ter influenciado enormemente a escrita das mulheres. Além disso, um livro não é feito de frases dispostas de ponta a ponta, mas de frases construídas, se uma imagem ajudar, em arcadas ou cúpulas. E esta forma também foi feita pelos homens a partir das suas próprias necessidades para os seus próprios usos. Não há razão para pensar que a forma do épico ou da peça poética convém mais a uma mulher do que a frase lhe convém. Mas todas as formas

mais antigas de literatura estavam consolidadas e consolidadas na época em que ela se tornou escritora. O romance por si só era jovem o suficiente para ser macio em suas mãos - outra razão, talvez, pela qual ela escrevia romances. No entanto, quem dirá que mesmo agora "o romance" (coloco-o entre aspas para assinalar o meu sentido da inadequação das palavras), quem dirá que mesmo esta mais flexível de todas as formas está correctamente moldada para o seu uso? Sem dúvida, iremos encontrá-la moldando isso sozinha quando puder usar livremente seus membros; e fornecendo algum novo veículo, não necessariamente em verso, para a poesia nela contida. Pois é à poesia que ainda é negada a saída. E continuei pensando como uma mulher hoje em dia escreveria uma tragédia poética em cinco atos. Ela usaria versos? — ela não usaria prosa?

Mas estas são questões difíceis que permanecem no crepúsculo do futuro. Devo abandoná-los, desde que eles me estimulem a vagar do meu assunto para florestas sem trilhas, onde estarei perdido e, muito provavelmente, devorado por feras selvagens. Não quero, e tenho certeza de que vocês não me querem, abordar esse assunto tão sombrio, o futuro da ficção, de modo que farei apenas uma pausa aqui por um momento para chamar sua atenção para o grande papel que deve ser desempenhado nesse futuro, no que diz respeito às condições físicas das mulheres. O livro tem de ser adaptado ao corpo de alguma forma, e arriscaríamos dizer que os livros das mulheres deveriam ser mais curtos, mais concentrados do que os dos homens, e enquadrados de modo que não precisassem de longas horas de trabalho constante e ininterrupto. Para interrupções sempre haverá. Mais uma vez, os nervos que alimentam o cérebro parecem diferir nos homens e nas mulheres, e se quisermos fazê-los trabalhar o melhor e mais arduamente possível, temos de descobrir que tratamento lhes convém - se estas horas de

palestras, por exemplo, que os monges conceberam, presumivelmente, há centenas de anos, lhes convêm - que alternâncias de trabalho e descanso necessitam, interpretando o descanso não como não fazer nada, mas como fazer alguma coisa, mas algo que é diferente; e qual deveria ser essa diferença? Tudo isto deveria ser discutido e descoberto; tudo isso faz parte da questão das mulheres e da ficção. E, no entanto, continuei, aproximando-me novamente da estante, onde encontrarei aquele elaborado estudo da psicologia das mulheres feito por uma mulher? Se, devido à sua incapacidade de jogar futebol, as mulheres não puderem praticar medicina

— — —

Felizmente, meus pensamentos agora receberam outro rumo.

## 05. Capítulo V

Mary Carmichael

Finalmente, no decorrer dessa divagação, cheguei às estantes que guardam os livros dos vivos; por mulheres e por homens; pois há quase tantos livros escritos por mulheres quanto por homens. Ou se isso ainda não é verdade, se o sexo masculino ainda é o sexo volúvel, é certamente verdade que as mulheres já não escrevem apenas romances. Existem os livros de Jane Harrison sobre arqueologia grega; Os livros de Vernon Lee sobre estética; Os livros de Gertrude Bell sobre a Pérsia. Existem livros sobre todos os tipos de assuntos que, há uma geração, nenhuma mulher poderia ter tocado. Existem poemas, peças e críticas; há histórias e biografias, livros de viagens e livros de estudos e pesquisas; existem até algumas filosofias e livros sobre ciência e economia. E embora os romances predominem, os próprios romances podem muito bem ter mudado de associação com livros de um tipo diferente. A simplicidade natural, a era épica da escrita feminina, pode ter desaparecido. A leitura e a crítica podem ter-lhe dado um alcance mais amplo, uma maior subtileza. O impulso para a autobiografia pode estar esgotado. Ela pode estar começando a usar a escrita como uma arte, não como um método de autoexpressão. Entre esses novos romances pode-se encontrar uma resposta para várias dessas questões.

Eu derrubei um deles aleatoriamente. Ficava bem no final da estante, chamava-se *Life's Adventure*, ou algum título parecido, de Mary Carmichael, e foi publicado naquele mesmo mês de outubro. Parece ser o primeiro livro dela, disse a mim mesmo, mas é preciso lê-lo como se fosse o último volume de uma série bastante longa, dando continuidade a todos os outros livros que estive lendo — os poemas de Lady Winchilsea, as peças de Aphra Behn e

os romances dos quatro grandes romancistas. Pois os livros continuam uns aos outros, apesar do nosso hábito de julgá-los separadamente. E devo também considerá-la - esta mulher desconhecida - como descendente de todas aquelas outras mulheres cujas circunstâncias tenho observado e ver o que ela herda de suas características e restrições. Então, com um suspiro, porque os romances muitas vezes fornecem um anódino e não um antídoto, deslizam para um sono entorpecido em vez de despertar alguém com uma marca ardente, me acomodei com um caderno e um lápis para fazer o que pudesse do primeiro romance de Mary Carmichael, *A aventura da vida*.

Para começar, corri meus olhos para cima e para baixo na página. Vou pegar o jeito das frases dela primeiro, eu disse, antes de carregar minha memória com olhos azuis e castanhos e a relação que pode haver entre Chloe e Roger. Haverá tempo para isso quando eu decidir se ela tem uma caneta na mão ou uma picareta. Então tentei uma ou duas frases na minha língua. Logo ficou óbvio que algo não estava bem. O deslizamento suave de frase após frase foi interrompido. Algo rasgou, algo arranhou; uma única palavra aqui e ali brilhou em meus olhos. Ela estava se "descontrolando", como dizem nas peças antigas. Ela é como uma pessoa que acende um fósforo que não acende, pensei. Mas por que, perguntei-lhe como se ela estivesse presente, as frases de Jane Austen não são adequadas para você? Todos eles devem ser descartados porque Emma e o Sr. Woodhouse estão mortos? Infelizmente, suspirei, que deveria ser assim. Pois enquanto Jane Austen passa de melodia em melodia como Mozart de canção em canção, ler esse texto era como estar no mar em um barco aberto. Subiu um, caiu um afundou. Essa concisão, essa brevidade, poderia significar que ela estava com medo de alguma coisa; medo de ser chamado de "sentimental" talvez; ou ela lembra que a escrita feminina foi chamada de florida e, portanto,

fornece um excesso de espinhos; mas até que eu tenha lido uma cena com algum cuidado, não posso ter certeza se ela está sendo ela mesma ou outra pessoa. De qualquer forma, ela não diminui a vitalidade, pensei, lendo com mais atenção. Mas ela está acumulando muitos fatos. Ela não poderá usar metade deles em um livro desse tamanho. (Era cerca de metade do comprimento de Jane Eyre.) No entanto, de uma forma ou de outra, ela conseguiu levar todos nós - Roger, Chloe, Olivia, Tony e o Sr. Bigham - rio acima em uma canoa. Espere um momento, eu disse, recostando-me na cadeira, preciso considerar tudo com mais cuidado antes de prosseguir.

Tenho quase certeza, disse a mim mesmo, de que Mary Carmichael está nos pregando uma peça. Pois sinto-me como alguém se sente numa estrada de ferro em zig-zague quando o vagão, em vez de afundar, como se foi levado a esperar, desvia novamente. Mary está alterando a sequência esperada. Primeiro ela quebrou a frase; agora ela quebrou a sequência. Muito bem, ela tem todo o direito de fazer ambas as coisas, se não as fizer para quebrar, mas para criar. Qual dos dois é, não posso ter certeza até que ela se depare com uma situação. Darei a ela toda a liberdade, disse, para escolher qual será a situação; ela poderá fazê-lo com latas e chaleiras velhas, se quiser; mas ela deve me convencer de que acredita que se trata de uma situação; e então, quando ela conseguir, ela deve enfrentá-lo. Ela deve pular. E, determinado a cumprir meu dever para com ela como leitora, se ela cumprisse seu dever para comigo como escritora, virei a página e li... Lamento interromper tão abruptamente. Não há homens presentes? Você me promete que por trás daquela cortina vermelha ali não está escondida a figura de Sir Chartres Biron? Somos todas mulheres, você me garante? Então posso lhe dizer que as próximas palavras que li foram estas: "Chloe gostava de Olivia..." Não comece. Não fique vermelho. Admitamos, na

privacidade da nossa própria sociedade, que estas coisas às vezes acontecem. Às vezes as mulheres gostam de mulheres.

“Chloe gostava de Olivia”, li. E então me ocorreu como havia uma mudança imensa ali. Chloe gostou de Olivia talvez pela primeira vez na literatura. Cleópatra não gostava de Otávia. E como Antônio e Cleópatra teriam sido completamente alterados se ela tivesse feito isso! Do jeito que está, pensei, deixando minha mente, receio, desviar-se um pouco da aventura da vida, a coisa toda é simplificada, convencionalizada, se alguém ousasse dizê-lo, absurdamente. O único sentimento de Cleópatra em relação a Otávia é de ciúme. Ela é mais alta do que eu? Como ela arruma o cabelo? A peça, talvez, não exigisse mais nada. Mas como teria sido interessante se a relação entre as duas mulheres fosse mais complicada. Todas estas relações entre mulheres, pensei, recordando rapidamente a esplêndida galeria de mulheres fictícias, são demasiado simples. Tanta coisa foi deixada de lado, sem tentativa. E tentei me lembrar de algum caso durante minha leitura em que duas mulheres fossem representadas como amigas. Há uma tentativa de fazer isso em *Diana of the Crossways*. São confidentes, claro, em Racine e nas tragédias gregas. De vez em quando são mães e filhas. Mas quase sem exceção elas são mostradas na sua relação com os homens. Era estranho pensar que todas as grandes mulheres da ficção eram, até à época de Jane Austen, não apenas vistas pelo outro sexo, mas apenas em relação ao outro sexo. E quão pequena é essa parte da vida de uma mulher; e quão pouco pode um homem saber disso quando o observa através dos óculos pretos ou rosados que o sexo coloca em seu nariz. Daí, talvez, a natureza peculiar das mulheres na ficção; os surpreendentes extremos de sua beleza e horror; suas alternâncias entre a bondade celestial e a depravação infernal - pois assim um amante a veria à medida que seu amor aumentasse ou diminuísse,

fosse próspero ou infeliz. Isto não é tão verdade no caso dos romancistas do século XIX, é claro. A mulher fica muito mais variada e complicada aí. Na verdade, foi talvez o desejo de escrever sobre as mulheres que levou os homens, gradualmente, a abandonar o drama poético que, com a sua violência, podia fazer tão pouco uso delas, e a conceber o romance como um receptáculo mais adequado. Mesmo assim, permanece óbvio, mesmo nos escritos de Proust, que um homem é terrivelmente prejudicado e parcial no seu conhecimento das mulheres, tal como uma mulher no seu conhecimento dos homens.

Além disso, continuei, olhando novamente para a página, está se tornando evidente que as mulheres, assim como os homens, têm outros interesses além dos interesses perenes da domesticidade. "Chloe gostava de Olivia. Elas dividiam um laboratório juntas..." Continuei lendo e descobri que essas duas jovens estavam empenhadas em picar fígado, o que é, ao que parece, uma cura para a anemia perniciosa; embora um deles fosse casado e tivesse (acho que estou certo ao afirmar) dois filhos pequenos. Ora, tudo isso, é claro, teve de ser deixado de lado e, portanto, o esplêndido retrato da mulher fictícia é demasiado simples e demasiado monótono. Suponhamos, por exemplo, que os homens fossem representados na literatura apenas como amantes de mulheres e nunca fossem amigos de homens, soldados, pensadores, sonhadores; quão poucos papéis nas peças de Shakespeare poderiam ser atribuídos a eles; como a literatura sofreria! Talvez possamos ter a maior parte de Otelo; e bastante Antônio; mas nem César, nem Brutus, nem Hamlet, nem Lear, nem Jaques - a literatura ficaria incrivelmente empobrecida, como de fato a literatura está empobrecida para além da nossa conta pelas portas que foram fechadas às mulheres. Casados contra a vontade, mantidos num quarto e com uma mesma ocupação, como poderia

um dramaturgo dar um relato completo, interessante ou verdadeiro deles? O amor era o único intérprete possível. O poeta era forçado a ser apaixonado ou amargo, a menos que escolhesse "odiar as mulheres", o que na maioria das vezes significava que ele não era atraente para elas.

Agora se Chloe gosta de Olivia e elas compartilham um laboratório, o que por si só tornará a amizade delas mais variada e duradoura porque será menos pessoal; se Mary Carmichael sabe escrever e eu estava começando a gostar de alguma qualidade em seu estilo; se ela tem um quarto só para ela, do qual não tenho muita certeza; se ela tem quinhentos dólares por ano — mas isso ainda precisa ser provado — então acho que algo de grande importância aconteceu.

Pois se Chloe gosta de Olivia e Mary Carmichael sabe como expressar isso, ela acenderá uma tocha naquela vasta câmara onde ninguém ainda esteve. São meias luzes e sombras profundas como aquelas cavernas serpentina onde se anda com uma vela olhando para cima e para baixo, sem saber onde está pisando. E comecei a ler o livro novamente e li como Chloe observou Olivia colocar um pote em uma prateleira e dizer que era hora de voltar para casa, para seus filhos. Essa é uma visão que nunca foi vista desde o início do mundo, exclamei. E eu também observei, com muita curiosidade. Pois eu queria ver como Mary Carmichael começou a trabalhar para captar esses gestos não registrados, aquelas palavras não ditas ou meio ditas, que se formam, de forma não mais palpável do que as sombras das mariposas no teto, quando as mulheres estão sozinhas, não iluminadas pela luz caprichosa e colorida do outro sexo. Ela precisará prender a respiração, eu disse, enquanto continuava lendo, se quiser fazer isso; pois as mulheres são tão desconfiadas de qualquer interesse que não tenha algum motivo óbvio por

trás dele, tão terrivelmente acostumadas à ocultação e à supressão, que se afastam ao piscar de um olhar observador em sua direção. A única maneira de você fazer isso, pensei, dirigindo-me a Mary Carmichael como se ela estivesse lá, seria falar de outra coisa, olhando fixamente pela janela, e assim anotar, não com um lápis em um caderno, mas com a menor taquigrafia, em palavras que ainda mal têm sílabas, o que acontece quando Olivia - esse organismo que está sob a sombra da rocha há milhões de anos - sente a luz incidir sobre ele e vê vindo em sua direção um pedaço de comida estranha - conhecimento, aventura, arte. E ela estende a mão para pegá-lo, pensei, erguendo novamente os olhos da página, e tem que conceber alguma combinação inteiramente nova de seus recursos, tão altamente desenvolvidos para outros propósitos, de modo a absorver o novo no antigo sem perturbar o equilíbrio infinitamente intrincado e elaborado do todo.

Mas, infelizmente, eu tinha feito o que havia decidido não fazer; Eu tinha caído impensadamente no elogio do meu próprio sexo. "Altamente desenvolvido" — "infinitamente complexo" — esses são inegavelmente termos de elogio, e elogiar o próprio sexo é sempre suspeito, muitas vezes tolo; além disso, neste caso, como justificá-lo? Não se poderia ir ao mapa e dizer que Colombo descobriu a América e que Colombo era uma mulher; ou pegue uma maçã e observe: Newton descobriu as leis da gravitação e Newton era uma mulher; ou olhar para o céu e dizer que os aviões estão sobrevoando e que os aviões foram inventados por mulheres. Não há marca na parede para medir com precisão a altura das mulheres. Não existem medidas de quintal, nitidamente divididas em frações de polegada, que possam ser comparadas às qualidades de uma boa mãe ou à devoção de uma filha, ou à fidelidade de uma irmã, ou à capacidade de uma dona de casa. Até agora, poucas mulheres foram classificadas nas universidades; as

grandes proações das profissões, do exército e da marinha, do comércio, da política e da diplomacia dificilmente os testaram. Eles permanecem, mesmo neste momento, quase não classificados. Mas se eu quiser saber tudo o que um ser humano pode me dizer sobre Sir Hawley Butts, por exemplo, bastarei abrir Burke ou Debrett e descobrirei que ele obteve tal e tal diploma; possui um salão; tem um herdeiro; foi Secretário de um Conselho; representou a Grã-Bretanha no Canadá; e recebeu um certo número de graus, cargos, medalhas e outras distinções pelas quais seus méritos lhe foram marcados de forma indelével. Somente a Providência pode saber mais sobre Sir Hawley Butts do que isso.

Quando, portanto, digo “altamente desenvolvidas”, “infinitamente intrincadas” em relação às mulheres, não consigo verificar minhas palavras nem em Whitaker, nem em Debrett, nem no Calendário Universitário. Nesta situação o que posso fazer? E olhei para a estante novamente. Havia as biografias: Johnson e Goethe e Carlyle e Sterne e Cowper e Shelley e Voltaire e Browning e muitos outros. E comecei a pensar em todos aqueles grandes homens que, por uma razão ou outra, admiraram, procuraram, conviveram, confiaram, fizeram amor, escreveram, confiaram e mostraram o que só pode ser descrito como alguma necessidade e dependência de certas pessoas do sexo oposto. Que todas estas relações eram absolutamente platônicas eu não afirmaria, e Sir William Joynson Hicks provavelmente negaria. Mas estaríamos muito errados com esses homens ilustres se insistíssemos que eles não obtiveram nada com essas alianças além de conforto, lisonja e prazeres do corpo. O que obtiveram, é óbvio, foi algo que o seu próprio sexo foi incapaz de fornecer; e não seria precipitado, talvez, defini-lo melhor, sem citar as palavras sem dúvida rapsódicas dos poetas, como algum estímulo, alguma renovação do poder criativo que só cabe ao

sexo oposto conceder. Ele abriria a porta da sala de estar ou do berçário, pensei, e a encontraria talvez entre os filhos, ou com um pedaço de bordado no joelho - de qualquer forma, o centro de alguma ordem e sistema de vida diferente, e o contraste entre este mundo e o seu, que poderia ser os tribunais ou a Câmara dos Comuns, seria ao mesmo tempo refrescante e revigorante; e seguir-se-ia, mesmo na conversa mais simples, uma diferença de opinião tão natural que as ideias secas nele seriam fertilizadas novamente; e a visão dela criando em um meio diferente do seu aceleraria tanto seu poder criativo que insensivelmente sua mente estéril começaria a tramar novamente, e ele encontraria a frase ou a cena que faltava quando colocasse o chapéu para visitá-la. Todo Johnson tem seu Thrale, e se apegava a ela por algumas razões como essas, e quando o Thrale se casa com seu mestre de música italiano, Johnson fica meio louco de raiva e desgosto, não apenas porque ele sentirá falta de suas noites agradáveis em Streatham, mas porque a luz de sua vida será "como se tivesse se apagado".

E sem ser o Dr. Johnson ou Goethe ou Carlyle ou Voltaire, pode-se sentir, embora de forma muito diferente destes grandes homens, a natureza desta complexidade e o poder desta faculdade criativa altamente desenvolvida entre as mulheres. Entra-se na sala - mas os recursos da língua inglesa seriam muito desgastados, e fileiras inteiras de palavras teriam de surgir ilegitimamente antes que uma mulher pudesse dizer o que acontece quando ela entra em uma sala. Os quartos diferem completamente; eles são calmos ou estrondosos; abrem-se para o mar ou, pelo contrário, dão para um pátio de prisão; estão pendurados com roupa lavada; ou vivo com opalas e sedas; são duros como crina de cavalo ou macios como penas - basta entrar em qualquer cômodo de qualquer rua para que toda aquela força extremamente complexa da feminilidade voe na nossa cara. Como deveria ser de outra

forma? Porque as mulheres têm estado dentro de casa durante todos estes milhões de anos, de modo que, nesta altura, as próprias paredes estão permeadas pela sua força criativa, que, na verdade, sobrecarregou tanto a capacidade dos tijolos e da argamassa que precisa de se aproveitar de canetas e pincéis, dos negócios e da política. Mas este poder criativo difere muito do poder criativo dos homens. E devemos concluir que seria uma pena se fosse prejudicado ou desperdiçado, pois foi conquistado por séculos de disciplina mais drástica e não há nada que o substitua. Seria uma pena se as mulheres escrevessem como os homens, ou vivessem como os homens, ou se parecessem com os homens, pois se dois sexos são bastante inadequados, considerando a vastidão e a variedade do mundo, como deveríamos lidar com apenas um? Não deveria a educação revelar e fortalecer as diferenças em vez das semelhanças? Pois temos demasiada semelhança tal como é, e se um explorador voltasse e trouxesse notícias de outros sexos olhando através dos ramos de outras árvores para outros céus, nada seria de maior utilidade para a humanidade; e teríamos o imenso prazer de assistir o Professor X correr em busca de suas régua de medição para provar que é “superior”.

Mary Carmichael, pensei, ainda pairando a uma pequena distância acima da página, terá seu trabalho preparado para ela apenas como observadora. Na verdade, temo que ela se sinta tentada a se tornar o que considero o ramo menos interessante da espécie - a romancista naturalista, e não a contemplativa. Há tantos fatos novos para ela observar. Ela não precisará mais se limitar às casas respeitáveis da classe média alta. Ela irá sem gentileza ou condescendência, mas em espírito de companheirismo, para aquelas salas pequenas e perfumadas onde estão sentadas a cortesã, a meretriz e a senhora com o cachorro pug. Lá eles ainda estão sentados com as roupas rústicas e prontas que o escritor teve que colocar sobre seus

ombros. Mas Mary Carmichael pegará sua tesoura e a colocará perto de cada cavidade e ângulo. Será uma visão curiosa, quando chegar a hora, ver essas mulheres como elas são, mas devemos esperar um pouco, pois Mary Carmichael ainda estará sobrecarregada com aquela autoconsciência na presença do “pecado” que é o legado da nossa barbárie sexual. Ela ainda usará os velhos grilhões da classe nos pés.

Contudo, a maioria das mulheres não são prostitutas nem cortesãs; nem ficam sentados apertando cachorros pug em veludo empoeirado durante toda a tarde de verão. Mas o que eles fazem então? e me veio à mente uma daquelas longas ruas em algum lugar ao sul do rio, cujas fileiras infinitas são inumeravelmente povoadas. Com os olhos da imaginação, vi uma senhora muito idosa atravessando a rua nos braços de uma mulher de meia-idade, sua filha, talvez, ambas com botas e peles tão respeitáveis que vesti-las à tarde devia ser um ritual, e as próprias roupas guardadas em armários com cânfora, ano após ano, durante os meses de verão. Atravessam a rua quando as lâmpadas estão acesas (pois o crepúsculo é a sua hora favorita), como devem ter feito ano após ano. O mais velho está perto dos oitenta; mas se alguém lhe perguntasse o que sua vida significou para ela, ela diria que se lembrava das ruas iluminadas para a batalha de Balaclava, ou que ouviu os tiros no Hyde Park para o nascimento do rei Eduardo VII. E se alguém perguntasse a ela, desejando definir o momento com data e estação, mas o que você estava fazendo no dia 5 de abril de 1868, ou no dia 2 de novembro de 1875, ela pareceria vaga e diria que não conseguia se lembrar de nada. Pois todos os jantares são cozinhados; os pratos e copos lavados; as crianças foram enviadas para a escola e saíram para o mundo. Nada resta disso tudo. Tudo desapareceu. Nenhuma biografia ou história tem uma palavra a dizer sobre isso. E os romances, sem querer, mentem inevitavelmente.

Todas essas vidas infinitamente obscuras ainda precisam ser registradas, eu disse, dirigindo-me a Mary Carmichael como se ela estivesse presente; e continuou pensando pelas ruas de Londres sentindo na imaginação a pressão da mudez, o acúmulo de vida não registrada, seja das mulheres nas esquinas com os braços na cintura, e dos anéis encravados em seus dedos gordos e inchados, falando com uma gesticulação como o balanço das palavras de Shakespeare; ou dos vendedores de violetas, dos vendedores de fósforos e das velhas postadas sob as portas; ou de meninas à deriva cujos rostos, como ondas no sol e nas nuvens, sinalizam a chegada de homens e mulheres e as luzes bruxuleantes das vitrines das lojas. Tudo o que você terá que explorar, eu disse a Mary Carmichael, segurando firmemente sua tocha na mão. Acima de tudo, você deve iluminar sua própria alma com suas profundezas e suas águas rasas, e suas vaidades e suas generosidades, e dizer o que sua beleza significa para você ou sua simplicidade, e qual é a sua relação com o mundo em constante mudança e mudança de luvas e sapatos e outras coisas balançando para cima e para baixo entre os fracos aromas que passam através dos frascos dos químicos através de arcadas de material de vestuário sobre um piso de pseudo-mármore. Pois na minha imaginação eu havia entrado numa loja; foi pavimentado em preto e branco; estava pendurado, de uma beleza surpreendente, com fitas coloridas. Mary Carmichael poderia muito bem dar uma olhada nisso de passagem, pensei, pois é uma visão que caberia no cercado tão apropriadamente quanto qualquer pico nevado ou desfiladeiro rochoso nos Andes. E há também a garota atrás do balcão — eu preferiria ter sua verdadeira história como a centésima quinquagésima vida de Napoleão ou o septuagésimo estudo de Keats e seu uso da inversão miltônica que o velho professor Z e seus semelhantes estão agora recitando. E então continuei, muito cauteloso, na

ponta dos pés (tão covarde que sou, com tanto medo do chicote que quase caiu sobre meus próprios ombros), murmurando que ela também deveria aprender a rir, sem amargura, das vaidades - digamos, das peculiaridades, pois é uma palavra menos ofensiva - do outro sexo. Pois há uma mancha do tamanho de um xelim na parte de trás da cabeça que ninguém consegue ver por si mesmo. É um dos bons ofícios que o sexo pode dispensar por sexo - descrever aquela mancha do tamanho de um xelim na parte de trás da cabeça. Pensem no quanto as mulheres lucraram com os comentários de Juvenal; pelas críticas de Strindberg. Pensem com que humanidade e brilhantismo os homens, desde os primeiros tempos, apontaram às mulheres aquele lugar escuro na nuca! E se Maria fosse muito corajosa e honesta, ela iria atrás do outro sexo e nos contaria o que encontrou lá. Uma imagem verdadeira do homem como um todo nunca poderá ser pintada até que uma mulher tenha descrito aquele ponto do tamanho de um xelim. Mr. Woodhouse e Mr. Casuabon são locais desse tamanho e natureza. É claro que ninguém em sã consciência a aconselharia a resistir ao desprezo e ao ridículo do propósito estabelecido - a literatura mostra a futilidade do que é escrito com esse espírito. Seja sincero, dir-se-ia, e o resultado será surpreendentemente interessante. A comédia certamente será enriquecida. Novos fatos certamente serão descobertos.

No entanto, já era hora de baixar novamente os olhos para a página. Seria melhor, em vez de especular o que Mary Carmichael poderia e deveria escrever, ver o que de fato Mary Carmichael escreveu. Então comecei a ler novamente. Lembrei-me de que tinha certas queixas contra ela. Ela havia quebrado a frase de Jane Austen e, portanto, não me deu chance de me gabar do meu gosto impecável, do meu ouvido meticuloso. Pois era inútil dizer: "Sim, sim, isto é muito bonito; mas Jane Austen escreveu muito

melhor do que você”, quando tive que admitir que não havia nenhum ponto de semelhança entre eles. Então ela foi mais longe e quebrou a sequência – a ordem esperada. Talvez ela tivesse feito isso inconscientemente, apenas dando às coisas sua ordem natural, como faria uma mulher se escrevesse como mulher. Mas o efeito foi um tanto desconcertante; não se via uma onda se acumulando, uma crise surgindo na próxima esquina. Portanto, eu também não poderia me culpar pela profundidade dos meus sentimentos e pelo meu profundo conhecimento do coração humano. Pois sempre que eu estava prestes a sentir as coisas habituais nos lugares habituais, sobre o amor, sobre a morte, a criatura irritante me afastava, como se o ponto importante estivesse um pouco mais adiante. E assim ela me impossibilitou de lançar minhas frases sonoras sobre “sentimentos elementares”, a “coisa comum da humanidade”, “as profundezas do coração humano”, e todas aquelas outras frases que nos apoiam em nossa crença de que, por mais inteligentes que sejamos no topo, somos muito sérios, muito profundos e muito humanos por baixo. Ela me fez sentir, pelo contrário, que, em vez de sermos sérios, profundos e humanos, poderíamos ser — e a ideia era muito menos sedutora — meramente preguiçosos e, ainda por cima, convencionais.

Mas continuei lendo e observei alguns outros fatos. Ela não era um “gênio” — isso era evidente. Ela não tinha nada como o amor pela Natureza, a imaginação ardente, a poesia selvagem, a inteligência brilhante, a sabedoria taciturna de seus grandes predecessores, Lady Winchilsea, Charlotte Brontë, Emily Brontë, Jane Austen e George Eliot; ela não conseguia escrever com a melodia e a dignidade de Dorothy Osborne — na verdade, ela não passava de uma garota inteligente cujos livros serão, sem dúvida, publicados pelos editores dentro de dez anos. Mas, no entanto, ela tinha certas vantagens que faltavam às mulheres de muito maior talento há meio

século atrás. Os homens não eram mais para ela “a facção oposta”; ela não precisava perder tempo reclamando deles; ela não precisa subir no telhado e arruinar sua paz de espírito, ansiando por viagens, experiência e conhecimento do mundo e do caráter que lhe foram negados. O medo e o ódio quase desapareceram, ou seus traços apareceram apenas em um ligeiro exagero da alegria da liberdade, uma tendência ao cáustico e satírico, em vez do romântico, no tratamento que ela dispensava ao outro sexo. Então não poderia haver dúvida de que, como romancista, ela desfrutava de algumas vantagens naturais de alto nível. Ela tinha uma sensibilidade muito ampla, ávida e livre. Ele respondeu a um toque quase imperceptível. Ele se deleitava como uma planta recém-surgida no ar com cada visão e som que surgia em seu caminho. Variava também, de forma muito sutil e curiosa, entre coisas quase desconhecidas ou não registradas; iluminava as pequenas coisas e mostrava que talvez elas não fossem pequenas, afinal. Trouxe à luz coisas enterradas e nos fez pensar que necessidade havia de enterrá-las. Por mais desajeitada que fosse e sem o porte inconsciente de uma longa descida que torna agradável aos ouvidos o menor movimento da caneta de um Thackeray ou de um Cordeiro, ela havia — comecei a pensar — dominado a primeira grande lição; ela escreveu como mulher, mas como uma mulher que esqueceu que é mulher, de modo que suas páginas estavam repletas daquela curiosa qualidade sexual que só surge quando o sexo é inconsciente de si mesmo.

Tudo isso foi para o bem. Mas nenhuma abundância de sensação ou sutileza de percepção serviria a menos que ela pudesse construir, a partir do fugaz e do pessoal, o edifício duradouro que permanece intacto. Eu havia dito que esperaria até que ela se deparasse com “uma situação”. E eu quis dizer isso até que ela provasse, convocando, acenando e reunindo-se, que ela não era

apenas uma escumadeira de superfícies, mas que havia olhado para as profundezas. Agora é a hora, dizia ela para si mesma em determinado momento, em que, sem fazer nada de violento, posso mostrar o significado de tudo isso. E ela começava - quão inconfundível é essa aceleração! - acenando e convocando, e surgiram na memória, coisas meio esquecidas, talvez bastante triviais, em outros capítulos deixados pelo caminho. E ela fazia sentir a presença deles enquanto alguém costurava ou fumava um cachimbo da maneira mais natural possível, e a gente sentia, à medida que ela escrevia, como se alguém tivesse ido ao topo do mundo e o tivesse visto, muito majestosamente, lá embaixo.

De qualquer forma, ela estava tentando. E enquanto a observava se alongar para o teste, vi, mas esperava que ela não visse, os bispos e os reitores, os médicos e os professores, os patriarcas e os pedagogos, todos gritando advertências e conselhos. Você não pode fazer isso e não fará aquilo! Bolsistas e estudiosos só são permitidos na grama! Senhoras não admitidas sem uma carta de apresentação! Romancistas aspirantes e graciosas desta forma! Então eles continuaram a persegui-la como a multidão em uma cerca na pista de corrida, e foi sua tentativa de pegar a cerca sem olhar para a direita ou para a esquerda. Se você parar para xingar você está perdida, eu disse a ela; igualmente, se você parar de rir. Hesite ou se atrapalhe e você estará perdido. Pense apenas no salto, implorei-lhe, como se tivesse colocado todo o meu dinheiro nas costas dela; e ela passou por cima dele como um pássaro. Mas havia uma cerca além disso e uma cerca além disso. Eu duvidava que ela tivesse resistência, pois as palmas e o choro estavam desgastando os nervos. Mas ela fez o seu melhor. Considerando que Mary Carmichael não era um gênio, mas uma garota desconhecida escrevendo seu primeiro romance em uma sala de estar, sem o suficiente daquelas coisas

desejáveis, tempo, dinheiro e ociosidade, ela não se saiu tão mal, pensei.

Dê-lhe mais cem anos, concluí, lendo o último capítulo - os narizes e os ombros nus das pessoas apareciam nus contra o céu estrelado, pois alguém havia puxado a cortina da sala de estar -, dê-lhe um quarto próprio e quinhentos por ano, deixe-a falar o que pensa e omitir metade do que agora investe, e ela escreverá um livro melhor um dia desses. Ela será uma poetisa, eu disse, colocando *As Aventuras da Vida*, de Mary Carmichael, no fim da estante, daqui a cem anos.

## 06. Capítulo VI

A sala, o dinheiro e a liberdade

No dia seguinte, a luz da manhã de outubro entrava em fachos empoeirados pelas janelas sem cortinas, e o zumbido do trânsito subia na rua. Londres então estava se recuperando novamente; a fábrica estava em movimento; as máquinas estavam começando. Era tentador, depois de toda esta leitura, olhar pela janela e ver o que Londres estava a fazer na manhã de 26 de Outubro de 1928. E o que Londres estava a fazer? Parecia que ninguém estava lendo Antônio e Cleópatra. Parecia que Londres era totalmente indiferente às peças de Shakespeare. Ninguém se importava minimamente – e não os culpo – pelo futuro da ficção, pela morte da poesia ou pelo desenvolvimento, pela mulher comum, de um estilo de prosa completamente expressivo da sua mente. Se as opiniões sobre qualquer um desses assuntos tivessem sido escritas a giz na calçada, ninguém teria parado para lê-las. A indiferença dos pés apressados os teria apagado em meia hora. Aí veio um mensageiro; aqui uma mulher com um cachorro na coleira. O fascínio das ruas de Londres é que nunca há duas pessoas iguais; cada um parece vinculado a algum assunto particular de sua autoria. Havia os profissionais, com suas sacolinhas; lá estavam os vagabundos batendo gravetos nas grades da área; havia personagens afáveis para quem as ruas servem de salão de festas, chamando homens em carroças e dando informações sem serem solicitadas. Também havia funerais para os quais os homens, subitamente lembrados da passagem dos seus próprios corpos, erguiam os chapéus. E então um cavalheiro muito distinto desceu lentamente a soleira de uma porta e parou para evitar colidir com uma senhora agitada que, de uma forma ou de outra, adquirira um esplêndido casaco de pele e um ramo de

violetas de Parma. Todos pareciam separados, egocêntricos, cuidando de seus próprios negócios.

Neste momento, como tantas vezes acontece em Londres, houve uma completa calma e suspensão do trânsito. Nada aconteceu na rua; ninguém passou. Uma única folha se desprende do plátano no fim da rua, e nessa pausa e suspensão caíram. De alguma forma, foi como se um sinal caísse, um sinal apontando para uma força nas coisas que alguém havia negligenciado. Parecia apontar para um rio que passava, de forma invisível, dobrando a esquina, descendo a rua, e levava as pessoas e as fazia girar, como o riacho em Oxbridge havia levado o estudante de graduação em seu barco e as folhas mortas. Agora trazia de um lado a outro da rua, na diagonal, uma moça com botas de couro envernizado e depois um rapaz com sobretudo marrom; trazia também um táxi; e reuniu todos os três em um ponto diretamente abaixo da minha janela; onde o táxi parou; e a menina e o jovem pararam; e eles entraram no táxi; e então o táxi deslizou como se tivesse sido arrastado pela correnteza de outro lugar.

A visão era bastante comum; o que era estranho era a ordem rítmica com que a minha imaginação o investia; e o fato de que a visão comum de duas pessoas entrando em um táxi tinha o poder de comunicar algo de sua aparente satisfação. A visão de duas pessoas descendo a rua e se encontrando na esquina parece aliviar um pouco a tensão, pensei, observando o táxi virar e partir. Talvez pensar, como estive pensando nestes dois dias, em um sexo como distinto do outro seja um esforço. Isso interfere na unidade da mente. Agora esse esforço tinha cessado e a unidade tinha sido restaurada ao ver duas pessoas juntarem-se e entrarem num táxi. A mente é certamente um órgão muito misterioso, refleti, afastando a cabeça

da janela, sobre o qual nada se sabe, embora dependamos totalmente dela. Por que sinto que existem separações e oposições na mente, assim como existem tensões de causas óbvias no corpo? O que se quer dizer com “a unidade da mente”? Eu ponderei, pois claramente a mente tem um poder tão grande de concentração em qualquer ponto e a qualquer momento que parece não ter um estado único de ser. Pode separar-se das pessoas na rua, por exemplo, e pensar que está à parte delas, numa janela superior olhando para elas. Ou pode pensar espontaneamente com outras pessoas, como, por exemplo, numa multidão esperando para ouvir a leitura de alguma notícia. Pode pensar através dos seus pais ou através das suas mães, como eu disse que uma mulher que escreve pensa através das suas mães. Mais uma vez, se alguém é mulher, é muitas vezes surpreendido por uma súbita cisão da consciência, por exemplo, ao caminhar por Whitehall, quando, de herdeira natural dessa civilização, ela se torna, pelo contrário, fora dela, estranha e crítica. É evidente que a mente está sempre alterando o seu foco e trazendo o mundo para diferentes perspectivas. Mas alguns destes estados mentais parecem, mesmo que adotados espontaneamente, menos confortáveis do que outros. Para continuar neles, estamos inconscientemente retendo algo e, gradualmente, a repressão se torna um esforço. Mas pode haver algum estado de espírito em que alguém possa continuar sem esforço, porque nada precisa ser retido. E este talvez, pensei, entrando pela janela, seja um deles. Pois certamente quando vi o casal entrar no táxi a mente sentiu como se, depois de dividida, tivesse se unido novamente numa fusão natural. A razão óbvia seria que é natural que os sexos cooperem. Temos um instinto profundo, embora irracional, a favor da teoria de que a união do homem e da mulher proporciona a maior satisfação, a mais completa felicidade. Mas a visão das duas pessoas entrando no táxi e a satisfação que isso me

proporcionou me fez perguntar também se existem dois sexos na mente correspondentes aos dois sexos no corpo, e se eles também precisam estar unidos para obterem satisfação e felicidade completas? E continuei a esboçar, de forma amadora, um plano da alma, de modo que em cada um de nós presidem dois poderes, um masculino e uma feminino; e no cérebro do homem o homem predomina sobre a mulher, e no cérebro da mulher a mulher predomina sobre o homem. O estado de ser normal e confortável é aquele em que os dois vivem juntos em harmonia, cooperando espiritualmente. Se alguém for homem, ainda assim a parte feminina do cérebro deve ter efeito; e uma mulher também deve se relacionar com o homem que há nela. Coleridge talvez quisesse dizer isso quando disse que uma grande mente é andrógina. É quando ocorre essa fusão que a mente fica totalmente fecundada e utiliza todas as suas faculdades. Talvez uma mente puramente masculina não possa criar, assim como uma mente puramente feminina, pensei. Mas seria bom testar o que se entende por homem-feminino e, inversamente, por mulher-masculino, fazendo uma pausa e olhando um ou dois livros.

Coleridge certamente não quis dizer, quando disse que uma grande mente é andrógina, que é uma mente que tem alguma simpatia especial pelas mulheres; uma mente que assume sua causa ou se dedica à sua interpretação. Talvez a mente andrógina seja menos apta a fazer essas distinções do que a mente do mesmo sexo. Ele quis dizer, talvez, que a mente andrógina é ressonante e porosa; que transmite emoções sem impedimentos; que é naturalmente criativo, incandescente e indiviso. Na verdade, voltamos à mente de Shakespeare como o tipo do andrógino, da mente homem-mulher, embora fosse impossível dizer o que Shakespeare pensava das mulheres. E se for verdade que um dos sinais da mente

plenamente desenvolvida é o fato de ela não pensar especial ou separadamente sobre o sexo, quão mais difícil será atingir essa condição agora do que nunca. Aí cheguei aos livros de escritores vivos, e ali parei e me perguntei se esse fato não estaria na raiz de algo que há muito me intrigava. Nenhuma época pode ter sido tão estridentemente consciente do sexo como a nossa; aqueles inúmeros livros de homens sobre mulheres no Museu Britânico são uma prova disso. A campanha do sufrágio foi sem dúvida a culpada. Deve ter despertado nos homens um desejo extraordinário de auto-afirmação; deve tê-los feito dar ênfase ao seu próprio sexo e às suas características, nas quais não se teriam dado ao trabalho de pensar se não tivessem sido desafiados. E quando alguém é desafiado, mesmo por algumas mulheres com chapéus pretos, retalia, se nunca tiver sido desafiado antes, de forma bastante excessiva. Isso talvez explique algumas das características que me lembro de ter encontrado aqui, pensei, anotando um novo romance do Sr. A, que está no auge da vida e muito bem pensado, aparentemente, pelos críticos. Eu abri. Na verdade, foi maravilhoso ler novamente a escrita de um homem. Foi tão direto, tão direto depois da escrita das mulheres. Indicava tanta liberdade de espírito, tanta liberdade pessoal, tanta confiança em si mesmo. Tínhamos uma sensação de bem-estar físico na presença dessa mente bem nutrida, bem-educada e livre, que nunca havia sido frustrada ou combatida, mas que tinha plena liberdade desde o nascimento para se expandir da maneira que quisesse. Tudo isso foi admirável. Mas depois de ler um ou dois capítulos, uma sombra parecia pairar sobre a página. Era uma barra reta e escura, uma sombra com formato parecido com a letra "I". Começou-se a desviar-se para um lado e para o outro para vislumbrar a paisagem por trás dele. Se aquilo era realmente uma árvore ou uma mulher andando, eu não tinha certeza. Voltar

sempre foi saudado com a letra "I". Começou-se a ficar cansado do "eu". Não, mas o que esse "eu" era um "eu" muito respeitável; honesto e lógico; tão duro quanto uma noz e polido durante séculos por bons ensinamentos e boa alimentação. Respeito e admiro esse "eu" do fundo do meu coração. Mas — aqui virei uma ou duas páginas, procurando uma coisa ou outra — o pior é que à sombra da letra "eu" tudo fica disforme como névoa. Isso é uma árvore? Não, é uma mulher. Mas... ela não tem um osso no corpo, pensei, observando Phoebe, pois esse era o nome dela, atravessando a praia. Então Alan se levantou e a sombra de Alan destruiu Phoebe imediatamente. Pois Alan tinha opiniões e Phoebe foi saciada pela enxurrada de suas opiniões. E então Alan, pensei, tem paixões; e aqui virei página após página muito rápido, sentindo que a crise se aproximava, e assim foi. Aconteceu na praia sob o sol. Isso foi feito de forma muito aberta. Foi feito com muito vigor. Nada poderia ter sido mais indecente. Mas... eu disse "mas" com muita frequência. Não se pode continuar dizendo "mas". É preciso terminar a frase de alguma forma, repreendi-me. Devo terminar com "Mas... estou entediado!" Mas por que eu estava entediado? Em parte por causa do domínio da letra "I" e da aridez que, como a faia gigante, projeta à sua sombra. Nada crescerá lá. E em parte por algum motivo mais obscuro. Parecia haver algum obstáculo, algum impedimento na mente do Sr. A que bloqueava a fonte de energia criativa e a escorava dentro de limites estreitos. E lembrando-se do almoço em Oxbridge, e da cinza do cigarro e do gato Manx e de Tennyson e Christina Rossetti, todos juntos, parecia possível que o obstáculo estivesse ali. Como ele já não cantarola baixinho: "Caiu uma lágrima esplêndida da flor do maracujá no portão", quando Phoebe atravessa a praia, e ela não responde mais: "Meu coração é como um pássaro canoro cujo ninho está num rebento aquático", quando Alan se

aproxima, o que ele pode fazer? Sendo honesto como o dia e lógico como o sol, só há uma coisa que ele pode fazer. E isso ele faz, para lhe fazer justiça, repetidamente (eu disse virando as páginas) e novamente. E isso, acrescentei, consciente da natureza terrível da confissão, parece um tanto enfadonho. A indecência de Shakespeare arranca milhares de outras coisas da mente e está longe de ser enfadonha. Mas Shakespeare faz isso por prazer; O senhor A, como dizem as enfermeiras, faz isso de propósito. Ele faz isso em protesto. Ele está protestando contra a igualdade do outro sexo, afirmando a sua própria superioridade. Ele está, portanto, impedido, inibido e constrangido como Shakespeare poderia ter ficado se também tivesse conhecido Miss Clough e Miss Davies. Sem dúvida, a literatura elisabetana teria sido muito diferente do que é se o movimento das mulheres tivesse começado no século XVI e não no século XIX.

O que isso significa, então, se esta teoria dos dois lados da mente for válida, é que a virilidade tornou-se agora autoconsciente - isto é, os homens escrevem agora apenas com o lado masculino do seu cérebro. É um erro uma mulher lê-los, pois inevitavelmente procurará algo que não encontrará. É do poder da sugestão que mais sentimos falta, pensei, pegando o Sr. B, o crítico, em minhas mãos e lendo, com muito cuidado e muito respeito, suas observações sobre a arte da poesia. Eles eram muito capazes, perspicazes e cheios de aprendizado; mas o problema era que seus sentimentos não se comunicavam mais; sua mente parecia dividida em diferentes câmaras; nem um som transportado de um para o outro. Assim, quando alguém coloca na mente uma frase do Sr. B, ela cai no chão - morta; mas quando alguém coloca na mente uma frase de Coleridge, ela explode e dá origem a todos os tipos de outras idéias, e esse é o único tipo de escrita do qual se pode dizer que contém o segredo da vida perpétua.

Mas seja qual for a razão, é um fato que devemos lamentar. Pois isso significa - aqui cheguei a fileiras de livros do Sr. Galsworthy e do Sr. Kipling - que algumas das melhores obras de nossos maiores escritores vivos caem em ouvidos surdos. Faça o que quiser, uma mulher não consegue encontrar neles aquela fonte de vida perpétua que os críticos garantem que ela existe. Não se trata apenas de celebrarem as virtudes masculinas, reforçarem os valores masculinos e despreverem o mundo dos homens; é que a emoção com que esses livros estão permeados é incompreensível para uma mulher. Está chegando, está se acumulando, está prestes a explodir na cabeça, começa-se a dizer muito antes do fim. Essa imagem cairá na cabeça do velho Jolyon; ele morrerá de choque; o velho escriturário falará sobre ele duas ou três palavras de obituário; e todos os cisnes do Tâmsa começarão a cantar simultaneamente. Mas alguém sairá correndo antes que isso aconteça e se esconderá nos arbustos de groselhas, pois a emoção que é tão profunda, tão sutil, tão simbólica para um homem leva uma mulher a se maravilhar. O mesmo acontece com os oficiais do Sr. Kipling que viram as costas; e seus semeadores que semeiam a semente; e seus Homens que estão sozinhos com seu Trabalho; e a Bandeira — ficamos vermelhos ao ver todas essas letras maiúsculas, como se tivéssemos sido pegos escutando alguma orgia puramente masculina. O fato é que nem o Sr. Galsworthy nem o Sr. Kipling têm uma centelha de mulher neles. Assim, todas as suas qualidades parecem para uma mulher, se pudermos generalizar, grosseiras e imaturas. Eles carecem de poder sugestivo. E quando um livro carece de poder sugestivo, por mais que atinja a superfície da mente, ele não consegue penetrar.

E naquele estado de espírito inquieto em que se tira os livros e os guarda de volta sem olhar para eles, comecei a imaginar uma era futura de virilidade pura e auto-afirmativa, tal como as cartas dos professores (vejam-se as

cartas de Sir Walter Raleigh, por exemplo) parecem pressagiar, e os governantes da Itália já criaram. Pois dificilmente se pode deixar de ficar impressionado em Roma pelo sentimento de masculinidade absoluta; e qualquer que seja o valor da masculinidade absoluta para o Estado, pode-se questionar o efeito dela sobre a arte da poesia. De qualquer forma, segundo os jornais, existe uma certa ansiedade em relação à ficção em Itália. Houve um encontro de acadêmicos cujo objetivo é “desenvolver o romance italiano”. “Homens famosos de nascimento, ou nas finanças, na indústria ou nas corporações fascistas” reuniram-se outro dia e discutiram o assunto, e um telegrama foi enviado ao Duce expressando a esperança “de que a era fascista em breve daria à luz um poeta digno dela”. Todos podemos aderir a essa esperança piedosa, mas é duvidoso que a poesia possa sair de uma incubadora. A poesia deveria ter mãe e também pai. O poema fascista, pode-se temer, será um pequeno aborto horrível, como aquele que se vê num frasco de vidro no museu de alguma cidade do condado. Dizem que tais monstros nunca vivem muito; nunca se viu um prodígio desse tipo cortando grama num campo. Duas cabeças no mesmo corpo não proporcionam longevidade.

Contudo, a culpa por tudo isto, se alguém estiver ansioso por atribuir culpas, não recai mais sobre um sexo do que sobre o outro. Todos os sedutores e reformadores são responsáveis: Lady Bessborough quando mentiu para Lord Granville; Senhorita Davies quando ela contou a verdade ao Sr. Greg. Todos os que provocaram um estado de consciência sexual são os culpados, e são eles que me levam, quando quero desenvolver as minhas faculdades num livro, a procurá-lo naquela época feliz, antes de Miss Davies e Miss Clough nascerem, quando o escritor usava ambos os lados da sua mente igualmente. É preciso então voltar a Shakespeare, pois Shakespeare era andrógino; e

também Keats e Sterne e Cowper e Lamb e Coleridge. Shelley talvez não tivesse sexo. Milton e Ben Jonson tinham um toque muito masculino neles. O mesmo aconteceu com Wordsworth e Tolstoi. Em nossa época, Proust era totalmente andrógino, talvez até um pouco feminino demais. Mas essa falha é muito rara para que alguém se queixe dela, já que sem alguma mistura desse tipo o intelecto parece predominar e as outras faculdades da mente endurecem e tornam-se estéreis. Contudo, consolei-me com a reflexão de que esta talvez seja uma fase passageira; muito do que eu disse em obediência à minha promessa de lhe dar o rumo dos meus pensamentos parecerá desatualizado; muito do que chama em meus olhos parecerá duvidoso para você que ainda não atingiu a maioria.

Mesmo assim, a primeira frase que escreveria aqui, disse, dirigindo-me à escrivãzinha e ocupando a página intitulada Mulheres e Ficção, é que é fatal para quem escreve pensar no seu sexo. É fatal ser homem ou mulher puro e simples; é preciso ser homem-mulher ou homem-mulher. É fatal para uma mulher dar o mínimo de importância a qualquer queixa; pleitear até mesmo com justiça qualquer causa; de forma alguma falar conscientemente como mulher. E fatal não é uma figura de linguagem; pois qualquer coisa escrita com esse preconceito consciente está condenada à morte. Deixa de ser fertilizado. Brillante e eficaz, poderoso e magistral, por mais que possa parecer por um ou dois dias, deve murchar ao anoitecer; não pode crescer nas mentes dos outros. Alguma colaboração tem que ocorrer na mente entre a mulher e o homem antes que a arte da criação possa ser realizada. Algum casamento de opostos precisa ser consumado. Toda a mente deve estar bem aberta se quisermos ter a sensação de que o escritor está comunicando sua experiência com perfeita plenitude. Deve haver liberdade e deve haver paz. Nem uma roda deve ralar, nem um brilho de luz. As cortinas devem estar

bem fechadas. O escritor, pensei, uma vez terminada a sua experiência, deve recostar-se e deixar a sua mente celebrar as suas núpcias na escuridão. Ele não deve olhar ou questionar o que está sendo feito. Em vez disso, ele deve arrancar as pétalas de uma rosa ou observar os cisnes flutuando calmamente rio abaixo. E vi novamente a corrente que levou o barco e o estudante e as folhas mortas; e o táxi levou o homem e a mulher, pensei, vendo-os juntar-se do outro lado da rua, e a corrente levou-os embora, pensei, ouvindo ao longe o barulho do trânsito de Londres, para dentro daquele tremendo riacho.

Aqui, então, Mary Beton para de falar. Ela lhe contou como chegou à conclusão — a conclusão prosaica — de que é necessário ter quinhentas libras por ano e um quarto com fechadura na porta para escrever ficção ou poesia. Ela tentou expor os pensamentos e impressões que a levaram a pensar isso. Ela pediu que você a seguisse voando nos braços de um Beadle, almoçando aqui, jantando ali, desenhando no Museu Britânico, tirando livros da estante, olhando pela janela. Enquanto ela fez todas essas coisas, você sem dúvida observou suas falhas e fraquezas e decidiu que efeito elas tiveram em suas opiniões. Você a está contradizendo e fazendo quaisquer acréscimos e deduções que lhe pareçam bons. É tudo o que deveria ser, pois numa questão como esta a verdade só pode ser obtida juntando-se muitas variedades de erros. E terminarei agora, pessoalmente, antecipando duas críticas, tão óbvias que dificilmente vocês poderão deixar de fazê-las.

Nenhuma opinião foi expressa, pode-se dizer, sobre os méritos comparativos dos sexos, mesmo como escritores. Isso foi feito propositalmente, porque, mesmo que tivesse chegado o momento de tal avaliação - e é muito mais importante neste momento saber quanto dinheiro as mulheres tinham e

quantos quartos do que teorizar sobre as suas capacidades - mesmo que tivesse chegado o momento, não acredito que os dons, sejam de espírito ou de carácter, possam ser pesados como açúcar e manteiga, nem mesmo em Cambridge, onde são tão hábeis em colocar as pessoas em classes e fixar bonés nas suas cabeças e letras após os seus nomes. Não acredito que mesmo a Tabela de Precedência que você encontrará no Almanaque de Whitaker represente uma ordem final de valores, ou que haja qualquer razão sólida para supor que um Comandante do Banho acabará por entrar no jantar atrás de um Mestre Louco. Toda essa oposição de sexo contra sexo, de qualidade contra qualidade; toda essa reivindicação de superioridade e imputação de inferioridade pertencem ao estágio da escola particular da existência humana onde existem "lados", sendo necessário que um lado vença o outro lado, e de extrema importância subir até uma plataforma e receber das mãos do próprio Diretor um pote altamente ornamental. À medida que as pessoas amadurecem, elas deixam de acreditar em lados, em diretores ou em vasos altamente ornamentais. De qualquer forma, no que diz respeito aos livros, é notoriamente difícil fixar rótulos de mérito de tal forma que não se soltem. As revisões da literatura atual não são uma ilustração perpétua da dificuldade de julgamento? "Este grande livro", "este livro inútil", o mesmo livro é chamado pelos dois nomes. Louvor e culpa não significam nada. Não, por mais delicioso que seja o passatempo de medir, é a mais fútil de todas as ocupações, e submeter-se aos decretos dos medidores é a mais servil das atitudes. Contanto que você escreva o que deseja escrever, isso é tudo que importa; e se isso importa por muito tempo ou apenas por horas, ninguém pode dizer. Mas sacrificar um fio de cabelo da sua visão, uma sombra de sua cor, em deferência a algum diretor com um pote de prata na mão ou a algum professor com uma régua na manga, é a

traição mais abjeta, e o sacrifício da riqueza e da castidade que costumava ser considerado o maior dos desastres humanos, uma mera picada de pulga em comparação.

Em seguida, acho que você pode objetar que em tudo isso dei muita importância às coisas materiais. Mesmo permitindo uma margem generosa para o simbolismo, que quinhentos por ano representam o poder de contemplar, que uma fechadura na porta significa o poder de pensar por si mesmo, ainda assim você pode dizer que a mente deve elevar-se acima de tais coisas; e que os grandes poetas muitas vezes foram homens pobres. Deixe-me então citar-lhe as palavras do seu próprio professor de literatura, que sabe melhor do que eu o que é necessário para a formação de um poeta. Sir Arthur Quiller-Couch escreve:

"Quais são os grandes nomes poéticos dos últimos cem anos ou mais? Coleridge, Wordsworth, Byron, Shelley, Landor, Keats, Tennyson, Browning, Arnold, Morris, Rossetti, Swinburne - podemos parar por aí. Destes, todos, exceto Keats, Browning, Rossetti eram homens da universidade; e desses três, Keats, que morreu jovem, cortado em seu auge, foi o único que não se saiu muito bem. Pode parecer uma coisa brutal de se dizer, e é uma coisa triste de se dizer: mas, na verdade, a teoria de que o gênio poético sopra onde quer, e igualmente em pobres e ricos, contém pouca verdade. Na verdade, nove desses doze eram homens universitários: o que significa que de uma forma ou de outra eles obtiveram os meios para obter a melhor educação que a Inglaterra pode oferecer. escreveu Saul ou O Anel e o Livro do que Ruskin teria conseguido escrever Pintores Modernos se seu pai não tivesse prosperado nos negócios, e James Thomson com o láudano que ele levou para a decepção com as drogas. como nação - certo de que, por

alguma falha em nossa comunidade, o pobre poeta não tem nestes dias, nem teve por duzentos anos, a chance de um cão. Acredite em mim - e passei grande parte de dez anos observando cerca de trezentas e vinte escolas primárias - podemos tagarelar sobre democracia, mas na verdade, uma criança pobre na Inglaterra tem pouco mais esperança do que o filho de um escravo ateniense de ser emancipado para aquela liberdade intelectual da qual nascem os grandes escritos.

Ninguém poderia colocar a questão de forma mais clara. "O pobre poeta não tem nestes dias, nem há duzentos anos, a menor chance... uma criança pobre na Inglaterra tem pouco mais esperança do que o filho de um escravo ateniense de ser emancipado para aquela liberdade intelectual da qual nascem os grandes escritos." É isso. A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não apenas durante duzentos anos, mas desde o início dos tempos. As mulheres tiveram menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, então, não tiveram a menor chance de escrever poesia. É por isso que coloquei tanta ênfase no dinheiro e em um quarto próprio. No entanto, graças ao trabalho daquelas mulheres obscuras do passado, sobre as quais gostaria que soubéssemos mais, graças, curiosamente, a duas guerras, a da Crimeia, que deixou Florence Nightingale sair da sua sala de estar, e a Guerra Europeia, que abriu as portas à mulher média, cerca de sessenta anos mais tarde, estes males estão em vias de serem superados. Caso contrário, você não estaria aqui esta noite, e sua chance de ganhar quinhentas libras por ano, por mais precária que temo que ainda seja, seria mínima ao extremo.

Ainda assim, você pode objetar, por que você atribui tanta importância a essa escrita de livros por mulheres quando, segundo você, isso exige tanto esforço, leva talvez ao assassinato das tias, quase certamente fará com que alguém se atrase para o almoço, e pode levar alguém a disputas muito graves com certos camaradas muito bons? Meus motivos, admito, são parcialmente egoístas. Como a maioria das inglesas sem instrução, gosto de ler — gosto de ler livros em grande quantidade. Ultimamente minha dieta tornou-se um pouco monótona; a história trata muito de guerras; biografia demais sobre grandes homens; a poesia mostrou, penso eu, uma tendência à esterilidade e à ficção - mas expus suficientemente as minhas deficiências como crítico da ficção moderna e não direi mais nada sobre isso. Portanto, eu pediria que você escrevesse todos os tipos de livros, sem hesitar em nenhum assunto, por mais trivial ou vasto que fosse. Por bem ou por mal, espero que vocês possuam dinheiro suficiente para viajar e ficar ociosos, para contemplar o futuro ou o passado do mundo, para sonhar com livros e vadiar nas esquinas e deixar a linha de pensamento mergulhar profundamente na corrente. Pois não estou de forma alguma limitando você à ficção. Se você me agradasse - e há milhares como eu - você escreveria livros de viagens e aventuras, e pesquisas e estudos, e história e biografia, e crítica e filosofia e ciência. Fazendo isso você certamente lucrará com a arte da ficção. Pois os livros têm uma maneira de influenciar uns aos outros. A ficção será muito melhor se ficar lado a lado com a poesia e a filosofia. Além disso, se considerarmos qualquer grande figura do passado, como Safo, como Lady Murasaki, como Emily Brontë, descobriremos que ela é uma herdeira e também uma originadora, e que surgiu porque as mulheres passaram a ter o hábito de escrever naturalmente; de modo que, mesmo como prelúdio à poesia, tal atividade de sua parte seria inestimável.

Mas quando relembro essas anotações e critico minha própria linha de pensamento à medida que as escrevi, descubro que meus motivos não eram de todo egoístas. Permeia estes comentários e discursões a convicção – ou será o instinto? – de que bons livros são desejáveis e de que bons escritores, mesmo que mostrem toda a variedade de depravação humana, ainda são bons seres humanos. Assim, quando lhe peço que escreva mais livros, estou insistindo para que faça o que for para o seu bem e para o bem do mundo em geral. Não sei como justificar esse instinto ou crença, pois as palavras filosóficas, se alguém não foi educado em uma universidade, podem ser falsas. O que se entende por “realidade”? Pareceria ser algo muito errático, muito pouco confiável – ora encontrado numa estrada poeirenta, ora num pedaço de jornal na rua, ora um narciso ao sol. Ilumina um grupo em uma sala e estampa algum ditado casual. Ele domina quem caminha para casa sob as estrelas e torna o mundo silencioso mais real do que o mundo da fala – e então lá está ele novamente em um ônibus no alvoroço de Piccadilly. Às vezes, também, parece habitar em formas muito distantes para que possamos discernir qual é a sua natureza. Mas tudo o que toca, ele conserta e torna permanente. Isso é o que resta quando a pele do dia é lançada na sebe; isso é o que resta do tempo passado e dos nossos amores e ódios. Agora o escritor, penso eu, tem a chance de viver mais do que outras pessoas na presença dessa realidade. É função dele encontrá-lo, coletá-lo e comunicá-lo ao resto de nós. Portanto, pelo menos deduzo da leitura de Lear ou Emma ou La Recherche du Temps Perdu. Pois a leitura desses livros parece realizar uma curiosa operação de estímulo aos sentidos; depois vemos com mais intensidade; o mundo parece despido de sua cobertura e recebendo uma vida mais intensa. Essas são as pessoas invejáveis que vivem em inimizade com a irrealidade; e são os lamentáveis que levam uma

pancada na cabeça por algo feito sem saber ou se importar. Portanto, quando peço que ganhem dinheiro e tenham um quarto próprio, estou pedindo que vivam na presença da realidade, uma vida revigorante, ao que parece, quer possamos transmiti-la ou não.

Aqui eu pararia, mas a pressão da convenção decreta que todo discurso deve terminar com uma peroração. E uma peroração dirigida às mulheres deveria ter algo, você concordará, de particularmente exaltante e enobecedor. Eu deveria implorar que você se lembre de suas responsabilidades, seja mais elevado, mais espiritual; Devo lembrá-lo do quanto depende de você e da influência que você pode exercer sobre o futuro. Mas creio que essas exortações podem ser deixadas com segurança para o outro sexo, que as apresentará, e de fato as apresentará, com muito mais eloquência do que posso compreender. Quando vasculho minha própria mente, não encontro sentimentos nobres sobre ser companheiros e iguais e influenciar o mundo para fins mais elevados. Encontro-me dizendo de forma breve e prosaica que é muito mais importante ser você mesmo do que qualquer outra coisa. Não sonhe em influenciar outras pessoas, eu diria, se soubesse como fazer isso parecer exaltado. Pense nas coisas em si.

E novamente me lembro, ao pesquisar jornais, romances e biografias, que quando uma mulher fala com outras mulheres, ela deve ter algo muito desagradável na manga. As mulheres são duras com as mulheres. As mulheres não gostam de mulheres. Mulheres - mas vocês não estão fartas da palavra? Posso garantir que sim. Concordemos, então, que um artigo lido por uma mulher a mulheres deveria terminar com algo particularmente desagradável.

Mas como é que isso acontece? O que posso pensar? A verdade é que muitas vezes gosto de mulheres. Gosto da sua natureza pouco convencional. Gosto da sutileza deles. Gosto do anonimato deles. Eu gosto, mas não devo continuar assim. Aquele armário ali - você diz que só contém guardanapos limpos; mas e se Sir Archibald Bodkin estivesse escondido entre eles? Deixe-me então adotar um tom mais severo. Nas palavras anteriores, transmiti-lhe suficientemente as advertências e reprovações da humanidade? Eu lhe contei a opinião muito negativa que o Sr. Oscar Browning tinha sobre você. Indiquei o que Napoleão pensava de você e o que Mussolini pensa agora. Então, caso algum de vocês aspire à ficção, copiei para seu benefício o conselho do crítico sobre reconhecer corajosamente as limitações do seu sexo. Referi-me ao Professor X e dei destaque à sua afirmação de que as mulheres são intelectual, moral e fisicamente inferiores aos homens. Transmiti tudo o que encontrei em meu caminho, sem procurá-lo, e aqui está um aviso final - do Sr. John Langdon Davies. John Langdon Davies adverte as mulheres "que quando os filhos deixam de ser totalmente desejáveis, as mulheres deixam de ser totalmente necessárias". Espero que você tome nota disso.

Como posso encorajá-lo ainda mais a cuidar dos negócios da vida? Jovens mulheres, eu diria, e por favor compareçam, pois a peroração está começando, vocês são, em minha opinião, vergonhosamente ignorantes. Você nunca fez uma descoberta de qualquer tipo de importância. Você nunca abalou um império ou liderou um exército na batalha. As peças de Shakespeare não são de sua autoria, e você nunca apresentou a uma raça bárbara as bênçãos da civilização. Qual é a sua desculpa? É muito bom que você diga, apontando para as ruas, praças e florestas do globo repletas de habitantes negros e brancos e cor de café, todos ocupados no trânsito, nos

negócios e no ato amoroso, que tivemos outro trabalho em nossas mãos. Sem a nossa acção, esses mares não seriam navegados e essas terras férteis seriam desertas. Geramos, criamos, lavamos e ensinamos, talvez até a idade de seis ou sete anos, os mil seiscentos e vinte e três milhões de seres humanos que, segundo as estatísticas, existem atualmente, e isso, admitindo que alguns tiveram ajuda, leva tempo.

Há verdade no que você diz - não vou negar. Mas, ao mesmo tempo, devo lembrá-lo de que existiram pelo menos duas faculdades para mulheres na Inglaterra desde o ano de 1866; que depois do ano de 1880 uma mulher casada foi autorizada por lei a possuir sua própria propriedade; e que em 1919 - ou seja, nove anos atrás - ela teve direito a voto? Gostaria também de lembrar que a maioria das profissões está aberta para você há quase dez anos? Quando reflectirmos sobre estes imensos privilégios e sobre o período de tempo durante o qual foram usufruídos, e sobre o fato de que neste momento deve haver cerca de duas mil mulheres capazes de ganhar mais de quinhentos dólares por ano, de uma forma ou de outra, concordaremos que a desculpa da falta de oportunidade, formação, incentivo, lazer e dinheiro já não é válida. Além disso, os economistas dizem-nos que a Sra. Seton teve demasiados filhos. É claro que você deve continuar a gerar filhos, mas, como dizem, aos dois e aos três, não às dezenas e aos doze.

Assim, com algum tempo disponível e com algum aprendizado de livros em sua mente - você já está farto do outro tipo e foi mandado para a faculdade, em parte, suspeito, para não ter instrução - certamente você deveria embarcar em outro estágio de sua carreira muito longa, muito trabalhosa e altamente obscura. Mil canetas estão prontas para sugerir o que você deve fazer e que efeito terá. Minha sugestão é um pouco fantástica, admito;

Prefiro, portanto, colocá-lo em forma de ficção.

Eu lhe contei no decorrer deste artigo que Shake Speare tinha uma irmã; mas não a procure na vida do poeta de Sir Sidney Lee. Ela morreu jovem - infelizmente, ela nunca escreveu uma palavra. Ela está enterrada onde os ônibus agora param, em frente ao Elefante e ao Castelo. Agora acredito que este poeta que nunca escreveu uma palavra e foi enterrado numa encruzilhada ainda vive. Ela vive em você e em mim, e em muitas outras mulheres que não estão aqui esta noite, pois estão lavando a louça e colocando as crianças na cama. Mas ela vive; pois os grandes poetas não morrem; são presenças contínuas; eles precisam apenas da oportunidade de caminhar entre nós na carne. Esta oportunidade, penso eu, está agora ao seu alcance para lhe dar. Pois a minha convicção é que se vivermos mais ou menos mais um século - estou a falar da vida comum que é a vida real e não das pequenas vidas separadas que vivemos como indivíduos - e tivermos quinhentas libras por ano cada um de nós e quartos próprios; se tivermos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que pensamos; se fugirmos um pouco da sala de estar comum e vermos os seres humanos nem sempre na sua relação uns com os outros, mas em relação à realidade; e o céu também, e as árvores ou o que quer que seja em si; se olharmos além do fantasma de Milton, pois nenhum ser humano deveria excluir essa visão; se encararmos o fato, porque é um fato, de que não há braço a que nos agarrarmos, mas que vamos sozinhos e que a nossa relação é com o mundo da realidade e não apenas com o mundo dos homens e das mulheres, então a oportunidade surgirá e a poetisa morta que era irmã de Shakespeare vestirá o corpo que tantas vezes deitou. Tirando sua vida das vidas dos desconhecidos que foram seus precursores, como seu irmão fez antes dela, ela nascerá. Quanto a ela vir sem essa preparação, sem esse esforço da

nossa parte, sem essa determinação de que quando nascer de novo terá condições de viver e escrever a sua poesia, isso não podemos esperar, pois isso seria impossível. Mas afirmo que ela viria se trabalhássemos para ela, e que trabalhar assim, mesmo na pobreza e na obscuridade, vale a pena.